

A

GRANDE APOSTASIA

**Considerada à Luz da
História Secular e Bíblica**

Por

JAMES E. TALMAGE

DIGITAÇÃO

GENARO LÚCIO DE AGUIAR

PREFÁCIO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, proclama a restauração e o restabelecimento da Igreja primitiva nesta dispensação da Plenitude dos Tempos. Tivesse a Igreja de Cristo continuado entres os homens, desde o início, com a sucessão do poder e sacerdócio na atual dispensação.

A Igreja restaurada afirma que uma apostasia geral se desenvolveu durante e após o período apostólico, e que a Igreja primitiva perdeu seu poder, autoridade e graças, como instituição divina, tornando-se uma simples organização terrena. O significado e importância da grande apostasia, como condição precedente ao restabelecimento da Igreja nos tempos modernos, são óbvios. Se a alegada apostasia da Igreja primitiva não foi real, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não é a instituição divina que seu nome proclama.

A evidência do declínio e extinção da Igreja primitiva entre os homens se encontra nos registros sagrados e na história secular. Nas páginas a seguir, o autor teve como objetivo apresentar uma síntese da mais importante dessas evidências. E ele se refere liberalmente a muitas fontes de informações, com o devido reconhecimento de todas as citações. Esse trabalho foi escrito na esperança de que seja útil aos élderes no campo missionário, às classes e aos quoruns empenhados no estudo de assuntos teológicos em casa, e para os pesquisadores sinceros dos ensinamentos e afirmações da Igreja Restaurada de Jesus Cristo.

TALMAGE

JAMES E.

SALT LAKE CITY. UTAH.
1° de Novembro de 1909

ÍNDICE

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO: O ESTABELECIMENTO DA IGREJA DE CRISTO

Condições no início da era cristã__ Sistemas religiosos dos judeus, pagãos e samaritanos__ Partidos e seitas judaicas__ A lei de Moisés cumprida e substituída__ Apóstolos escolhidos e ordenados__ Administração apostólica__ A Igreja estabelecida no hemisfério ocidental__ “ O meridiano dos tempos”.....1-17

CAPÍTULO II

PREDIÇÃO DA APOSTASIA

A igreja não continuou com sucessão ininterrupta__ Presciência Divina__ Os propósitos divinos não serão frustrados__ A apostasia dos adeptos da Igreja comparada à apostasia da igreja__ Predições específicas concernentes à apostasia__ Temporariedade da lei de Moisés__ A profecia fatídica de Isaías__ Predições de Jesus Cristo__ De Paulo__ De Pedro__ De Judas__ De João, o revelador__ Predita a apostasia no hemisfério ocidental.....18-38

CAPÍTULO III

OS PRIMEIROS PERÍODOS DA APOSTASIA

A apostasia reconhecida na era apostólica__ Testemunho de Paulo__ Mistério da injustiça__ Resumo dos pronunciamentos de Paulo concernentes à apostasia__ Testemunho de Judas__ De João, o revelador__ mensagens às igrejas da Ásia__ Denúncias dos nicolaítas__ Testemunho de Hegesipo__ Primeiras dissensões na igreja__ Declínio da Igreja antes do término do primeiro século__ apostasia do hemisfério ocidental__ Destruição da nação nefita pelos lamanitas.....39-53

ÍNDICE

CAPÍTULO I V

CAUSAS DA APOSTASIA - CAUSAS EXTERNAS

Causas da apostasia, externas e internas__ Perseguição como uma causa externa__	
Judaísmo e paganismo lutam contra a Igreja__ Perseguição judaíta__ Seu	
cumprimento__	Destruição
de	
Jerusalém.....	54 – 63

CAPÍTULO V

CAUSAS DA APOSTASIA - CAUSAS EXTERNAS(Continuação)

Perseguição pagã__ Oposição romana ao cristianismo, explanação__ Número de	
perseguições pelos romanos__ Perseguição no reinado de Nero__ Por Domiciano__ Por	
Trajano__ Por Marco Aurélio__ Perseguições posteriores__ Perseguição por	
Deocleciano__ extensão da perseguição de Deocleciano__ Deocleciano proclama a	
extinção cristandade__ A Igreja sob a proteção de Constantino, O Grande.....	64 –
81	

CAPÍTULO VI

CAUSAS DA APOSTASIA – CAUSAS INTERNAS

Diversos efeitos da perseguição__ Zelo imprudente de alguns__ Retorno à idolatria por	
outros__ “Libelos” atestando a apostasia individual__ triste condição da Igreja no século	
terceiro__ Testemunho quanto às condições da apostasia nesse período__ Declínio da	
Igreja antecede a conversão de Constantino__ abandono do Cristianismo__ Causas	
específicas da crescente apostasia.....	85 –
95	

CAPÍTULO VII

CAUSAS INTERNAS - (Continuação)

Primeira causa específica__ “ A corrupção dos princípios do evangelho pelo acréscimo dos pretensos sistemas filosóficos da época”__ Perseguições judaístas__ Mescla do gnosticismo ao cristianismo__ Insatisfatório o gnosticismo__ Neoplatônicos__ doutrina do Logos__ “A palavra”__ Sibelianismo__ Arianismo__ Concílio de Nicéia condena o arianismo__ O credo de Nicéia__ O credo de Atanásio__ Visões pervertidas da vida__ Menosprezo à verdade.....96 -
112

ÍNDICE

CAPÍTULO VIII

CAUSAS INTERNAS - (Continuação)

Segunda causa específica: “Adições não autorizadas às cerimônias da Igreja, e a introdução de alterações vitais nas ordenanças essenciais”__ Simplicidade primitiva de adoração ridicularizada__ Formalidades e superstições aumentam__ adoração de imagens etc.__ Alterações na ordenança do batismo__ Restrição na administração batismal__ introduzida a ministração do exorcismo__ imersão substituída pela aspensão__ Introduzido o batismo de crianças__ Alterações na ordenança do sacramento da ceia do Senhor__ A fraude da transubstanciação__ Adoração da “hóstia”__ Prova da condição apóstata da Igreja.....113 – 129

CAPÍTULO IX

CAUSAS INTERNAS - (Continuação)

Terceira causa específica: “Alterações não autorizadas na organização e governo da Igreja”__ Governo primitivo da Igreja__ Igualdade dos Bispos__ Origem dos sínodos ou conselhos da Igreja__ Os Bispos de Roma reclamam supremacia__ assumem o título de papa__ autoridade secular defendida pelo papa__ Indulgências ou perdões__ A abominável doutrina da supererrogação__ O comércio das indulgências__ Tetzl, agente papal__ Cópia de uma indulgência__ O pecado da blasfêmia__ proibição da leitura das escrituras sagradas__ Denúncia de Draper contra o papado.....130 - 149

CAPÍTULO X

RESULTADO DA APOSTASIA – SUAS CONSEQUÊNCIAS

Revoltas contra a Igreja de Roma__ John Wickliffe, na Inglaterra__ John Huss e Jerome de Praga__ Início da Reforma__ Martinho Lutero; sua revolta; sua excomunhão; sua defesa em Worms__ Os protestantes__ Zwinglio e Calvino__ A inquisição__ Zelo dos reformadores__ Florescimento da Igreja Anglicana__ Predomínio divino nos acontecimentos da reforma__ A “Igreja madre”, apóstata__ o erro de assumir para si próprio a autoridade divina__ Ordem sacerdotal da Igreja Anglicana declarada sem valor pela igreja “madre”__ Admissão e confirmação da apostasia__ O testemunho de Wesley__ Declaração pela Igreja Anglicana__ Declaração divina da apostasia__ As conseqüências__ A visão do Revelador sobre a restauração__ A Igreja restabelecida no século dezenove.....150 - 170

A GRANDE APOSTASIA

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO: O ESTABELECIMENTO DA IGREJA DE CRISTO

- 1- Uma crença comum a todas as seitas e igrejas que professam o cristianismo, é que Jesus Cristo, o salvador e redentor da raça humana, estabeleceu sua igreja na terra através de ministração pessoal no meridiano dos tempos. A história eclesiástica, distinta da história secular, trata das experiências da Igreja desde seu estabelecimento. Chamam a nossa atenção as condições da fundação original da Igreja.
- 2- No início da era cristã os judeus, bem como a maioria das outras nações, estavam sujeitos ao Império Romano (ver nota 1 no fim do capítulo). Apesar de se lhes permitirem um grau considerável de liberdade nas observâncias religiosas e costumes nacionais em geral, sua situação estava longe de ser comparada com a de um povo livre e independente.
- 3- O período era de relativa paz. Foi a época em que conheceu o menor número de guerras e dissensões de que se tem notícia, no Império, durante muitos anos. Essas condições eram favoráveis à missão de Cristo e ao estabelecimento de sua igreja.
- 4- Os sistemas religiosos do tempo do ministério terreno de Cristo podem ser classificados, de modo geral como judaico e pagão, e um de pouca importância – o samaritano – essencialmente uma mistura dos outros dois. Somente os filhos de Israel proclamavam a existência do verdadeiro Deus vivo; somente eles esperavam o advento do messias, a quem erroneamente aguardavam como um conquistador que esmagaria os inimigos da pátria. Todas as demais nações, línguas e povos, curvavam-se às deidades pagãs e sua adoração consistia em apenas sensuais ritos idólatras. O paganismo (ver nota 2 no fim do capítulo) era uma religião de forma e cerimônias baseadas no politeísmo, pois admitiam a existência de muitos deuses, sujeitos a todos os vícios e paixões da humanidade, embora distintos, por serem imunes à morte. Moralidade e virtude eram elementos desconhecidos no ritual pagão; a idéia dominante na adoração pagã

era a de agradar aos deuses, na esperança de afastar sua ira e alcançar-lhe a graça.

- 5- Os israelitas, ou judeus, como eram conhecidos coletivamente, permaneciam afastados das outras nações como orgulhosos possuidores de conhecimento superior, de uma linhagem e literatura, com uma organização sacerdotal e um sistema de leis que os separavam e os distinguiam como um povo peculiar e único. Os judeus olhavam seus vizinhos idólatras com repugnância e desrespeito, e eram tratados com escárnio, como fanáticos e inferiores.
- 6- Os judeus enquanto distintos do resto do mundo como povo, não eram absolutamente unidos. Pelo contrário, estavam sempre divididos entre si em matéria de profissão e práticas religiosas. Em primeiro lugar, havia uma inimizade mortal entre os judeus propriamente ditos e os samaritanos. Estes que habitavam certa província entre a Judéia e a galiléia, eram um povo formado, em grande parte, pelo casamento de colonizadores assírios com judeus. Embora afirmassem crer no Jeová do Velho Testamento, praticavam muitos ritos próprios ao paganismo que diziam ter abandonado; e eram considerados pelos judeus como antiortodoxos e condenados.
- 7- Os próprios judeus estavam divididos em muitas seitas e partidos contenciosos, entre os quais se destacavam os fariseus, saduceus, além dos essênios, galileus, herodianos, etc.
- 8- Os judeus viviam sob a lei de Moisés, cuja observância exterior era forçada por regras sacerdotais, enquanto o espírito da lei era geralmente ignorado pelos sacerdotes e pelo povo. Que a lei mosaica fora dada como preparação para algo melhor, foi posteriormente afirmado por Paulo, na epístola aos santos da Galácia: “De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo...” (Gálatas 3:24). O fato de que uma lei superior estava para substituir a inferior e demonstrado claramente nos próprios ensinamentos do Salvador: “ Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo:... ouvistes o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela...Outrossim, ouvistes o que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. Eu porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis... Ouviste o que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu porém, vos digo que não resistais ao mal... Ouvistes o que foi dito: Amarás a teu próximo, e aborrecerás ao teu inimigo. Eu porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei aos que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.” (Mateus 5:21-44; ler o capítulo inteiro.)
- 9- Estes ensinamentos, baseados no amor, tão diferentes do espírito de retaliação a que estavam acostumados sob a lei, causaram grande surpresa entre o povo. Entretanto, afirmando o fato de que a lei não devia ser ignorada e que somente podia ser suplantada pelo seu cumprimento, o Mestre disse: “ Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.” (Mateus 5:17-18.)

- 10- É evidente que o Mestre viera com uma doutrina maior do que a então conhecida, e que os ensinamentos do dia eram insuficientes: “porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Versículo 20.)
- 11- O próprio Jesus era rigoroso no cumprimento de todas as exigências justas da lei. Recusava-se, entretanto, a concordar com a observância da letra apenas, embora rigidamente requerida, como um substituto para a submissão ao espírito da injunção mosaica.
- 12- Os excelentes ensinamentos e preceitos da verdadeira moralidade apreçados por Cristo prepararam a mente dos que acreditaram em suas palavras para a introdução de evangelho em sua pureza e para o estabelecimento da Igreja de Cristo como organização terrena.
- 13- Dentre os discípulos que o seguiram, alguns dos quais haviam sido honrados por chamados preliminares, escolheu doze homens que ordenou ao apostolado: “E nomeou doze, para que estivessem com ele e os mandasse a pregar” (Marcos 3:14). E ainda: “E quando já era dia, chamou a si os seus discípulos a quem também deu o nome de apóstolos” (Lucas 6:13; comparar com Mateus 10:1,2). As doze testemunhas especiais dele e de sua obra foram enviadas a pregar em muitas cidades dos judeus. Nessa primeira missão, foram instruídos a restringir suas administrações à casa de Israel. A idéia principal de sua mensagem era: “É chegado o reino dos céus” (Mateus 10:7; estudar o capítulo inteiro). Foi-lhes dito que usassem o poder que receberam por ordenação, para pregar, curar enfermos, levantar os mortos, e subjugar os espíritos malignos. A admoestação do Mestre era: “ De graça recebestes, de graça daí.” Deviam viajar sem dinheiro ou provisões, confiantes numa força superior para suprir suas necessidades através da cooperação daqueles a quem iriam oferecer a mensagem da verdade; e foram advertidos sobre as adversidades que os esperavam e as perseguições que mais cedo ou mais tarde cairiam sobre eles.
- 14- Posteriormente, Cristo chamou outros para trabalhar no ministério e os enviou em pares para irem adiante dele e prepararem o povo para a sua chegada. Assim, sabemos da existência dos “setentas”, que foram instruídos em termos quase idênticos aos da missão apostólica. (Lucas 10, comparar com Mateus 10.) Que a investidura deles era de autoridade e poder e não mera formalidade, vê-se pelo sucesso obtido, pois, quando regressaram triunfantes, disseram: “ Senhor, pelo teu nome até os demônios se nos sujeitam” (Lucas 10:17).
- 15- A incumbência específica dada aos apóstolos na época de sua ordenação foi mais tarde confirmada. Eles foram submetidos à solene ordenança conhecida como lava-pés, tão necessária, que em resposta a objeção de Pedro, o Senhor disse: “ Se eu te não lavar, não tens parte comigo” (João 13:4-9). Aos onze que haviam permanecido fiéis, o Senhor ressuscitado deu as últimas instruções pouco antes da ascensão: “ Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” Após a partida de Cristo, os apóstolos se entregaram ao ministério com vigor: “ E eles tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram.” (Marcos 16:14-20; comparar com Mateus 28:19-20.)
- 16- Estas escrituras mostram a autoridade dos apóstolos para administras as atividades da Igreja após a ascensão do Messias ressuscitado. A Pedro membro

principal do conselho apostólico, foi dada a posição de presidente, o que é evidenciado pela admoestação e mandamento do salvador nas praias do mar de Tiberíades. (João 21:15-17.)

- 17- Os apóstolos compreenderam que, embora o mestre houvesse partido, deixara-lhes autoridade para edificar a igreja como organização estabelecida. Isto é abundantemente comprovado nas escrituras. Em primeiro lugar, procuram preencher a vaga no conselho presidente ou “quorum dos doze”, ocasionada pela apostasia e morte de Judas Iscariotes; e a maneira de proceder nesse ato oficial é instrutiva. A escolha de um novo apóstolo não era determinada somente pelos onze; sabemos que os discípulos (ou membros da igreja) foram reunidos cerca de cento e vinte. Pedro apresentou-lhes o assunto a resolver e acentuou o fato de que o homem a ser escolhido devia ter conhecimento e testemunho pessoal do ministério do Senhor, estando, portanto, qualificado para falar como testemunha especial de Cristo, qualificação característica do apostolado. “Portanto”, disse Pedro, “é necessário, pois, que dos varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor saiu e entrou dentre nós, começando desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi recebido em cima, um deles se faça conosco testemunha de sua ressurreição.” (Atos 1:21,22; ler também os versículos 15-26.) Somos ainda informados de que dois homens foram indicados e invocado o poder divino para indicar se um dos dois e, neste caso, qual deles, era a escolha do Senhor. Lançados os votos, “caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos”.
- 18- É evidente que os apóstolos consideraram seu conselho ou quorum co o definitivamente organizado com o limite de doze membros; e que a obra da igreja requeria que a organização fosse completa. Não obstante, não sabemos de escolhas além desta para preenchimento de vagas no conselho dos doze. Paulo, que antes da conversão era conhecido como Saulo de Tarso, recebeu uma manifestação especial, em que ouviu a voz de Senhor ressuscitado, declarando: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.” (Atos 9:5, ler versículos 1-22.) Assim, ele se tornou testemunha especial do Senhor Jesus e como tal era em verdade um apóstolo, embora as escrituras não registrem que ele tenha sido membro do conselho dos doze. Como indicação da importância da ordenação para officiar sob as mãos de autoridades devidamente constituídas, temos o exemplo da ordenação de Paulo. Apesar de haver conversado com Jesus ressuscitado, e ter sido alvo de especial manifestação do poder divino na restauração de sua vista, teve que ser batizado; e, mais tarde, foi comissionado na obra do ministério, pela imposição de mãos autorizada (Atos 13:1-3.)
- 19- Outro exemplo de ação oficial na escolha e eleição de homens para um cargo especial na igreja, ocorreu logo após a ordenação de Matias. Parece que um dos aspectos da organização da igreja, no início dos dias apostólicos, era a posse comum das coisas materiais, cuja distribuição era feita de acordo com as necessidades. Aumentando o número de membros, tornou-se impraticável aos apóstolos devotar atenção e tempo a esses problemas temporais. Assim, convocaram os membros para de sete homens de reputação honesta, a quem os apóstolos encarregariam desses assuntos. Esses homens foram escolhidos com orações e imposição das mãos.(Atos 6:1-7.) O exemplo é instrutivo e mostra que os apóstolos compreendiam sua própria autoridade para dirigir as atividades da

Igreja e que observavam com estrita fidelidade os princípios do consentimento comum na administração de seu alto cargo. Exerciam seus poderes sacerdotais com espírito de amor, e com o devido respeito pelos direitos das pessoas que presidiam.

- 20- Sob a administração dos apóstolos, e outros que labutavam sob sua orientação em posições de menor autoridade, a Igreja cresceu em número e em influência (nota 3 no fim do capítulo). Durante dez ou doze anos após a ascensão de Cristo, Jerusalém continuou sendo a sede da Igreja; mais ramos ou “igrejas” como eram designados nas escrituras foram estabelecidos em províncias distantes. Organizados esses ramos, eram chamados bispos, diáconos e outros oficiais, sem dúvida ordenados por autoridade, para ministrar em atividades locais (ver Filipenses 1:1, comparar com I Timóteo 3:1, 2, 8, 10).
- 21- É evidente, a julgar pelo rápido crescimento da Igreja nos tempos apostólicos, que a comissão do Senhor Jesus aos apóstolos, instruindo-os a pregar amplamente o evangelho, foi executada com presteza e zelo (Atos 6:7; 12:24; 19:20). Em 64 D.C., quase trinta anos após a ascensão, Paulo declara que o evangelho já fora levado a toda nação: “o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu” (Colossenses 1:23, comparar com o versículo 6). O apóstolo, sem dúvida, queria dizer que a mensagem do evangelho tinha sido de modo tão amplo, que todos que quisessem poderia ter conhecimento dela.
- 22- Os pormenores quanto à organização da Igreja nos dias apostólicos não foram dados. Como vimos, a autoridade presidente era investida nos doze apóstolos. Além disso, o cargo especial dos setentas recebeu certa atenção; mas além destes, havia evangelista, pastores e mestres (Efésios 4:11), sumo sacerdotes (Hebreus 5:1-5), anciãos, (Atos 14:23; 15:6; I Pedro 5:1), bispos (I Timóteo 3:1; Tito 1:7) etc. o propósito desses ofícios é explicado por Paulo, como sendo para o “aperfeiçoamento dos santos para obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4:12; também vers. 13-16). A Igreja, com seus ofícios graduados e seus dons espirituais, foi comparada a um corpo perfeito com órgãos separados e membros individuais, cada um deles necessário para o bem-estar do todo, apesar de não ser independente do resto. Como no organismo humano, na Igreja de Cristo ninguém pode dizer com propriedade ao outro. “Não tenho necessidade de ti.” (Ver I Coríntios 12:21. Ver nota 4 no fim do capítulo.)

A IGREJA DE CRISTO NO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

- 23- Já vimos nas escrituras judaicas, como a Igreja foi estabelecida e se tornou forte na Ásia e Europa, durante e logo após o meridiano dos tempos. As escrituras citadas tocam todos os cristãos sinceros; a autoridade é a do Novo Testamento. Vamos agora considerar o estabelecimento da Igreja entre aqueles que constituíam outra divisão da casa de Israel — um povo que habitava o que é conhecido como continente Americano.
- 24- Para quem não está familiarizado com as escrituras nefitas, publicadas para o mundo como o Livro de Mórmon, apresentamos um breve resumo histórico (Ver nota 5 no fim do capítulo). No ano 600 ^aC., no reinado do Rei Zedequias,

uma pequena colônia saiu de Jerusalém, conduzida por um profeta inspirado, chamado Léhi. Essas pessoas foram levadas, com o auxílio divino, às praias do mar Arábico, onde construíram um barco no qual cruzaram as grandes águas até a costa ocidental da América do Sul, onde chegaram no ano 590 ^aC. logo se dividiram em dois grupos chefiados respectivamente por Néfi e Lamã, filhos de Léhi; esses grupos cresceram, tornando-se nações rivais, conhecidas na história como nefitas e lamanitas. Os primeiros se desenvolveram, enquanto os últimos regrediram nas artes e na civilização. Os profetas nefitas predisseram o advento do Messias, e previram seu ministério, crucificação, e ressurreição.

- 25- Os registros declaram que o Messias apareceu em pessoa entre os nefitas, no continente ocidental. Isto foi logo após sua ascensão do monte das oliveiras. Esse grande acontecimento foi predito por Cristo quando esteve na terra. Comparando-se ao bom pastor que dá a vida pelas ovelhas, ele disse: "tenho outras ovelhas que não são deste aprisco: a essas me convém conduzir; e ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor." (3 Néfi 15:21; João 10:16.)
- 26- Segundo os anais nefitas, certos sinais preditas da morte do Salvador haviam-se realizado. Houve terremotos destruidores e outras terríveis convulsões da natureza no mundo ocidental, enquanto a suprema tragédia se cumpria no Calvário. O povo da terra de abundância, compreendendo a parte norte da América do Sul, continuava assombrado com as grandes convulsões que os tinham aterrorizado poucas semanas antes, e certo dia reuniu-se para discutir o sucedido, quando ouviram uma voz que parecia vir dos céus, dizendo: "Eis aqui meu filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir" (3 Néfi 11:7; ler o capítulo inteiro). Olhando para o alto, viram um homem que descia. Vestia uma túnica branca, e quando chegou à terra disse: "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas... levantai-vos e vinde a mim para que possais tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, para que possais saber que eu sou o Deus de Israel e o Deus de toda terra, e que fui morto pelos pecados do mundo" (versículos 10, 14).
- 27- Cristo prosseguiu instruindo o povo no plano do evangelho conforme o pregara, e na constituição da Igreja por ele estabelecida no oriente. Visitou o povo nefita em ocasiões posteriores, ensinou-lhes muitos dos preceitos ensinados aos judeus; salientou a doutrina do batismo e outras ordenanças essenciais à salvação; instruiu o sacramento em lembrança de sua morte expiatória; escolheu e comissionou doze apóstolos, a quem conferiu autoridade na igreja; explicou a importância de designar a organização pelo seu próprio nome — Igreja de Cristo; e anunciou o cumprimento da lei de Moisés e o fato de que seria, daquela data em diante, substituída pelo evangelho incorporado na igreja Por ele estabelecida. No plano de organização, nas doutrinas e preceitos, e ordenanças prescritas, a Igreja de Cristo, no ocidente, era uma reprodução fiel da Igreja na palestina.
- 28- Assim no meridiano dos tempos, a igreja de Deus foi fundada em ambos os lados da terra. Em sua primitiva simplicidade e beleza, exibia a majestade de uma instituição divina. É agora nosso triste dever considerar o declínio do poder espiritual dentro da Igreja, e sua conseqüente apostasia.

NOTAS

AS CONDIÇÕES NO COMEÇO DA ERA CRISTÃ. — “por ocasião do nascimento de Cristo, a unidade política de todas as nações do mundo tornou possível a existência de uma grande monarquia. Augusto em Roma, era o único poder para o qual se voltavam todas as nações... Nenhum príncipe, rei ou potentado de qualquer nome podia quebrar a calma que tal domínio universal garantia... foi essa época singular que Jesus nasceu. Toda terra permanecia em profunda paz. Todas as nações estavam livremente abertas à mensagem de misericórdia e amor que ele veio anunciar. A condição moral e social do mundo inteiro, na ocasião do nascimento de Cristo, não era menos própria para seu advento que a política. O prêmio do poder universal pelo qual se lutou durante sessenta anos de conspirações e desoladoras guerras civis, havia finalmente sido ganho por Augusto. Sila e Mário, Pompeu e César, lançaram suas legiões umas contra as outras na Itália e nas províncias, saturando a terra de sangue. O próprio Augusto só conquistara o trono após treze anos de guerra, envolvendo regiões bastantes separadas entre si. O mundo estava exausto pela prolongada agonia causada por esses conflitos; ansiava agora por repouso.” (Cunningham Geikie, “The Life and Works of Christ”, N. York, 1894, vol. I, p. 25.)

“Quando Cristo nasceu, o império Romano estava menos agitado pelas guerras e tumultos que há muitos anos. Ainda que não concordemos com a opinião daqueles que, seguindo o relato de Osório, afirmam que o templo de Jano fora fechado e que as guerras e discórdias cessaram por completo, certamente o período em que nosso Salvador desceu à terra pode ser chamado de “idade pacífica”, se comparado às épocas precedentes. E a tranqüilidade então reinante era necessária para capacitar os ministros de Cristo a executarem com sucesso sua sublime missão para com a raça humana.” (Mosheim, “Ecclesiastical History”, sec. I, parte I, Cap. 1:4.)

O PAGANISMO NO INÍCIO DA ERA CRISTÃ. “Naquele tempo, toda nação tinha seus deuses presididos por um mais importante; entretanto, essa deidade suprema era ela própria controlada pelo inflexível império das fatalidades, ou o que os filósofos chamam de “necessidade externa”. Os deuses do oriente eram diferentes dos deuses gauleses, germânicos e outras nações do norte. As divindades gregas diferiam grandemente das dos egípcios, que endeusavam plantas, animais e uma grande variedade de produtos, tanto da natureza como da arte. Cada povo tinha também sua maneira própria de adorar e apaziguar suas deidades, inteiramente diferente dos ritos sagrados de outros países... Uma coisa importante à primeira vista, é que essa variedade de religiões e deuses não provocava guerras nem discussões entre os diferentes países, com exceção dos egípcios. Nem é necessário excluir os egípcios, uma vez que suas guerras travadas por causa de seus deuses não podem ser consideradas como inteiramente de natureza religiosa. Cada nação permitia que seus vizinhos seguissem seus próprios ritos e cerimoniais, e não havia qualquer espécie de descontentamento em sua diversidade de sentimentos em matéria religiosa. Há, contudo, pouco a se admirar nesse espírito de tolerância mútua, quando nos lembramos de que todos consideravam o mundo como um grande império, dividido em províncias, presididas por certas ordens de divindades e que, portanto, nenhuma nação podia desdenhar os deuses das outras, ou forçar os estranhos a homenagearem os seus. Os romanos exerciam essa tolerância na mais ampla forma. Apesar de não permitirem quaisquer alterações nas religiões publicamente professadas no Império, ou que qualquer nova forma de adoração fosse introduzida abertamente, concediam aos seus cidadãos total liberdade de observar particularmente os sagrados ritos de outras nações e de honrar deidades estranhas (cuja adoração nada contivesse de inconsistente com os interesses e leis da república) com festins, templos, bosques consagrados e outras manifestações semelhantes de homenagem e respeito.” (Mosheim, “Ecclesiastical history”, sec.I, Cap. 1:7-8.)

O RÁPIDO CRESCIMENTO DA IGREJA. Eusébio, que escreveu na primeira parte do século quatro, referindo-se a primeira década após a ascensão do Salvador, diz:

“Assim, sob a influência e cooperação celestial, a doutrina do Salvador, como os raios do sol, irradiou-se pelo mundo inteiro. Segundo a profecia divina, a voz de seus inspirados evangelistas e apóstolos soou através de toda terra, e suas palavras até os confins do mundo. Em cada cidade e vila, como um celeiro repleto, as igrejas rapidamente se multiplicavam e regurgitavam de membros vindos de todos os povos. Aqueles que, em consequência dos erros herdados dos ancestrais, continuavam agrilhoados pelo antigo mal da superstição idólatra, eram agora libertos pelo poder de Cristo, através de ensinamentos e milagres de seus mensageiros.” (Eusébio, “Ecclesiastical History”, Livro 1, cap. 3.)

A INSTRUMENTALIDADE DIVINA DO MINISTÉRIO APOSTÓLICO. “Quando consideramos o rápido progresso do cristianismo entre as nações dos gentios, e os pobres e fracos instrumentos pelos quais esse grande e maravilhoso acontecimento foi imediatamente efetuado, naturalmente temos que atribuí-lo a uma onipotente e invisível mão, como causa verdadeira e própria. Pois a menos que admitamos aqui uma interferência divina, como seria possível que homens, destituídos de todo o auxílio humano, sem crédito ou riquezas, conhecimento ou eloquência, pudessem, em tão pouco tempo, persuadir considerável parte da humanidade a abandonar a religião de seus ancestrais? Como seria possível a um punhado de apóstolos, que, como pescadores e publicanos, devem ter sido desprezados por sua própria nação e, como judeus, odiados por todas as outras, fazer com que o sábio e o poderoso, assim como o simples e o plebeu, abandonassem seus preconceitos favoritos e abraçassem uma nova religião, inimiga de suas paixões corruptas? Realmente, havia sinais inequívocos de um poder Celestial acompanhando permanentemente seu ministério. Havia na própria linguagem deles uma incrível energia, um poder maravilhoso de enviar luz ao entendimento, e convicção às almas.” (Mosheim, “Ecclesiastical History”, sec. I, cap. 4:8.)

OS NEFITAS E OS LAMANITAS ___ Os progenitores da nação nefita “saíram de Jerusalém no ano 600 a.C. sob a direção de Léhi, profeta judeu da tribo de Manasses.” Ao partir de Jerusalém, sua família era composta de Sariah, sua esposa, e dos filhos, Lama, Lamuel, Sam e Néfi.

“Mais adiante fala-se de filhas; porém se nasceram antes ou depois do êxodo da família, Zoram e Ismael integravam o grupo de Léhi, sendo este último um israelita da tribo de Efraim. Ismael e sua família se uniram ao grupo de Léhi no deserto, e seus descendentes foram contados entre os da nação de que estamos tratando. Parece que os integrantes do grupo viajaram para o sudeste, seguindo a costa do Mar Vermelho; depois alterando seu curso para o leste, atravessaram a península árabe, e aí, às margens do mar de Oman, construíram e abasteceram um barco no qual se lançaram ao mar, confiando na divina providência. Acredita-se que tenham viajado para o leste, atravessando o Oceano Índico, depois o Pacífico, chegando, por fim, à costa ocidental da América, onde desembarcaram (590 a.C.).

O povo se estabeleceu no que era para eles a terra prometida; nasceram muitos filhos e, em poucas gerações, numerosa posteridade habitava a terra. Após a morte de Léhi, aconteceu uma divisão. Uns aceitaram Néfi como líder, que havia sido devidamente nomeado ao ofício profético, enquanto os demais proclamaram chefe a Lamã, o mais velho dos filhos de Léhi. Desde aí esses povos divididos se chamaram de nefitas e lamanitas, respectivamente. Vez por outra reinava certa amizade entre uns e outros, mas, geralmente, estavam em disputa, e os lamanitas manifestavam ódio e hostilidade implacáveis para com seus irmãos nefitas. Os nefitas deram impulso às artes da civilização, construindo grandes cidades e estabelecendo comunidades muito prósperas. Entretanto, caíam freqüentemente em transgressão, e o Senhor, para castiga-los, permitia que os lamanitas triunfassem. Espalharam-se para o norte, ocupando parte considerável da América central, após o que estenderam seus domínios para o leste e norte, alcançando o que é hoje parte dos Estados Unidos. Os lamanitas, embora aumentassem em número, sofreram o anátema do desagrado do Senhor; sua pele se tornou escura, seu espírito ignorante, esqueceram-se do Deus dos seus pais, levando uma vida errante e nômade, e decaindo para condição degenerada em que os descobridores do continente ocidental, mais

tarde, encontraram os índios da América, seus descendentes diretos. (Regras de Fé, do mesmo autor, capítulo 14:7-8.)

CAPÍTULO II

PREDIÇÃO DA APOSTASIA

- 1- Prosseguindo com nosso inquérito, aceitamos como fatos comprovados o estabelecimento da igreja de Cristo sob administração pessoal do Salvador, e o rápido crescimento da Igreja no período inicial do ministério apostólico.
- 2- É de suma importância a pergunta: Manteve a Igreja de Cristo, autorizadamente estabelecida, uma existência organizada na terra desde a idade apostólica até a época atual? Outras perguntas sugeridas pela primeira: Se a Igreja continuou como organização terrena, onde está a prova da legítima sucessão de autoridade sacerdotal, e qual entre as múltiplas seitas ou igrejas conflitantes de nossos dias, é a real possuidora do santo sacerdócio originalmente confiado à Igreja por Cristo, seu fundador?
- 3- Têm também, sido manifestados na terra, através dos séculos decorridos desde o meridiano dos tempos, os dons e graças espirituais pelos quais a igreja primitiva era caracterizada e distinta? E, nesse caso, em qual das numerosas igrejas de hoje encontramos tais sinais acompanhando os crentes? (Ver Marcos 16:17.)
- 4- Afirmamos que com a passagem da assim chamada idade apostólica, a Igreja caiu gradativamente numa condição de apostasia, pelo que a sucessão no sacerdócio foi interrompida, e que a Igreja, como organização terrena, operando sob orientação divina e tendo autoridade para officiar nas ordenanças espirituais, deixou de existir.
- 5- Portanto, se a Igreja de Cristo pode ser encontrada na terra hoje, ela deve ter sido restabelecida por autoridade divina, e o santo sacerdócio deve ter sido restaurado ao mundo de onde havia desaparecido pela apostasia da igreja primitiva. (Ver nota 1 no fim do capítulo.)
- 6- Afirmamos que a grande apostasia foi predita pelo próprio salvador, enquanto vivia como homem entre os homens, e por seus inspirados profetas, antes e depois da sua provação terrena. Afirmamos ainda que a interpretação racional da história demonstra a realidade dessa grande e real apostasia.
- 7- Antes de considerar pormenorizadamente as predições específicas mencionadas, e a evidência de seu temível cumprimento, seria proveitoso dedicarmos um pouco de atenção a certas considerações gerais.
- 8- Com respeito à presciência de Deus, não se diga que a onisciência divina é por si só uma causa determinante e inevitável dos acontecimentos. Um pai mortal que conhece as fraquezas e defeitos de seu filho pode em virtude desse conhecimento, predizer, com amargura, as calamidades e sofrimentos que esperam seu filho instável. Pode prever no futuro daquele filho, a privação das bênçãos que podia ter sido ganhas, a perda de posição, respeito próprio, reputação e honra. Até mesmo as sombras negras de um cárcere de criminoso e a escuridão da sepultura de um ébrio podem aparecer nas tristes visões da alma desse pai dedicado. Entretanto, convencido, pela

experiência, da impossibilidade de conseguir a reforma daquele filho, prevê os terríveis acontecimentos do futuro e nada vê senão tristezas e angústias em sua visão. Poder-se-á dizer que a presciência do pai seja a causa da vida pecaminosa do filho? O filho, talvez, já tenha alcançado a maturidade e seja senhor do seu próprio destino, exercendo livre arbítrio. O pai é incapaz de controlar pela força ou orienta-lo e, conquanto fizesse de boa vontade qualquer sacrifício para salvar o filho da fatalidade iminente, teme pelo que parece ser uma terrível certeza. Mas certamente, esse pai, apreensivo e suplicante, não contribui com seu conhecimento para a vida desregrada do filho. Senão, poder-se-ia dizer que um pai negligente, que não se preocupa em estudar a natureza e o caráter do filho, que fecha os olhos às tendências para o pecado e permanece em descuidada e perigosa indiferença quanto ao seu provável futuro, está, com sua própria insensibilidade, beneficiando o filho, porque sua falta de previsão não pode operar como causa contribuinte para a delinqüência.

- 9- Nosso Pai Celestial tem completo conhecimento da natureza e disposição de cada um de seus filhos, conhecimento esse ganho por longa observação e experiência na eternidade passada de nossa infância primitiva; conhecimento que, comparado ao obtido pelos pais humanos através da experiência terrena de seus filhos, torna este infinitamente pequeno. Em virtude desse poder superior, ler o futuro da criança e das crianças, do homem individualmente e dos homens coletivamente como comunidade e nações. Ele sabe o que cada um fará sob certas condições, e ver o fim desde o princípio. Sua presciência é baseada na inteligência e na razão. Ele prevê o futuro como um estado que acontecerá natural e seguramente, e não como um estado que deverá acontecer, apenas porque assim determinou arbitrariamente.
- 10- Poder-se-ia argumentar que no exemplo ilustrativo dado anteriormente, o do pai e de seu filho transviado, o pai não tinha poder pra mudar a triste trilha de pecado pela qual o filho caminhava rapidamente para a ignomínia e destruição, enquanto o Pai onipotente pode salvar, se assim o desejar. Em resposta a isto, podemos dizer: O Pai das almas conferiu a seus filhos conferiu a seus filhos, desde o berço, o divino privilégio do livre arbítrio; ele não os controla nem os controlará por força arbitrária; não impele nenhum homem ao pecado; não força ninguém à retidão. Ao homem foi dada a liberdade para agir por si próprio; e, associado a esta independência, está o fato da responsabilidade estrita e a certeza da responsabilidade individual. No julgamento com que seremos julgados, todas as circunstâncias de nossa vida serão consideradas. As tendências inatas devidas à hereditariedade, o efeito do ambiente conducente ao bem ou ao mal, os salutarens ensinamentos da juventude ou a ausência da boa instrução, estes e todos os outros fatores contribuintes devem ser levados em conta na apresentação de um veredicto justo quanto à culpabilidade ou inocência da alma. Não obstante, a divina sabedoria torna claro qual será o resultado com certas condições, agindo sobre conhecidas naturezas e disposições dos homens, enquanto cada indivíduo é livre para escolher o bem ou o mal nos limites das muitas condições existentes e operantes. (Ver Nota dois, no fim do capítulo.).
- 11- Outro assunto digno de consideração é: Deve o fato de a grande apostasia ___ a dissolução e destruição virtual da Igreja estabelecida por Jesus Cristo ___ ser

considerada como exemplo de insucesso dos planos do Senhor? É um caso de derrota no qual Satanás saiu vitorioso sobre Cristo? Consideremos o seguinte: Que mortal já mediu o padrão pelo qual a onisciência determina o sucesso ou o insucesso? Quem ousa afirmar que o que o homem aclama como triunfo ou deplora como derrota será assim considerado, quando avaliado pelos princípios do julgamento eterno?

- 12- A história do mundo está cheia de exemplos de triunfo temporário do mal, de justiça aparentemente mal conduzida, de planos divinos para o tempo, de intentos de Deus contrariados e consumação retardada.
- 13- Conhecemos o convênio do Senhor com Israel. Abraão, Isaque e Jacó, ele declarou que seus descendentes, seria um povo escolhido para seu serviço especial entre as nações. Através dessa linhagem, o Salvador da humanidade estava para nascer; na posteridade de Abraão, todas as nações da terra seriam abençoadas. Bênçãos além da concepção da alma do homem, além da compreensão da mente, foram prometidas sob condição de obediência e lealdade a ele, que se proclamou a si próprio seu Deus e seu Rei. O Senhor também predisse calamidades e sofrimentos, e aflições individuais e desgraças nacionais, se Israel se desviasse do serviço de Jeová e se submetesse à tentação de seus vizinhos pagãos que nada sabiam de Deus. Pensais que Deus ignorava o curso que seu povo tomaria? Deixou de prever que Israel seguiria o caminho do mal, perdendo a benção e colhendo uma safra de amargura? O plano de Jeová não falhou, apesar da realização das bênçãos tão abundantemente prometidas estar sendo tão longamente retardada. Do mesmo modo vigorosa predição de calamidade em caso de pecado, foi a promessa da restauração final de sua graça. A dispersão de Israel, já consumada, seria seguida pela coligação de Israel ora em progresso. (Ver “Regras de Fé”, do autor, capítulos 17 e 18).
- 14- Qual teria sido o veredito do mundo quanto ao sucesso ou malogro da missão de Cristo, tivesse sido pronunciado na época da crucificação? Aparentemente seus inimigos haviam triunfado; ele que proclamara ser o Messias, o filho de Deus, a ressurreição e a vida, sobre quem a morte não podia prevalecer, sofrera a morte de um malfeitor, e seu corpo estava no túmulo. Mas o veredito dos séculos, que é o veredito das eternidades futuras, considera aquele “insucesso” o maior triunfo de todas as épocas, a vitória das vitórias.
- 15- Assim também aconteceu com a Igreja. Durante algum tempo, as forças do mal triunfaram, e reinou o espírito da apostasia. Mas, além das trevas da noite espiritual, a gloriosa alvorada da restauração foi divisada em visão profética, e tanto a noite como seus horrores, como o alvorecer com seu esplendor, foram previstos e preditos.
- 16- Em nosso estudo das predições da apostasia como consta da escritura e sua realização como atesta a história posterior, reconhecemos duas fases ou períodos distintos do afastamento progressivo:
 - (1) Apostasia dos adeptos da Igreja e
 - (2) Apostasia da igreja.
- 17- Na primeira fase, trataremos do abandono da verdade e da deserção de pessoas da igreja, às vezes em pequeno, outras em grande número. Tais condições podem apenas ser consideradas como naturais e inevitáveis. A história não apresenta nenhum exemplo de grandes empreendimentos pelos quais as

multidões se tenham entusiasmado e dos quais muitos não tenham desertado. Se tais casos de deserção individual não fossem tão numerosos e, por isso, indicativos de alguma causa vital de dissidência, não necessitaríamos da autoridade da divina predição e inspirada profecia para explicar a ocorrência. Achamos, contudo, que a apostasia dos adeptos da Igreja Primitiva foi ampla e geral, e que as causas que levaram a semelhante condição foram de vital significado.

- 18- Na segunda das duas fases já especificadas, encontramos condições de muito maior importância do que as que dizem respeito ao afastamento dos adeptos da Igreja, pois nela vemos a Igreja nivelando-se a uma instituição humana, com plano de organização e “modus operandi” estranhos à constituição original, sem sacerdócio ou autoridade para officiar nas ordenanças espirituais, e destituídas dos dons e graças com que o Salvador dotou sua Igreja, quando a estabeleceu. Em resumo, vemos a própria igreja apostatar, ciosa de poder temporal, fazendo suas leis, ensinando seus dogmas, preservando somente uma forma de piedade, mas negando sua eficácia. (Ver II Timóteo 3:1-6).

PREDIÇÕES ESPECÍFICAS DA APOSTASIA

- 19- O Senhor previu o grande e geral afastamento dos princípios de retidão, e desde o começo, sabia que os homens estabeleceriam suas próprias formas de adoração, reclamando erroneamente autoridade divina para elas. Através da voz de seus profetas escolhidos, ele repetidas vezes, predisse o inevitável evento. (Ver nota 3, no fim do capítulo).
- 20- Entre as profecias anteriores ao nascimento de Cristo, notam-se as seguintes: Isaías teve uma visão das condições da terra na era da obscuridade espiritual, período em que todas as classes seriam envolvidas em corrupção geral, um tempo em que a espécie humana estaria praticamente desamparada e sem nenhuma esperança. Ele descreve a terra em pranto e desolação e aponta o motivo de seu deplorável estado: “A terra está contaminada por causa de seus moradores; porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos e quebram a aliança eterna.” (Isaías 24:5; ler versículos de 1 a 6 inclusive).
- 21- Pode-se pensar que esta profecia se refira a uma violação da lei de Moisés, sob a qual a antiga Israel vivia. Lembremo-nos, contudo, de que a lei de Moisés em nenhum lugar é chamado de aliança ou convênio eterno. O convênio entre o Senhor e Abraão antecede a vinda da lei por quatrocentos e trinta anos, e como frisou Paulo (Gálatas 3:17, ler o capítulo inteiro), em sua epístola aos Gálatas, a quem chamou de tolos por causa da confusão entre a lei de Moisés e o evangelho de Cristo, a lei não podia anular o convênio anterior, cujo o cumprimento só podia dar-se através de Cristo. A “lei”, com a qual o inspirado apóstolo queria claramente indicar os estatuto de Moisés, não era nada mais que uma preparação para a “fé”, na qual o evangelho, como foi revelado por Cristo, claramente se fundamenta. “Mas antes que a fé viesse”, diz Paulo, “estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a

Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados. Mas, depois que a fé veio, já não estamos debaixo de aio. Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea: porque todos vós sois um em Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (versículos 23-29).

- 22- É evidente pelo teor de todo o capítulo, que, embora o evangelho tenha sido pregado a Abraão, e feito o convênio com ele com relação à vinda do Messias através de sua posteridade, o evangelho não permaneceu com Israel e isto por causa das transgressões (versículo 19); em seu lugar, foi instituída a lei de Moisés como medida disciplinar, de caráter temporário, destinada a ser substituída pelo evangelho de Cristo e não, seguramente, um convênio eterno. Por outro lado, o sangue de Cristo pelo qual se consumou o sacrifício expiatório, é distintamente chamado de “o sangue do convênio eterno” (Hebreus 13:20).
- 23- É evidente que a profecia fatídica com respeito à ruptura do convênio eterno, não podia referir-se a nenhum afastamento das exigências da lei de Moisés, mas sim a uma então futura condição de apostasia em seguida ao estabelecimento do convênio eterno. Parte da grande predição, que se refere à queima dos habitantes da terra e às calamidades generalizadas (Ver Isaiás 24:6), ainda espera seu cumprimento.
- 24- Uma outra predição aplicável ao período em que não haveria nenhuma Igreja de Cristo e, por conseqüência, haveria lamentações e sofrimento, é a de Amós: Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor. E irão vagabundos de um mar até outro mar, e do norte até o oriente; correrão por toda parte, buscando a palavra do Senhor, e não a acharão (Amós 8:11, 12).
- 25- Cristo instruiu seus seguidores em termos diretos e conclusivos, quanto à apostasia então eminente. Em respostas a certas perguntas quanto aos sinais do segundo advento, ele disse: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane, porque muitos virão em meu nome, dizendo: eu sou o Cristo; e enganarão a muitos” (Mateus 24:4, 5). Depois de falar de guerras e distúrbios políticos, acrescentou: “nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo”. (Versículos 10-13; ver nota 4, no fim do capítulo).
- 26- Especificando melhor as condições referentes à crescente apostasia, Cristo declarou aos discípulos: “E sereis odiados de todas as gentes por causa de meu nome” (versículo 9). E também: “Então se alguém disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhes deis crédito. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; eis que ele está no interior da casa, não acrediteis.” (versículos 23-26).
- 27- Após a partida de Cristo da terra, os apóstolos continuaram a advertir os povos sobre as trevas que viriam. Naquele memorável discurso aos Élderes de Éfeso,

quando, como lhes disse, estavam contemplando sua face pela última vez, Paulo lembrou aos seus ouvintes as instruções que lhes dera e advertiu-os com esta solene admoestação: “Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho. E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si”. (Atos 20:29-30; ler versículos 17 a 31, inclusive).

- 28- Não só estranhos se misturariam aos santos com intuito de ganho egoísta __ entrarão no meio de vós lobos, que não perdoarão ao rebanho __ como também estavam iminentes dissensões e divisões; e estas dissensões viriam através de alguns então presentes __ homens que aspirariam à liderança, e que estabeleceriam suas próprias doutrinas, atraindo, assim, os discípulos da Igreja para si.
- 29- O mesmo apóstolo advertiu Timóteo da proximidade da apostasia, e referiu-se a alguns ensinamentos errôneos que afetariam as pessoas mal orientadas __ ensinamentos que ele chama de “doutrinas de demônios”. Admoestou Timóteo a fazer com que os irmãos se lembrassem dessas coisas, como é próprio de um bom ministro de Cristo. Nutrido nas palavras de fé e de boa doutrina. Notemos a inspirada predição: “Mas o espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras; tendo cauterizada sua própria consciência; proibindo o casamento, e ordenando a abstinência os manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graça”. (Timóteo 4:1-3. Ver nota 5, no fim do capítulo).
- 30- Numa segunda epístola ao seu amado Timóteo, trabalhando com o conhecimento de que seu martírio estava próximo, Paulo recomenda zelo e energia na pregação do evangelho, pois as sombras da apostasia já se formavam em volta da Igreja. Sua admoestação é patética: “conjurando-te diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pagues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas”. (II Timóteo 4:1-4).
- 31- Dirigindo-se aos santos tessalonicenses, Paulo adverte-os contra o erro fortemente defendido por alguns, de que o dia do segundo advento de Cristo se achava então próximo. Parece que estavam sendo praticadas fraudes e até mesmo se suspeitava de falsificações, pois o apóstolo instrui o povo a não se deixar enganar “quer por palavra, quer por epístola como de nós”. A admoestação é poderosa: “Ora, irmãos rogamo-vos pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,

O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus”. (II Tessalonicenses 2:1-4). Veremos quão dolorosamente literal foi o cumprimento desta profecia nas blasfemas pretensões da igreja apóstata, séculos mais tarde.

- 32- com respeito às heresias que seriam pregadas como doutrina no período da apostasia, o apóstolo Pedro profetizou em linguagem tão clara, que ninguém pode deixar de compreender; e ele lembra o povo de que existiram falsos mestres em épocas anteriores, assim como existiriam em tempos futuros: “E TAMBÉM houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade. E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita.” (II Pedro 2:1-3. Ler o capítulo inteiro, notando a descrição das condições existentes no mundo de hoje).
- 33- Judas, o irmão de Tiago, em sua epístola geral aos santos, lembra-lhes advertências anteriores: “Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que vos foram preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo; Os quais vos diziam que nos últimos tempos haveria escarnecedores que andariam segundo as suas ímpias concupiscências.” (Judas 17, 18).
- 34- João, que é chamado o Revelador, teve uma visão do estado do mundo nos dias futuros. Descrevendo o espírito de maldade como uma besta horrenda, e seu autor, Satanás, como o dragão, ele diz: “E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?... E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça.” (Apocalipse 13:4, 6-9).
- 35- Outra profecia baseada na visão de João, o Revelador, refere-se também às condições dos últimos dias. Ele declara: “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” (Apocalipse 14:6-7).
- 36- Conquanto seja verdade que a última escritura mencionada não prediz especificamente a apostasia, a dissociação da Igreja é considerada um fato. O Revelador olhou além do período do afastamento e viu o glorioso dia da restauração do evangelho — o restabelecimento da Igreja pelo ministério de um anjo. É ilógico presumir que o evangelho seria trazido para a terra por um mensageiro celestial, se esse evangelho ainda existisse nela. Igualmente ilógico é dizer que a restauração ou o restabelecimento da Igreja de Cristo

seria necessário ou possível, tivesse a Igreja continuado com sucessão legítima do sacerdócio e poder. Se o evangelho teria de ser trazido novamente dos céus, deveria necessariamente ter sido antes tirado da terra. Assim, a profecia da restauração é prova de uma de uma apostasia geral e total.

PREDITA A APOSTASIA NO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

- 37- No capítulo precedente, vimos que a Igreja de Cristo foi estabelecida pelo Senhor ressuscitado entre os nefitas do mundo ocidental. Foi previsto que seria permitido às forças do mal prevalecer tanto no leste como no oeste. Consideremos as palavras fatídicas do profeta Alma, dirigidas a seu filho Helamã: “Eis que vejo, segundo o espírito de revelação que se acha em mim, que este mesmo povo, os nefitas, quatrocentos anos depois do aparecimento de Jesus Cristo, cairá em incredulidade. E então virá guerras e pestes, sim fome e derramamento de sangue, até que o povo de Néfi se ache extinto. Sim, e isto porque cairá em incredulidade e se voltará às obras de trevas, à lascívia e a toda sorte de iniquidade; e digo-te que, em virtude desses pecados que cometerá contra tão grande luz e sabedoria, sim, e a partir desse dia, a quarta geração não se acabará de passar antes que venha essa iniquidade.” (Alma 45:10-12).
- 38- Uma profecia anterior referente à degradação dos descendentes de Léhi, foi proferida por Néfi, como resultado de uma revelação comunicada por um visitante angélico. Assim ele descreve sua visão do futuro: “ E, enquanto o anjo falava, olhei e vi que a semente de meus irmãos combatia contra a minha semente, de acordo com a palavra do anjo; e devido ao orgulho de minha descendência e às tentações do demônio, ela foi vencida pela de meus irmãos. E aconteceu-me ver que a semente de meus irmãos, que havia vencido a minha, se espalhara em multidões sobre a face da terra. E vi-os reunirem-se em multidões; e vi guerras e rumores de guerras entre eles; e entre guerras e rumores de guerras muitas gerações se passaram. Disse-me então o anjo: Eis que estes cairão em incredulidade. E aconteceu que vi que, depois de haverem caído em incredulidade, tornaram-se um povo escuro, sujo e repulsivo, preguiçoso e cheio de abominações.” (1 Néfi 12:19-23. Para outras profecias do declínio espiritual no hemisfério ocidental contidas em O Livro de Mórmon, ver 2 Néfi 27:1; 2 Néfi 26:19-22 e também o capítulo 29). O degradado estado dos índios norte-americanos, descendentes de um pai-profeta, é a nítida realização dessas palavras proféticas.
- 39- As escrituras citadas são suficientes para mostrar que a apostasia geral da igreja foi prevista; que a corrupção da própria Igreja foi igualmente profetizada; e que em ambos os hemisférios foi predita uma apostasia geral.

NOTAS

A IGREJA PRIMITIVA E A RESTAURADA. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias declara-se, pelo seu nome, distinta da Igreja primitiva estabelecida por Cristo e seus primeiros apóstolos. A designação real da Igreja restaurada é: Igreja de Jesus Cristo; seu nome autorizado é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sendo a frase final adicionada para distinguir a Igreja estabelecida na presente dispensação, da Igreja organizada pelo Salvador no período de seu ministério terrestre. Esta distinção é demonstrada numa de nossas regras de fé: “Cremos (referindo-se à igreja de hoje) na mesma organização existente na Igreja primitiva”.

O LIVRE ARBÍTRIO DO HOMEM. Os ensinamentos da Igreja restaurada com respeito à liberdade individual de ação estão assim sumariados: “ A Igreja ensina e tem como doutrina estritamente baseada nas escrituras, que, entre os direitos inalienáveis que seu pai divino lhe conferiu, herdou o homem a liberdade de escolher entre o bem e o mal; de obedecer ou desobedecer os mandamentos do Senhor, segundo sua escolha. Esse direito não pode ter maior proteção que o zeloso cuidado que Deus mesmo lhe tem, porque, em todas as suas relações com o homem, ele deu a criatura mortal liberdade para escolher e agir, sem compulsão ou restrições mais fortes do que conselhos e diretrizes paternais. É certo que deu mandamentos e fixou estatutos, prometendo bênçãos pela obediência, e castigo pelas infrações; mas, na escolha destas coisas, os homens gozam de inteira liberdade. Neste sentido, o homem não é menos livre que os anjos e os Deuses, exceto quando se deixa acorrentar pelos liames do pecado e renuncia a seu poder de vontade e força da alma. O indivíduo tem plena liberdade de violar as leis de saúde, os requisitos da natureza e as leis de Deus, em assuntos tanto temporais como espirituais, como é livre para obedecer a todos. Assim como em um dos casos atrai sobre si certas sanções correspondentes à lei violada, em outro herda as bênçãos específicas e a liberdade adicional que acompanha aquele que obedece à lei. A obediência à lei é um hábito do homem livre; o transgressor teme a lei, por lhe causar privação e restrições, não por causa da lei, que o teria protegido em sua liberdade, mas pelo antagonismo à lei. O atributo predominante da justiça, reconhecido como parte da natureza divina, recusaria o pensamento de que o homem deve receber promessas de recompensa por sua retidão, e ameaça de punição por seus atos maus, se não possuísse poder de ação independente. É tão contrário ao plano de Deus forçar os homens a agirem retamente, como permitir que os poderes do mal obriguem seus filhos a pecar. Nos dias do Éden, deram-se ao primeiro homem mandamento e lei, juntamente com os esclarecimentos do castigo que acompanharia a violação dessa lei. Não teria sido justo dar-lhe uma lei, se não tivesse tido a liberdade de agir por si mesmo. “Não obstante poderás escolher segundo tua vontade porque te é dado; mas, recorda-te de que eu o proíbo”. Assim disse o Senhor a Adão. Quanto a suas relações com o primeiro patriarca da raça humana, Deus declarou nestes dias: “Eis concedi que ele fosse seu próprio árbitro”. (O autor, Regras de Fé, cap. 3:1-2).

O TESTEMUNHO PROFÉTICO DA APOSTASIA. “Que é profecia, se não a história ao reverso? Profecia é o relato das coisas antes de acontecerem. História é o relato após a ocorrência. Das duas, a profecia merece mais credibilidade do que a história, por ter como fonte a infalível inspiração do Deus todo-poderoso, enquanto a história — com exceção dos casos de historiadores inspirados — é colorida pela parcialidade ou preconceitos do escritor, e sua exatidão depende do ponto de vista com que encara os acontecimentos; é bem provável que, achando-se sujeito a milhares de influências que o rodeiam — considerações sectárias, interesses e preconceitos nacionais; supostas influências sobre condições presentes e destinos futuros — todas essas coisas podem interferir na história; a profecia, porém está livre dessas influências. Os historiadores o são por vontade própria ou indicação de homens; mas os profetas são escolhidos por Deus. Selecionados pela sabedoria divina e iluminados por aquele espírito que mostra as coisas que estão por acontecer, os profetas revelam tudo que Deus queria que o homem soubesse sobre o futuro, e inspirados escritores o registraram para esclarecimento ou advertência da humanidade, sem o colorido ou distorção tão suscetíveis de corromper a obra do historiador. Assim, Moisés relatou o que seria de Israel, dependendo de sua obediência ou não a Deus; Israel foi desobediente, e os historiadores exauriram sua arte na tentativa de

descrever sua rebeldia e sofrimento; mas nem em vivacidade, nem em exatidão as histórias se comparam à profecia. Assim foi com a profecia de Daniel a respeito de aparecimento e sucessão das grandes forças políticas que dominariam a terra, e do triunfo final do reino de Deus. Assim foi com quase todas as profecias”. (B.H. Roberts, “A New Witness for God”, pp. 113, 114).

PREDIÇÃO DE CRISTO SOBRE A APOSTASIA. A poderosa profecia expressa em vívida descrição, proferida por nosso Senhor, respondendo a seus discípulos, tem sido o assunto de opiniões diversas e de variados comentários, especialmente com relação ao tempo a que se refere a predição. Conforme está registrado no vigésimo quarto capítulo de Mateus, um sinal significativo do progresso dos acontecimentos que precedem a segunda vinda de Cristo, foi citado como segue: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho em todas as gentes, e então virá o fim”. (versículo 14). Muitos dizem que esse “fim” mencionado na passagem citada, não é necessariamente o final da última dispensação, nem o que é comumente chamado de fim do mundo, mas o encerramento da dispensação do evangelho então corrente; e, em apoio a esta interpretação, era necessário que, em seguida ao citado pronunciamento, Cristo prosseguisse, predizendo as calamidades que então esperava Jerusalém. Que, durante o período coberto pelo ministério terreno dos apóstolos, o evangelho foi pregado em todas as nações civilizadas no hemisfério ocidental, é evidente tanto pelas escrituras como pelos escritos não-canônicos (não sancionado pela autoridade eclesiástica) relativos àquele período. Paulo refere-se ao fato de ter o evangelho sido levado em seus dias ao mundo inteiro e como tendo sido pregado a toda criatura debaixo dos céus (ver Colossenses 1:6, 23; compare com Romanos 10:18; ver também nota 3, em seguida ao capítulo 1 desta obra).

Na versão de Joseph Smith, no vigésimo quarto capítulo de Mateus, o parágrafo diz respeito à pregação do evangelho no mundo inteiro, como um dos sinais especificados por Cristo, é modificado para se aplicar mais diretamente à moderna ou última dispensação. (ver Pérola de Grande Valor, Joseph Smith 1). A escritura em consideração aplica-se diretamente às condições características da época presente — o período atual e imediatamente anterior à segunda vinda de Cristo. Este fato, contudo, não anula necessariamente sua aplicação a um período anterior. A história se repete em muitos casos nesta “dispensação da plenitude dos tempos”; realmente, o próprio nome expressa um resumo ou reunião de coisas passadas, e isto envolve a repetição das primitivas condições e restabelecimento de leis. A predição da evangelização do mundo não é o único exemplo de profecia genérica com mais de um único horizonte limitado de cumprimento. No período apostólico, o evangelho foi levado a todas as nações conhecidas pelos ministros do Senhor; uma obra semelhante está sendo realizada hoje, em escala muitíssimo superior à do passado, pois o mundo, considerando-se sua população, é agora imensamente maior do que a da antiguidade.

AS ESCRITURAS EM RELAÇÃO À APOSTASIA. Que a aplicação das escrituras citadas no texto é prova de que a apostasia predita não é peculiar a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, vê-se pelo fato de que essas predições são similarmente interpretadas pelos teólogos de outras igrejas. Assim, em “Bible Commentary”, o Dr. Adam Clarke comenta a admoestação de Paulo a Timóteo como segue. Consideremos primeiro a passagem: “Mas o espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia dos homens que falam mentiras”, etc. o Dr. Clarke diz:

“NOS ÚLTIMOS TEMPOS: isto não implica necessariamente as últimas épocas do mundo; mais quaisquer épocas conseqüentes (subseqüentes) àquelas em que a Igreja então vivia”.

“APOSTATARÃO DA FÉ: Eles apostatarão da fé, por exemplo, do cristianismo, renunciando ao completo sistema em vigor, ao introduzirem doutrinas que tornam suas verdades essenciais nulas e ineficientes; ou negando e atacando essas doutrinas essenciais ao cristianismo como sistema de salvação. O homem pode possuir todas as verdades do cristianismo, e ainda assim

torna-las ineficiente, adotando outras doutrinas que anulem sua influência; ou pode apostatar, negando alguma doutrina essencial, ainda que nada introduza de herético”.
“PELA HIPOCRISIA DOS HOMENS QUE FALAM MENTIRAS: Refere-se aos que alegam possuir inspiração divina e extraordinários graus de santidade, abnegação, mortificação etc., a fim de justificarem as mentiras e falsas doutrinas que ensinam. Multidões de mentiras foram forjadas a respeito dos milagres realizados pelas relíquias dos santos que haviam morrido”.

CAPÍTULO III

OS PRIMEIROS PERÍODOS DA APOSTASIA

- 1- Como se viu no capítulo precedente, a apostasia geral da Igreja primitiva foi prevista e predita. Os profetas que viveram séculos antes da era de Cristo predisseram o grande acontecimento, como também o próprio Salvador e os apóstolos que continuaram a obra do ministério após sua ressurreição e ascensão. Pesquisaremos agora o cumprimento dessas predições.
- 2- A evidência de que houve apostasia como foi predita encontra-se nas escrituras sagradas e nos registros históricos. Alguns pronunciamentos dos primeiros apóstolos mostram claramente que o grande “afastamento” já começara quando ainda estavam vivos. A pregação de falsas doutrinas e o aparecimento de mestres não autorizados foram mencionados por eles como realmente existentes na Igreja e não como acontecimentos de futuro distante. (ver nota 1 no fim do capítulo).
- 3- Mal fora lançada ao solo a semente do evangelho, veio o inimigo para, à noite, espalhar joio entre o trigo; e os dois cresceram tão interligados que qualquer tentativa de arrancar o joio teria ameaçado a vida do trigo. (Estudar a parábola do joio e do trigo em Mateus 13:24-30. Ver nota 2 no fim do capítulo).
- 4- Paulo reconheceu o fato de que o povo entre o qual trabalhava estava perdendo a fé que antes professara, tornando-se vítima da enganosa orientação de falsos mestres. Em carta às igrejas da Galácia, escreveu: “maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho. O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo”. E então, salientando o pecado daqueles que assim procuravam “transtornar o evangelho de Cristo”, continuou: “Mas ainda que nós mesmos ou um anjo que vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: Se alguém anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema”. (Gálatas 1:6-9; ler o capítulo inteiro. Ver nota 3, no fim do capítulo).
- 5- O contexto das passagens citadas mostra a natureza do erro em que “as igrejas da Galácia” estavam em perigo de cair. Haviam estado em disputa para saber se estavam obrigados a cumprir certos requisitos da lei de Moisés, principalmente no que diz respeito à circuncisão. O apóstolo explica-lhes que o evangelho de Cristo é superior à lei; e que, além disso, eles estavam sendo

inconsistentes, brigando por causa de um requisito da lei, negligenciando o resto. Temos a indicação da tendência persistente daqueles que se uniram à Igreja, para modificar e alterar os mandamentos simples do evangelho, introduzindo elementos do judaísmo. Deve ser lembrado que, mesmo entre os apóstolos, existira alguma divergência de opinião quanto à necessidade da circuncisão; mas isto havia sido resolvido pelos devotados esforços em saber a vontade do Senhor nesse sentido; e aqueles que procuravam fomentar dissensões sobre esta ou outra matéria de doutrina autorizada, eram declarados inimigos da Igreja, procurando “transtornar o evangelho de Cristo”.

- 6- Em sua segunda epístola para a “igreja dos tessalonicenses”, Paulo declara que o espírito de iniquidade já estava operando. Após predizer o surgimento da igreja apóstata, com suas blasfemas pretensões de poder como condição antecedente à segunda vinda de Cristo, o apóstolo continuou: “Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; e então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro de sua boca, e o aniquilará pelo esplendor de sua vinda”. (II Tessalonicenses 2:7, 8).
- 7- A expressão aparentemente obscura “a um que agora resiste” deve ser compreendida como uma declaração de que o espírito de iniquidade já era ativo, embora ainda contido ou refreado por algum tempo; e que, mais tarde, mesmo essa resistência seria movida, e o espírito maléfico assumiria o poder.
- 8- O que ou quem é mencionado como oferecendo resistência às forças da iniquidade naquele tempo, tem dado motivo a debates. Alguns autores dizem que a presença dos apóstolos operava nesse sentido, enquanto outros acreditam que se refere ao poder repressor do governo romano. É sabido que a política romana era coibir as contendas religiosas, permitindo grande liberdade de culto, contanto que os deuses de Roma não fossem difamados nem seus altares desonrados. Com o declínio da supremacia romana, “o mistério da injustiça” incorporado à igreja apóstata passou a operar praticamente sem resistência.
- 9- A expressão “mistério da justiça” como foi usada por Paulo é significativa. (ver nota 1 no fim do capítulo). Entre os primeiros pervertedores da fé cristã, destacam-se aqueles que atacavam violentamente sua singeleza e falta de exclusividade. Essa simplicidade era tão diferente dos mistérios do judaísmo e misteriosos ritos pagãos, que chegava a ser um desapontamento para muitos; e as primeiras alterações na forma de adoração cristã foram marcadas pela introdução de cerimônias místicas.
- 10- O zelo de Paulo como missionário e proselitista transparece abundantemente na escritura; ele era igualmente zeloso em procurar manter a fé daqueles que aceitavam a verdade. As epístolas de Paulo continham muitas admoestações e súplicas contra a influência crescente das falsas doutrinas e expressões de pesar pelo aumento da apostasia na Igreja. Suas palavras dirigidas a Timóteo são tão enfáticas quanto proféticas: “Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós. Bem sabes isto, que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim”. (II Timóteo 1:13-15; grifo nosso, compare com 4:10, 16).

- 11- Orson Pratt, um dos apóstolos dos últimos dias, fez um excelente resumo de importantes pronunciamentos do apóstolo Paulo com relação ao início de apostasia como um fato acontecido nos primórdios da era apostólica. Diz ele: “A grande apostasia da Igreja cristã teve início no século primeiro, quando ainda havia em seu meio profetas e apóstolos inspirados; por isso, Paulo, pouco antes de seu martírio, enumera muitos que haviam feito ‘naufrágio da fé’, ‘se entregaram a vãs contendas’, ensinando que ‘a ressurreição era já feita’, dando-se ‘a fábulas ou a genealogia intermináveis, ‘deliram acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem inveja, porfias, blasfêmias, ruínas suspeitas. Contendas de homens corruptos de entendimento privado da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho’. Esta apostasia tornou-se tão generalizada que Paulo declara a Timóteo ‘que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim’; e diz ainda, ‘ninguém me assistiu em minha primeira defesa; antes todos me desampararam’. Ele diz ainda que ‘há muitos desordenados, faladores, vãos enganadores, ensinando o que não convém, por torpe ganância’. Estes apóstatas, sem dúvida, fingiam ser muito direitos, pois, diz o Apóstolo, ‘confessam que conhece a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis e desobedientes, e reprovados para a boa obra’.
- 12- Judas admoestou os santos a ficarem alerta aos homens que estavam a serviço de Satanás, procurando corromper a Igreja. Dirigindo-se “aos chamados queridos em Deus, o Pai; e conservados por Jesus Cristo”, diz ele: “Tive por necessidade escrever-vos, e exorta-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, o único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo. (Judas 3, 4. ver nota 5 no fim do capítulo). Está claro que Judas considerava em perigo a “fé que uma vez foi dada aos santos” e exorta os fiéis a batalharem por ela e a defenderem-na abertamente. Recorda os santos que lhes foi dito que “no último tempo haveria escarnecedores que andariam segundo suas ímpias concupiscências” e acrescenta: “Estes são os que causa divisões, sensuais, que não têm o Espírito”. (Versículos 18 e 19). Refere-se claramente aos apóstatas de sua época, que, por causa de seus apetites sensuais e desejos lascivos, se separaram da Igreja.
- 13- Durante o exílio de João, o Revelador, na ilha de Patmos, quando quase todos os apóstolos já haviam sido tirados da terra, muitos deles martirizados, a apostasia estava tão disseminada, que somente sete “igrejas”, ou melhor, ramos da Igreja, continuavam em condição de serem consideradas merecedoras da comunicação especial que João foi instruído a dar. Numa maravilhosa visão, ele viu as sete igrejas representadas por sete castiçais de ouro, com sete estrelas representando os oficiais presidentes das várias igrejas; e no meio dos castiçais dourados, com as estrelas na mão, estava “um semelhante ao Filho do Homem”.
- 14- A Igreja em Éfeso foi aprovada por suas boas obras, especialmente pela rejeição das heresias nicolaítas, não obstante ter sido assim admoestada por sua desafeição e negligência: “Deixaste a tua primeira caridade. Lembra-te pois donde caíste e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não

- brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arreperderes”. (Apocalipse 2:4, 5).
- 15- João recebeu ordem de escrever à Igreja de Pérgamo, denunciando as falsas doutrinas de certas seitas e mestre “o que eu aborreço”, disse o Senhor (Ver vers. 12-16). O povo da Igreja de Laodicéia foi acusado de ser “nem frio nem quente”, e, conquanto se orgulhasse de sua riqueza, não tendo necessidade de nada, era em verdade “desgraçado, miserável, e pobre, e cego, e nu”. (Apocalipse 3, versículos 14-21).
 - 16- As passagens anteriores provam que, mesmo antes de os antigos apóstolos haverem terminado seu ministério terrestre, a apostasia aumentava rapidamente. O testemunho dos primeiros “padres cristãos”, que escreveram no período imediatamente após a morte dos apóstolos, é no mesmo sentido. De acordo com a cronologia geralmente aceita, a mensagem profética de João, o Revelador, às igrejas da Ásia, foi dada nos últimos anos do primeiro século. (Provavelmente por volta de 96 d.C.; ver Oxford Bible, margem).
 - 17- Entre os historiadores daquele período, cujos escritos não são considerados canônicos ou de escritura, mas que ainda assim são aceitos como genuínos e confiáveis, conta-se Hegesipo, que “floresceu por volta dos dias dos apóstolos”. Escrevendo sobre as condições que assinalaram o término do primeiro século e começo do segundo, Eusébio cita o testemunho do escritor anterior, como segue: — “O mesmo autor (Hegesipo) relatando os acontecimentos dos tempos, também diz que a Igreja continuou até então como uma virgem pura e incorrupta; se existiam alguns querendo perverter a verdadeira doutrina do evangelho salvador, ainda estavam ocultos em retiros obscuros; mas, quando o coro sagrado dos apóstolos foi extinto, e a geração daqueles que haviam sido privilegiados em ouvir sua inspirada sabedoria tinha-se ido. Então também as condições de erros ímpios se avolumaram pela fraude e enganosa de falsos mestres. Estes também, já que não restava nenhum apóstolo, passaram a pregar, sem pejo, falsas doutrinas contra o evangelho da verdade. Esta é a declaração de Hegesipo”. (Eusébio. “Ecclesiastical History”, Livro III, capítulo 32).
 - 18- Resta pouca dúvida de que os falsos mestres referidos no testemunho citado fossem adeptos professos da Igreja, e não oponentes de fora, uma vez que haviam sido coibidos pela influência e autoridade dos apóstolos, aguardando a morte dos líderes autorizados para corromperem a Igreja com ensinamentos falsos.
 - 19- Um autor posterior, comentando as divisões e dissensões havidas na Igreja, na última parte do primeiro século — período imediatamente posterior ao ministério apostólico, diz: “É fácil de imaginar que a unidade e paz não podiam reinar por muito tempo na Igreja, uma vez que era composta de judeus e gentios, que nutriam um pelo outro a mais amarga aversão. Além disso, como os conversos ao cristianismo não conseguia extirpar radicalmente os preconceitos formados em sua mente por educação, trouxeram consigo, para o seio da Igreja, alguns erros de suas crenças anteriores conforme o tempo confirmou. Assim, as sementes da discórdia e controvérsias foram facilmente espalhadas, e não podiam deixar de se transformar em animosidade e

- dissensões, que resultariam na divisão da Igreja”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Século I parte II, capítulo 3:11. Ver nota 4 no fim do capítulo).
- 20- Outra reconhecida autoridade em história eclesiástica, Joseph Milner, autor de uma extensa “History of the Church of Christ”, tinha como objetivo apresentar a verdade com respeito à Igreja em seu aspecto mais favorável. Ele se refere ao estado da Igreja no fim do século primeiro, como segue: “Tenhamos em vista aquilo que (o espírito do evangelho) realmente é. A simples fé em Cristo como o único Salvador dos pecadores perdidos, e a eficiente influência do Espírito Santo na recuperação das almas totalmente corrompidas pelo pecado, são seus conceitos essenciais: Quando ocorreu a efusão do Espírito Santo, essas coisas eram ensinadas com poder; e nenhum sentimento que militasse contra elas podia ser apoiado por um momento sequer. Quando o amor à verdade foi diminuindo, pelo crescente predomínio da corrupção humana e astúcias de Satanás, surgiram heresias e práticas corruptas contra o evangelho contra o evangelho. Estimando-os, pode-se formar uma idéia do decréscimo da verdadeira religião com respeito ao fim do (primeiro) século”. O mesmo autor continua: “Entretanto, uma nuvem negra pairava sobre a fase final do primeiro século. A primeira impressão produzida pela efusão do Espírito é geralmente a mais forte e a mais decisivamente distinta do espírito mundano. Mas a corrupção humana, sufocada durante algum tempo, levanta-se de novo, especialmente na geração seguinte. Como conseqüência, vieram as desordens, as divisões e as heresias. Sua tendência é destruir a obra pura de Deus”. (Milner, “Church History” Século I, capítulo 15).
- 21- A finalidade deste capítulo foi demonstrar a primeira fase da apostasia, preste a se tornar geral, e mais tarde universal. As causas específicas que contribuíram diretamente para a degradação da Igreja ficam reservadas para futuras considerações.

O CRESCIMENTO DA APOSTASIA DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

- 22- Vejamos agora, qual era a condição da Igreja estabelecida pelo Senhor Ressuscitado entre os descendentes de Léhi, no continente americano. Neste empreendimento não nos restringiremos apenas ao começo de sua desintegração. Uma vez que o curso da apostasia entre os nefitas foi tão rápido, e o período intermediário entre o estabelecimento da Igreja e a destruição da nação, tão breve consideraremos a história da Igreja até seu final, tornando desnecessário voltarmos ao assunto em capítulos posteriores. Sabemos que a Igreja prosperou até cerca do ano 200 d.C. então a apostasia se tornou geral, como evidencia esta passagem:
- 23- “Não obstante, nesse ano duzentos e um, começou a haver entre eles alguns que se tornaram orgulhosos... E começaram a dividir-se em classes e a levantar igrejas por conta própria, para obter lucros; e principiaram a renegar a verdadeira igreja de Cristo. E aconteceu que, quando duzentos e dez anos haviam passados, já muitas igrejas existiam na terra; sim, muitas igrejas que professavam conhecer a Cristo, negando, contudo, a maior parte de seu

evangelho, de tal modo que toleravam toda sorte de iniquidades, administrando o que era sagrado aos que isso for a proibido em virtude de sua indignidade. E essa igreja multiplicou excessivamente, em virtude da iniquidade e por causa do poder de Satanás que ganhou terreno em seus corações. E havia também outra igreja que negava a Cristo e perseguia sua verdadeira Igreja, em virtude da humildade se seus adeptos e de sua crença em Cristo; e desprezavam-nos por causa dos muitos milagres que eram feitos entre eles”. (4 Néfi 24-29; ler o capítulo inteiro).

- 24- O relato do livro de Mórmon é conclusivo na especificação das razões imediatas ou causas da grande apostasia no hemisfério ocidental. Enquanto os membros da Igreja como organização, prosperaram; e seus inimigos não prevaleciam contra eles. Com a prosperidade, contudo, vieram o orgulho e as distinções de classes, com o rico dominando o pobre, e o ganho terreno tornando-se o objetivo da vida (Ver 4 Néfi 2-7 e comparar com os versículos 25, 26). As organizações secretas de intentos malignos floresceram (versículo 42); o povo se dividiu em duas facções opostas, sendo como nefitas aqueles que ainda professavam a crença em Cristo, e como lamanitas os seus inimigos, sem levar em conta a real descendência ou relação familiar. Com o crescimento do orgulho e seus conseqüentes pecados, os nefitas se tornaram tão maus quanto os incrédulos lamanitas (versículo 45); e em sua maldade, esses povos procuravam a destruição mútua. Consideremos a patética e horrível tragédia expressa nas palavras de Morôni, o sobrevivente solitário de uma nação antes poderosa e abençoada:
- 25- “Eis que já se passaram quatrocentos anos desde a vinda de nosso Senhor e Salvador. E eis que o lamanitas perseguiram meu povo, os nefitas, descendo de cidade em cidade e de lugar em lugar, até não restar mais nenhum; e grande foi a sua queda, sim, grande e pasmosa foi a destruição de meu povo, os nefitas. E eis que foi pela mão do Senhor que isso se fez. E eis que também os lamanitas se acharam em guerra uns contra os outros; e toda face desta terra apresenta uma contínua cena de assassínios e derramamento de sangue, e ninguém sabe quando será o fim da guerra. Mas eis que nada mais digo a respeito de meu povo, porque ele não existe mais, restando tão somente lamanitas e bandidos sobre toda face da terra. E não há mais ninguém que conheça o verdadeiro Deus, salvo os discípulos de Jesus (Ver 3 Néfi 28:1-7) que permaneceram na terra até que sua iniquidade se tornou tão grande, que o Senhor não mais lhes permitiu permanecer entre o povo; e, se eles estão ainda estão sobre a face da terra, Ninguém o sabe”. (Mórmon 8:6-10).

NOTAS

RECONHECIDA A APOSTASIA NA ERA APOSTÓLICA. O fato de que a apostasia começou logo é geralmente admitido pelos teólogos e autoridades em interpretação bíblica. Eis o comentário de Clarke sobre a declaração de Paulo a respeito do “mistério da injustiça” então operante (ver II Tessalonicenses 2:7):

PORQUE JÁ O “MISTÉRIO DA INJUSTIÇA OPERA: existe um sistema de doutrina corrupta que conduzirá a apostasia geral já existente; mas é um mistério; ainda está oculto; não se se

atreve a mostrar-se por causa daquilo que restringe ou detém. Mas, quando aquilo que agora resiste for retirado do caminho, então esse sistema maligno se revelará; e então se manifestará quem é ou o que é”.

PRIMEIRAS DISSENSÕES NA IGREJA. Como exemplos dos desentendimentos e diferenças que prejudicavam e perturbavam a Igreja nos dias apostólicos, Mosheim diz: “A primeira dessas controvérsias que tomou vulto na Igreja de Antioquia considerava a necessidade da obediência à lei de Moisés, e a questão é mencionada por Lucas em Atos dos apóstolos (capítulo 5). Essa controvérsia foi seguida por muitas outras, quer com os judeus profundamente ligados ao culto de seus ancestrais, quer com os adeptos de uma espécie selvagem e fanática de filosofia, ou com os que, interpretando de modo errôneo o verdadeiro espírito da religião cristã, abusavam dela monstruosamente, até ao encorajamento de seus vícios e mostrando indulgência para com seus apetites e paixões. Paulo e outros apóstolos mencionaram essas controvérsias em várias partes de seus escritos, mas com tal brevidade, que é difícil, depois de tanto tempo, chegar-se ao verdadeiro estado da questão nessas várias disputas. A mais pesada e importante dessas controvérsias era a que Certos doutores judeus levantaram em Roma e em outras igrejas cristãs com respeito aos meios de justificativas e aceitação perante Deus, e o método de salvação indicado na palavra de Deus. Os apóstolos onde quer que exercessem seu ministério, declaravam ilusória todas as esperanças de aceitação e salvação, excetuando aquelas fundadas em Jesus, o Redentor, e em seus supremos méritos; enquanto os doutores judeus afirmavam que as obras da lei eram a causa verdadeira e eficiente de salvação e felicidade eterna da alma. Este último sentimento não só conduziu a muitos outros erros extremamente prejudiciais ao cristianismo, mas também era danoso à glória do divino Salvador”. (Mosheim, Ecclesiastical History, século I, parte II, 11:12)

ESCRITOS NÃO AUTORIZADOS NA IDADE APOSTÓLICA. A referência de Paulo a “um outro evangelho” na epístola aos Gálatas (1:6), sugere ao Dr. Adam Clarke este comentário sobre a passagem:

“UM OUTRO EVANGELHO: É certo que, já nos primórdios da Igreja cristã, circulavam vários evangelhos espúrios; e foi a quantidade destes falsos ou incorretos relatos que induziu Lucas a escrever seu próprio evangelho (ver Lucas 1:1). Temos conhecimento do nome de mais de setenta dessas narrativas incorretas, e nos escritos antigos muitos de seus fragmentos permanecem; esses foram coligidos e publicados por Fabrício em sua relação de livros apócrifos do Novo testamento (3 vols, 8° vo.). alguns desses evangelhos insistiam na necessidade da circuncisão e cumprimento da lei de Moisés, em unidade com o evangelho”. (Bible Commentary, de Clarke).

ALGUMAS AUTORIDADES EM HISTÓRIA ECLESIÁSTICA. Entre as autoridades citadas no texto, estão as nomeadas a seguir. Um breve comentário sobre elas pode ser de interesse.

EUSÉBIO: Eusébio Pamphilo, bispo de Cesaréia, na palestina. Viveu por volta de 260 a 339 d.C., apesar de ser incerta a data de sua morte. Foi testemunha ocular e participante de alguns incidentes dolorosos provocados pela perseguição pagã aos cristãos, sendo cognominado o “pai da história da igreja”. Foi autor de vários livros, entre eles um dos mais antigos sobre história eclesiástica, o “Ecclesiastical History”. As citações desta obra por Eusébio, apresentadas no texto, são da versão traduzida do grego por C. F. Cruse.

MOSHEIM: Dr. J. L. Mosheim, reitor da universidade de Göttinger, autor alemão, notável pelas suas contribuições à história da Igreja. É autor de uma exaustiva obra, a “Ecclesiastical History” (6 vols.) datada de 1755. Os trechos da “Ecclesiastical History” de Mosheim apresentados no texto são tomados da versão traduzida para o inglês pelo Dr. Archibald Maclaine, datada de 1764.

MILNER. Reverendo Joseph Milner. autoridade inglesa em história da igreja e autor da pormenorizada “History of the Church of Christ” (5 vols.), da qual os trechos do texto foram tirados.

COMENTÁRIOS SOBRE A PASSAGEM DE JUDAS: A passagem citada no texto: “Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para esse mesmo juízo, homens ímpios” etc. (Judas 4), deu motivo a discussões sobre o envolvimento ou não da pré-designação ou preordenação. A leitura casual e ligeira da passagem pode sugerir que os referidos “homens ímpios” haviam sido indicados ou “ordenados” por Deus para semear discórdia e dissensão na Igreja. Um estudo cuidadoso dessa passagem mostra que essa dedução não se justifica. Os “homens ímpios” que antes estavam escritos para este mesmo juízo” já haviam sido denunciados, proscritos e condenados pelas próprias heresias que agora procuravam perpetuar na Igreja, tendo-se infiltrado despercebidamente ou, em outras palavras, tornando-se membros da Igreja por meio de falsos pretextos e profissão, estando aptos, em vista de serem membros, a espalhar seus falsos ensinamentos com mais eficácia. O Dr. Adam Clarke, em seu Bible commentary trata assim a passagem em questão:

“Porque se introduziram alguns”. Eles penetraram na Igreja sobre falsos pretextos e, uma vez lá dentro, começaram a semear suas más sementes.

“Que já antes estavam escritos”: Pessoas já antes proscritas e condenadas da maneira mais pública; este é o significado da palavra (original) neste lugar, e existem muitos exemplos desse uso nos escritos gregos”.

“Para este mesmo juízo”: para uma punição similar àquela prestes a ser mencionada.

“nos escritos sagrados, todas essas pessoas, falsas doutrinas e práticas ímpias têm sido proscritas e condenadas abertamente, e o apóstolo apresenta imediatamente vários exemplos, como os israelitas desobedientes, os anjos infiéis e os habitantes ímpios de Sodoma e Gomorra. Isto é claramente o que o apóstolo quer dizer, e é tão ridículo quanto absurdo considerar tais palavras como um decreto de condenação, estando tal doutrina tão longe da mente do apóstolo quanto daquele em cujo nome ele escreveu”. (Clarke, “Bible Commentary”, Judas 4).

Na versão revisada do Novo Testamento, a passagem é apresentada assim: “Tive a necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo”.

CAPÍTULO IV

CAUSAS DA APOSTASIA __ CAUSAS EXTERNAS

- 1- Consideremos agora algumas das principais causas que contribuíram para a apostasia da Igreja Primitiva e mais tarde provocaram apostasia da Igreja como uma instituição terrena; e estudaremos como essas causas operaram.
- 2- Nas passagens citadas como prova do começo da apostasia, são indicadas muitas dessas causas contribuintes, tais como o aparecimento de falsos mestres, e a disseminação de doutrinas heréticas e o crescimento do poder de Satanás, em geral. Essas causas, originadas dentro da própria Igreja, podem ser classificadas como internas. Além destas, havia outras condições externas agindo sobre a Igreja. Estas podemos classificar como causas externas. Para conveniência do estudo, consideraremos o assunto nesta ordem: (1) causas externas; (2) causas internas.

CAUSAS EXTERNAS DA GRANDE APOSTASIA

- 3- As condições externas que operavam contra a Igreja, tendentes a restringir seu desenvolvimento e a contribuir para seu declínio, podem ser, de modo geral, designadas pelo termo *perseguição*. É fato histórico, inegável e indiscutível, que desde seu estabelecimento até que deixou de existir, a Igreja estabelecida por Jesus Cristo foi objeto de amarga perseguição e vítima de violência. O fato é se a perseguição, considerada como elemento contribuinte para a apostasia, merece consideração. A oposição nem sempre é destrutiva. Pelo contrário, pode até conduzir a um maior zelo e assim, provar ser um fator poderoso de progresso. Diz um conhecido provérbio que “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”. Mas os provérbios e adágios, os aforismos e parábolas, enquanto verídicos na generalidade, nem sempre são aplicáveis a condições especiais.
- 4- Indubitavelmente, as perseguições persistentes às quais a Igreja Primitiva esteve sujeita, causaram muitas deserções de seus adeptos que renunciavam à fé, retornando a primitiva devoção, quer judaica, quer pagã, reduzindo o número de membros da Igreja. Esses exemplos de apostasia de adeptos podem ser considerados como deserções individuais e de comparativamente de pequena importância em seu efeito sobre a Igreja como um corpo. Os perigos que alarmavam uns, fortaleciam a determinação de outros; as alas dos fracos e descontentes que desertavam eram novamente preenchidas por zelosos conversos. Vale repetir que a apostasia dos fiéis foi insignificante em comparação com a apostasia da Igreja como instituição. A perseguição, como

- uma causa da apostasia, operou de modo indireto, mas não menos eficientemente sobre a Igreja de Cristo. (Ver notas 1 e 2 no fim do capítulo).
- 5- Consideramos superficialmente o testemunho dos primeiros historiadores da Igreja, mostrando que as dissensões, contendas e perversões da doutrina invadiram a Igreja imediatamente após a morte dos apóstolos; vimos como os lobos esperavam a saída dos pastores, para que pudessem, com mais eficiência, ameaçar o rebanho. Não podemos negar que as primeiras perseguições eram dirigidas especialmente contra os líderes do povo; as mais afiadas armas eram dirigidas contra os oficiais da Igreja. Nessa violenta batalha entre o cristianismo e seus inimigos aliados, o judaísmo e o paganismo, os homens fortes que representavam Cristo foram os primeiros a tombar. E, com sua queda, os traidores dentro da Igreja, os ímpios e os rebeldes, aqueles que se introduziram sub-repticiamente e cujo intento sinistro era perverter o evangelho de Cristo, viram-se livres da resistência e à vontade para propagar suas heresias e minar as fundações da Igreja. A perseguição, que operava de fora, e que era, portanto, uma causa essencialmente externa, servia para por em movimento o maquinismo de destruição interno da Igreja, devendo, portanto, ser considerada como um elemento que contribuiu para a grande apostasia.
 - 6- Outro intento de apresentação aqui de um breve resumo das perseguições sofridas pela Igreja Primitiva é fornecer uma base de comparação imediata entre tais perseguições e as empreendidas pela própria Igreja apóstata séculos mais tarde. Verificaremos que os sofrimentos da Igreja nos dias de sua integridade são superadas pelas crueldades infligidas em nome de Cristo. Além disso, o estudo das primeiras perseguições nos capacita a contrastar as condições de oposição e pobreza, com as de facilidade e influência, como influenciadoras da integridade da Igreja e devoção de seus adeptos.
 - 7- A perseguição a que a Igreja Primitiva estava sujeita era dupla — a do judaísmo e a do paganismo. Devemos lembrar que os judeus se distinguiam de todas as outras nações da antiguidade por sua crença na existência de um Deus vivente. O resto do mundo antes e na era de Cristo era idólatra e pagão, declaradamente crente numa multidão de deidades, sem reconhecer, contudo, um ser supremo como personagem vivente. Os judeus eram ferrenhos na oposição ao cristianismo, que consideravam como religião rival à sua; e ainda mais, reconheciam o fato de que, se o cristianismo viesse a ser aceito em geral como a verdade, sua nação seria sempre condenada por ter matado o Messias.

PERSEGUIÇÃO JUDAÍSTA

(Ver nota 3 no fim do capítulo)

- 8- A oposição ao cristianismo por parte daqueles que pertenciam à Casa de Israel era mais judaísta que judaica. O conflito era entre sistemas e não entre povos e nações. Cristo era judeu: seus apóstolos eram judeus, e os discípulos que constituíam o corpo da Igreja por ocasião de seu estabelecimento e nos primeiros anos de sua existência, eram, em sua maioria, judeus. As instruções de nosso Senhor aos doze apóstolos escolhidos em sua primeira peregrinação

missionária restringiam seu ministério à Casa de Israel (Ver Mateus 10:5, 6); e quando chegou a época propícia para estender os privilégios do evangelho aos gentios, foi necessária uma manifestação miraculosa para converter os apóstolos de que tal extensão era justa. (Ver Atos, capítulos 10 e 11). A congregação da Igreja foi, a princípio exclusivamente, e durante muito tempo, constituída principalmente de membros judeus. O judaísmo, sistema religioso baseado na lei de Moisés, era o grande inimigo do cristianismo. Quando, pois, lemos que judeus se opunham à Igreja, sabemos que se trata dos judeus sectários, defensores do judaísmo como sistema, seguidores da lei e inimigos do evangelho. Com esta explicação da diferença entre os judeus como povo e do judaísmo como sistema, podemos empregar os termos “judeu” e “judaico” de acordo com seu uso comum, tendo em mente, contudo, a verdadeira significação dos vocábulos.

- 9- A oposição do judaísmo à igreja foi predita. Enquanto Jesus ministrou na carne, ele advertiu específica e repetidamente os apóstolos sobre as perseguições que sofreriam. Respondendo a certas perguntas, Cristo disse a Pedro e outros: “Mas olhai por vós mesmos, porque vos entregarão aos concílios e às sinagogas; sereis açoitados e sereis apresentados ante presidentes e reis, por amor de mim, para lhes servir de testemunho”. (Marcos 13:9; comparar com Mateus 10:16-18; 24:9-13; Lucas 21:12).
- 10- Pouco antes de ser traído, o Senhor repetiu a advertência solenemente, citando as perseguições a que fora sujeito e declarando que seus discípulos não podiam escapar: “Se o mundo vos aborrece, sabeis que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo o amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece. Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se a mim me perseguiram, também a vós perseguirão” (João 15:18-20).
- 11- A extrema depravação a que chegariam os fanáticos perseguidores, é apresentada nestas outras palavras do Salvador: “Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a mim”. (João 16:2, 3; comparar com 9:22 e 12:42).
- 12- Essas predições tiveram rápido e literal cumprimento. Na época da crucificação, a malignidade e o ódio do judaísmo eram dirigidos contra todos que professavam a crença na divindade de Jesus Cristo. Nas primeiras fases do ministério dos apóstolos, vários deles foram aprisionados (Atos 5:18; compare com 4:3), e os líderes sacerdotais procuraram tirar-lhes a vida (Ver Atos 5:33). Estevão foi apedrejado até a morte, por causa de seu testemunho (Ver Atos 6:8-15, 7:54-60), e a perseguição contra a Igreja generalizou-se (ver Atos 8:1). Tiago, filho de Zebedeu, foi morto por ordem de Herodes (Ver Atos 12:1, 2), e Pedro foi salvo de semelhante destino, por uma intervenção miraculosa (versículos 3-10). As escrituras nos informam sobre o destino final de apenas alguns dos apóstolos; e a história secular é também incompleta a esse respeito. O Senhor ressuscitado fez saber que Pedro seria contado entre os mártires (Ver João 21:18, 19). Paulo descreve o fato de que os apóstolos viviam na própria

sombra da morte (I Coríntios 4:9) e que a perseguição era sua herança. (Versículos 11-13; ver também II Coríntios 4:8, 9; 6:4, 5).

- 13- Os judeus não só empreendiam perseguição cerrada contra os que dentre eles professavam crer em Cristo, mas também incentivavam a oposição por parte dos romanos e, para conseguir seu intento, alegavam que os cristãos conspiravam contra o governo romano. Mesmo durante o ministério pessoal dos primeiros apóstolos, a perseguição aos santos ultrapassou Jerusalém, atingindo a Palestina e províncias adjacentes. Nessa obra do mal, os judeus procuravam incitar seu próprio povo que vivia longe dos centros, e também procuravam a oposição dos oficiais e governadores dos domínios romanos. Como evidência desta fase de perseguição, em parte do judaísmo e em parte pagã, instigada pelos judeus e com a participação de outros, é suficiente esta citação de Mosheim:
- 14- “Os judeus que viviam nas províncias romanas fora da Palestina não ficavam devendo nada aos de Jerusalém, em crueldade para com os inocentes discípulos de Cristo. Pela história dos Atos dos apóstolos e outros registros de autoridade inquestionável, sabemos que não poupavam esforços, mas aproveitavam zelosamente de toda oportunidade para instigar os magistrados contra os cristãos e orientar o povo para exigir sua destruição. O sumo sacerdote da nação e os judeus que habitavam na Palestina eram os instrumentos de incitação da fúria desses judeus estrangeiros contra a Igreja nascente, enviando seus mensageiros para exortá-los a não só evitar qualquer transação com os cristãos, mas também a persegui-los com mais furor. Para essa ordem desumana, procuravam encontrar os mais plausíveis pretextos e assim pregavam que os cristãos eram inimigos do imperador romano, uma vez que reconheciam a autoridade de certa pessoa cujo nome era Jesus, a quem Pilatos punira com a morte como malfeitor, por uma justa sentença, e a quem, não obstante, eles conferiam a dignidade real”. (Mosheim, ecclesiastical History, Séc. I, part. I, 5:2).
- 15- Na última metade do primeiro século, a cena de perseguição judaísta à Igreja transferira-se de Jerusalém para as províncias mais distantes; e a causa disso foi o êxodo geral dos cristãos da cidade cuja a destruição havia sido decretada. (Ver nota 4 no fim do capítulo). As predições do Senhor quanto ao destino de Jerusalém, e suas advertências ao povo (Ver Lucas 21:5-9, 20-24) tinham sido acatadas em grande parte. Eusébio (Ecclesiastical History, livro III, cap. 5) nos informa que o corpo da Igreja se transferira de Jerusalém para as províncias além do Jordão, e assim uma grande maioria escapou dos flagelos que atingiram os judeus que ficaram.

NOTAS

PERSEGUIÇÕES EM DIFERENTES DISPENSAÇÕES. Deve-se convir que, a julgar pela história da Igreja restabelecida na atual dispensação, perseguição tende mais a fortalecer a Igreja do que enfraquece-la e que, assim, a violenta oposição nos primeiros tempos não pode

ser considerada como a verdadeira causa do desmembramento final. Em resposta, pode-se dizer que a presente é a dispensação da plenitude dos tempos, um período no qual a Igreja triunfará, e no qual as forças do mal são limitadas e restringidas em sua oposição, enquanto o período da apostasia foi uma época de vitória temporária de Satanás. A crença do triunfo do bem sobre o mal não nos deve cegar diante do fato de que, ao mal, é freqüentemente permitido um sucesso momentâneo e uma aparente vitória. A permanência da Igreja dos últimos dias foi predita com a mesma certeza como a duração temporária da Igreja Primitiva. A Satanás foi dado poder para subjugar os santos nos primeiros dias, e as perseguições que moveu contra eles e os oficiais da Igreja contribuíram para seu sucesso passageiro. Foi decretado que ele não teria poder para destruir a Igreja na última dispensação, e sua perseguição aos santos hoje seria ineficaz como meio de provocar uma apostasia geral nestes últimos tempos.

PERSEGUIÇÃO COMO CAUSA POSSÍVEL DA APOSTASIA. “Minha classificação daquelas perseguições como um dos meios pelos quais a Igreja foi destruída, não deve constituir surpresa. A força do ódio pagão era dirigida contra os líderes e homens poderosos do corpo religioso; e sendo contínua e de crueldade sem tréguas, aqueles mais firmes e mais fiéis à Igreja se tornavam invariavelmente suas vítimas. Depois da destruição destes, restaram apenas os fracos para batalhar pela fé, tornando, assim possíveis as subseqüentes inovações na religião de Jesus, erigidas pelo sentimento público pagão e que tão completamente alteraram o espírito e a forma da religião cristã, a ponto de subverte-la totalmente. Recomendo ainda que ninguém se surpreenda que a violência permitida em tal caso. A idéia de que o direito sai sempre vitorioso neste mundo, que a verdade sempre triunfa e que a inocência é sempre protegida divinamente, é antiga fábula popular com a qual os bem intencionados têm entretido multidões incrédulas; mas os fatos inflexíveis da história e a experiência real na vida corrige agradável ilusão. Não me entendam mal. Creio na vitória final do direito, no triunfo final da verdade, e o direito, na imunidade final da inocência à violência. Estes, a inocência, a verdade, e o direito, serão, no final, mais que conquistadores; terão sucesso na guerra, mas isso não evita que percam algumas batalhas. Deve-se lembrar que Deus deu ao homem o livre arbítrio; e que este fato implica que um homem é tão livre para agir maldosamente, como outro para agir com justiça. Caim foi tão livre para matar seu irmão quanto seu irmão para adorar a Deus; e assim, os pagãos e judeus foram tão livres para perseguir e matar os cristãos, quanto os cristãos para viver virtuosamente e adorar a Cristo como Deus. O arbítrio do homem não teria qualquer valor, se não concedesse liberdade ao mau para encher a taça de sua iniquidade, assim como liberdade ao virtuoso, para satisfazer a medida de sua retidão. Essa tão perfeita liberdade ou arbítrio, Deus deu ao homem; e só é modificada de modo que não desvirtue seus propósitos gerais”. (B.H. Roberts, “A New Witness for God”, pp. 47, 48).

PRIMEIRAS PERSEGUIÇÕES DOS JUDEUS. “A inocência e a virtude que distinguiam tão eminentemente a vida dos servos de Cristo, os apóstolos, e a pureza da doutrina que ensinavam, não foram suficientes para defende-los da violência e malignidade dos judeus. Os sacerdotes e governadores daquele povo incorrigível não só cumularam de injúrias e reprovações os apóstolos de Jesus e seus discípulos, como condenaram à morte tantos deles quantos puderam, executando seus decretos da maneira mais irregular e mais bárbara possível. O assassinio de Estevão, de Tiago, filho de Zebedeu, e de Tiago, o justo, bispo de Jerusalém, é terrível exemplo da verdade do que aqui adiantamos. A odiosa malignidade dos doutores judeus contra os arautos do evangelho devia-se indubitavelmente, à secreta apreensão de que o progresso do cristianismo destruiria o crédito do judaísmo e traria a ruína de suas pomposas cerimônias”. Na nota de rodapé da citação precedente, aparecem estas referências: “O martírio de Estevão é relatado em Atos dos apóstolos, 7:55; e o de Tiago, filho de Zebedeu, em Atos 12:1,2, e o de Tiago, o justo, bispo de Jerusalém, é mencionado por Josefo em sua obra ‘Antiguidades judaicas’, Livro XX, cap. 8, e por Eusébio na ‘Ecclesiastical History’, livro II, cap. 23. “(Mosheim, ‘Ecclesiastical History’, séc. I parte I, 5:1).

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM PELOS ROMANOS. Uma grave rebelião entre os judeus foi a desculpa para o terrível castigo a eles imposto pelos dominadores romanos, o qual culminaria na destruição total de Jerusalém em 71 D.C. a cidade caiu após seis meses de cerco

pelas forças romanas comandadas por Tiro, filho do imperador Vespasiano, Josefo, o famoso historiador, a quem mais devemos do nosso conhecimento quanto aos pormenores da luta, residia então na Galiléia e foi levado a Roma entre os prisioneiros. Pelos seus registros, aprendemos que um milhão de judeus perderam a vida pela fome durante o sítio; muitos outros foram vendidos como escravos, e uma infinidade deles forçada ao exílio. A cidade foi completamente destruída, e o terreno no qual se erguera o templo foi revolvido pelos romanos à procura de tesouros. Assim, as palavras de Cristo foram cumpridas. ‘Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada’. (Mateus 24:1, 2, ver também Lucas 19:44). (O autor, “Regras de Fé”, capítulo 17:18).

CAPÍTULO V

CAUSAS DA APOSTASIA __ CAUSAS EXTERNAS (cont.)

- 1- Como já ficou esclarecido, é conveniente classificar as causas da grande apostasia em duas categorias: externa e interna ou (1) causas devido a condições exteriores que operavam contra a Igreja; e (2) causas originadas pelas dissensões e heresias dentro da própria Igreja. Resumindo as causas externas sob o termo geral, perseguição; e mostramos também a diferença entre a perseguição judaísta e a pagã contra a Igreja. Como já tratamos da oposição sofrida entre os primeiros cristãos nas mãos dos judeus ou por instigação do judaísmo, consideraremos agora as perseguições sofridas pelos crentes em Cristo, movidas pelas nações pagãs.

A PERSEGUIÇÃO PAGÃ

- 2- O termo “pagão”, neste caso, deve ser interpretado como referente a pessoas ou povos que não acreditavam na existência do Deus vivo, e cujo culto era essencialmente idólatra. Os motivos que impeliram os judeus descrentes a se oporem ao estabelecimento e disseminação do cristianismo são facilmente entendidos, tendo em vista que a religião ensinada por Cristo apareceu como rival do judaísmo, e que o crescimento e disseminação implicava no declínio, senão na extinção da outra. O motivo imediato a amarga e generalizada perseguição dos povos pagãos aos cristãos não é fácil de compreender, uma vez que não havia nenhum sistema uniforme de culto idólatra numa única nação, mas sim uma vasta diversidade de deidades e cultos de idolatria, a nenhum dos quais o cristianismo se opunha mais do que aos outros. Entretanto, encontramos os adoradores de ídolos esquecendo suas próprias diferenças e se unindo na oposição do evangelho da paz __ na perseguição movida com incrível ferocidade e indiscutível violência. (Ver nota 1 no fim do capítulo).
- 3- Infelizmente, os historiadores divergem muito nas descrições da perseguição aos cristãos, segundo o ponto de vista de cada autor. Assim, de modo geral, os autores cristãos apresentam relatos excessivos de sofrimentos a que a Igreja de seus adeptos individuais estiveram sujeitos; por outro lado, os historiadores não-cristãos procuram reduzir a um mínimo a extensão e severidade das crueldades praticadas contra os cristãos. Existem, contudo, circunstâncias que nenhuma das partes nega, as das quais ambas se ocuparam em seus relatos. Para uma interpretação justa destes fatos, esboçamos somente as verdadeiras inferências deles.
- 4- Entre os perseguidores pagãos da Igreja, o império romano é o principal agressor. Isto pode parecer estranho em vista da tolerância geral exercida por Roma para com os povos seus tributários. A causa real da oposição de Roma ao cristianismo tem dado motivo a muitas conjecturas. É provável que o zelo

intolerante por parte dos próprios cristãos tenha muita a ver com sua impopularidade entre as nações pagãs. Este assunto é resumido de modo conservador por Mosheim:

- 5- “Uma natural curiosidade nos leva a perguntar como aconteceu que os romanos, que não molestavam nenhuma nação por motivos religiosos e que permitiam até mesmo aos judeus viverem sob suas leis, e seguir seus próprios métodos de adoração, trataram somente os cristãos com tal severidade. Essa importante questão parece ainda mais difícil de resolver, quando consideramos que a natureza excelente da religião cristã e sua admirável tendência para promover o bem-estar público do estado e a felicidade pessoal do indivíduo, capacitava-a de maneira singular a merecer a proteção das forças reinantes. Uma das principais razões da severidade com que os romanos perseguiram os cristãos, não obstante essas considerações, parece ter sido a ojeriza e reprovação com que os últimos consideravam a religião do império, intimamente ligada à forma e mesmo à própria essência de sua constituição política. Pois, embora os romanos mostrassem uma tolerância ilimitada para com todas as religiões que nada tivessem em seus dogmas de perigoso para o estado, não permitiam que a dos seus antepassados, que era estabelecida pelas leis do estado, se tornasse alvo de escárnio, nem que o povo fosse convencido a abandoná-la. Estas eram, contudo, as duas coisas de que os cristãos eram acusados, mui justamente, embora para sua honra. Eles ousavam ridicularizar os absurdos das superstições pagãs, e eram zelosos e assíduos em trazer prosélitos à verdade. Não só atacavam a religião romana, mas também todos os diferentes aspectos e formas de superstições nos vários países onde exerciam seu ministério. Por isso, os romanos concluíram que a seita cristã não só era audaciosamente arrogante e insuportável, mas também uma inimiga da tranquilidade pública, e em todos os sentidos tendente a excitar guerras e comoções civis no império. É provável que, por esse motivo, Tácito os tenha caracterizado como odioso estigma de inimigos da humanidade, e tachado a religião de Jesus de superstição destrutiva. Suetônio fala dos cristãos e de sua doutrina nos mesmos termos.
- 6- “Outra circunstância que irritava os romanos contra os cristãos era a simplicidade de seu culto que não se assemelhava em nada aos ritos sagrados de qualquer outro povo. Os cristãos não tinham sacrifícios, nem templos, nem imagens, nem oráculos, nem ordens sacerdotais; e isso era suficiente para atrair sobre eles a reprovação de uma horda ignorante que não imaginava não poder haver religião sem tudo isso”. (Mosheim “Ecclesiastical History”, séc. I, parte I, cap. 5:6,7).
- 7- Pode-se dizer que a perseguição à Igreja pelas autoridades romanas teve início no reinado de Nero (64 D.C.) e continuou até o fim do reinado de Deocleciano (305 D.C.). Nesse espaço de tempo, houve muitos períodos de pouca crueldade, senão de comparativo abrandamento; não obstante, a Igreja foi objeto de opressão pagã durante cerca de dois séculos e meio. Autores cristãos tentaram dividir as perseguições em dez investidas separadas e distintas; alguns pretenderam mesmo encontrar uma relação mística entre as dez pragas do Egito, bem como uma analogia com os dez chifres mencionados por João, o Revelador. (Ver Apocalipse 17:14). Mas a história atesta que o número de

perseguições de severidade incomum chega a menos de dez, conquanto o total, incluindo assaltos locais e restritos fosse muito maior. (Ver nota 2 no fim do capítulo).

- 8- *Perseguição no Reinado de Nero*. A primeira prolongada e notável perseguição aos cristãos por édito oficial de um imperador romano foi instigada por Nero, no ano 64 D.C. como é conhecido dos estudiosos da história, esse monarca é lembrado principalmente por seus crimes. Durante o último período de seu infame reinado, grande parte da cidade de Roma foi destruída pelo fogo. Suspeitaram que ele fosse o responsável pelo desastre e, temendo o ressentimento do povo enraivecido, procurou incriminar os impopulares cristãos como incendiários, e pela tortura tentou forçá-los à confissão. Quanto ao que aconteceu após a torpe acusação consideraremos as palavras de Tácito, escritor que não era cristão e cuja integridade como historiador é conhecida.
- 9- “Tendo isso em vista, ele (Nero) infligiu as mais estranhas torturas àqueles homens que, sob a vulgar designação de cristãos, já eram estigmatizados com merecida infâmia. Seu nome e origem deriva-se de Cristo que, no reinado de Tibério, fora morto por sentença do procurador Pôncio Pilatos. Durante algum tempo essa terrível superstição cessou, mas ergueu-se novamente; e não só se disseminou por toda Judéia, primeiro sítio dessa deplorável seita, como se introduziu até mesmo em Roma, o asilo comum que recebia e protegia tudo o que era impuro, tudo o que era infame. As confissões dos que foram aprisionados revelaram uma grande multidão de cúmplices, e todos foram condenados, não tanto pelo crime de incendiar a cidade, mas pelo seu ódio à espécie humana. Morriam em tormentos, amargurados por insultos e escárnios. Alguns foram pregados na cruz; outros vestidos com peles de animais ferozes costuradas sobre seu corpo, eram expostos a fúria dos cães; outros ainda, eram embebidos em substâncias combustíveis e usados como tochas para iluminar o negrume da noite. Os jardins de Nero foram reservados para o melancólico espetáculo que era seguido de uma corrida de cavalos e honrado com a presença do imperador que se misturava a população, com as vestes e com atitude de um condutor de bigas. A culpa dos cristãos merecia realmente os mais exemplares castigos, mas o ódio público se transformou em comiseração pela idéia de que aqueles infelizes eram sacrificados, não tanto para o bem-estar público, mas pela crueldade de um ciumento tirano”. (Tácito, “Annals”, livro 15, cap. 44).
- 10- Há certa discordância entre os historiadores se a perseguição de Nero deve ser considerada como perseguição local, praticamente confinada à cidade de Roma, ou geral em todas as províncias (Ver nota 3 no fim do capítulo). A opinião mais aceita favorece a crença de que as províncias seguiam o exemplo da metrópole, e que a perseguição era comum em toda a Igreja.
- 11- Essa perseguição, a primeira por édito romano, terminou praticamente com a morte do tirano Nero, no ano de 68 d.C. de acordo com a tradição herdada dos primeiros escritores cristãos, os apóstolos Paulo e Pedro foram martirizados e mortos em Roma. O primeiro foi decapitado, o último foi crucificado durante essa perseguição; e contam ainda que a mulher de Pedro foi condenada à morte pouco antes de seu marido; mas tal tradição não é confirmada nem desmentida por registro autêntico.

- 12- *Perseguição no Reinado de Domiciano.* A segunda perseguição oficialmente ordenada por autoridade romana começou em 93 ou 94 d.C., no reinado de Domiciano. Tanto os cristãos como os judeus caíram no desagrado desse príncipe, por se recusarem a reverenciar as estátuas que ele erigiu como objeto de adoração. Outra causa que contribuiu para sua especial animosidade contra os cristãos, conforme afirmam os primeiros autores, é: O imperador foi convencido que estava em risco de perder o trono, em vista da suposta predição de que, da família de que Jesus pertencia, um se levantaria pra enfraquecer, senão mesmo destruir, o poder de Roma. Tendo isto como sua ostensiva desculpa, esse perverso governador impôs terrível destruição a um povo inocente. Felizmente, a perseguição assim iniciada foi de pouca duração. Moshem e outros julgam que o fim da perseguição foi causado pela morte prematura do imperador, embora Eusébio, que escreveu no quarto século, cite um escritor mais antigo que declara ter domiciano mandado trazer à sua presença os descendentes vivos do Salvador, e que, após inquiri-los, convenceu-se de que não constituíam perigo. Por isso, mandou-os embora com desdém e ordenou que cessasse a perseguição. Acredita-se que, enquanto o édito de domiciano esteve em vigor, o apóstolo João foi exilado na ilha de Patmos.
- 13- *Perseguição no reinado de Trajano.* O que é conhecido na história eclesiástica como terceira perseguição à Igreja cristã, passou-se no reinado de Trajano, que ocupou o trono imperial de 98 a 117 d.C. ele foi e é considerado um dos melhores imperadores romanos. Entretanto, sancionou violenta perseguição aos cristãos. Por se recusarem obstinadamente a oferecer sacrifícios aos deuses romanos. A história nos preservou uma carta muito importante de Plínio, o Moço, governador de Ponto, pedindo instruções ao imperador, e a resposta dada por este. Essa correspondência é instrutiva, porquanto mostra até onde o cristianismo se estendera naquela época, e como os crentes eram tratados pelos oficiais do Estado.
- 14- Plínio pedia instruções ao imperador quanto à norma a ser seguida com respeito aos cristãos sob sua jurisdição. Deveriam os jovens e velhos, os fracos e fortes, ser tratados com igualdade, ou deveria haver graduação? Deveria ser dada uma oportunidade para os acusados se regenerarem, ou somente o fato de haverem professado a fé cristã devia ser considerado como ofensa imperdoável? Deveriam os condenados como cristãos ser punido só por sua religião ou pelas ofensas específicas resultantes de sua irmandade na Igreja cristã? Após submeter ao imperador tais questões, o governador prossegue, relatando o que fizera na ausência de instruções definitivas. Em resposta, o imperador instruiu que os cristãos não deveriam ser perseguidos nem procurados por vingança, mas, se acusados e trazidos a julgamento, e caso se recusassem a renunciar a sua fé, então deveriam ser condenados à morte (Ver nota 4, no fim do capítulo).
- 15- *Perseguição no Reinado de Marco Aurélio.* Marco Aurélio reinou de 161 a 180 aD. Era considerado como alguém que procurava o melhor para seu povo, mas, sob seu governo, os cristãos sofreram outras crueldades. A perseguição era muitíssimo severa na Gália (hoje França). Entre os que tiveram o destino de mártir naquela época, encontra-se Policarpo, bispo de Esmirna, e Justino, o

mártir, conhecido na história como o filósofo. Com referência a aparente anomalia de que mesmo os melhores governadores permitiam e promoviam oposição vigorosa aos devotos cristãos, como foi exemplificado pelos atos desse imperador, diz um autor moderno: “Deve-se notar que a perseguição aos cristãos durante o reinado dos imperadores pagãos tinha mais motivos políticos do que religiosos; e aí está porque achamos os nomes dos melhores imperadores, bem como dos piores, na lista dos perseguidores. Acreditava-se que o bem-estar do Estado estava ligado à cuidadosa execução dos ritos de adoração nacional; e conquanto os governadores fossem muito tolerantes, permitindo todas as formas de adoração entre seus súditos, mesmo assim exigiam que os homens de qualquer crença pelo menos reconhecessem os deuses romanos e queimasse incenso diante de suas estátuas. A isto os cristãos se recusavam firmemente. Sua recusa de servir no templo, acreditava-se, enfurecia os deuses e punha em perigo a segurança do Estado, trazendo sobre ele seca, peste e toda espécie de desastre. Esta a principal razão de serem perseguidos pelos imperadores pagãos”. (General History, por P.V.N. Myers, edição de 1889, p. 322).

- 16- *Perseguições Posteriores*. Com raros períodos de cessação parcial, os crentes cristãos continuaram a sofrer nas mãos de oponentes pagãos durante o segundo e terceiro séculos. Uma violenta perseguição marcou o reinado de Severo (193-211 ^aD.) na primeira década do terceiro século; outra caracterizou o reinado de Maximino (235-238 ^aD.). Um período de incomum severidade na perseguição e sofrimento caiu sobre os cristãos durante o curto reinado de Décio conhecido também como Décio Trajano (249-251 ^aD.). A perseguição no reinado de Décio é designada na história eclesiástica como a sétima perseguição à Igreja. Outras se seguiram em rápida sucessão. Vamos desprezar alguns desses períodos de opressão específica e passar à consideração da:
- 17- *Perseguição no Período de Deocleciano*, conhecida como a décima e, felizmente a última. Deocleciano reinou de 284 a 305 ^aD. a princípio, mostrou-se bastante tolerante para com a crença e prática cristãs. Até mesmo consta dos registros que tanto sua esposa quanto sua filha eram cristãs, ainda que “de certo modo secreto”. Mais tarde, contudo, ele se voltou contra a Igreja e deliberou suprimir totalmente a religião cristã. Para isso, determinou a destruição total dos livros cristãos e decretou a pena capital para todos os que conservassem tais obras em seu poder.
- 18- Por duas vezes irrompeu fogo no palácio real em Nicomédia; e em ambas as ocasiões o ato incendiário foi atribuído aos cristãos, com terríveis conseqüências. Quatro decretos distintos, cada um excedendo em violência os anteriores, foram emitidos contra os crentes; e durante dez anos eles foram vítimas de incontrolável rapina, espoliação e tortura. No fim da década de terror, a Igreja estava dispersa e aparentemente em condições desesperadoras. Os registros sagrados haviam sido queimados; os lugares de adoração destruídos; milhares de cristãos condenados à morte. Todo esforço possível foi feito para destruir a Igreja e abolir da terra o cristianismo. Descrições dos horríveis extremos a que chegou a brutalidade são revoltantes. É suficiente um único exemplo. Eusébio, referindo-se as perseguições no Egito, diz: “Era tal a severidade da luta sustentada pelos egípcios, que em Tiro contendiam

gloriosamente pela fé. Milhares de homens, mulheres e crianças, menosprezando a vida presente por amor à doutrina do nosso Salvador, se submeteram à morte sob várias formas. Alguns, depois de esfolados e torturados na roda, e passarem pelos mais terríveis açoites e outras inumeráveis agonias, que se treme só de ouvi-las, eram finalmente lançados às chamas; e alguns eram submergidos e afogados no mar; outros se ofereciam voluntariamente ao carrasco; outros morriam em meio aos tormentos, alguns definhavam pela fome e outros ainda eram pregados na cruz. Alguns eram executados como costumavam ser os malfeitores; outros, mais cruelmente, eram pregados de cabeça para baixo e conservados vivos até perecerem pela fome na própria cruz”. (Eusébio, “Ecclesiastical History”, livro 8, cap. 8).

- 19- Um autor moderno cuja tendência era diminuir ao máximo a extensão da perseguição aos cristãos, é Edward Gibbon. Ele descreve assim as condições que prevaleceram nesse violento período de Deocleciano: “Ordenava-se aos magistrados que empregassem todo método de severidade capaz de recuperá-los de sua odiosa superstição e obriga-los a retornar à adoração estabelecida aos deuses. Essa ordem rigorosa foi estendida, por decreto subsequente, a todo o corpo cristão, que estava exposto a uma violenta e geral perseguição. Em vez das restrições salutares que exigiam o testemunho direto e solene de um acusador, tornou-se o dever, bem como o interesse dos oficiais imperiais descobrir, perseguir e atormentar o mais detestável entre os fiéis. Pesados castigos foram anunciados contra todos que se atrevessem a salvar um sectário proscrito da justa indignação dos deuses e dos imperadores”. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire” cap. XVI).
- 20- Tão geral foi a perseguição de Deocleciano, e tão desastroso os seus efeitos, que, quando cessou, acreditou-se que a Igreja estivesse extinta para sempre. Ergueram-se monumentos para comemorar o zelo do imperador como perseguidor, destacando-se dois obeliscos erigidos na Espanha. Num deles há uma inscrição glorificando o poderoso Deocleciano “*Por ter extinto o nome dos cristãos que levaram a república à ruína*”. Um segundo obelisco comemora o reinado de Deocleciano e honra o imperador “*Por ter abolido em toda parte a superstição em Cristo; por ter ampliado a adoração aos deuses*”. Uma medalha cunhada em honra a Deocleciano traz a inscrição: “*O nome cristão está sendo extinto*” (Milner, “Church History”, séc. IV, cap. 1:38). Eventos subsequentes ratificam a falsidade dessas suposições.
- 21- A opressão de Deocleciano foi a última das grandes perseguições infligidas pela Roma pagã à cristandade em geral. Uma estupenda mudança, importando numa revolução, aparece agora nos feitos da Igreja. Constantino, conhecido na história como Constantino, o Grande, tornou-se imperador de Roma no ano 306^aD. e reinou durante 31 anos. No princípio de seu reinado, esposou a impopular causa cristã e pôs a Igreja sob a proteção oficial do Estado. Correu a notícia de que a conversão do imperador foi devida a uma manifestação sobrenatural, na qual viu aparecer nos céus uma cruz luminosa com a seguinte inscrição: “Por este sinal, conquista”. A veracidade dessa alegada manifestação é duvidosa, e a evidência da história é contra ela. O incidente é mencionado apenas para mostrar os meios imaginados para popularizar o cristianismo naquela época.

- 22- Muitos historiadores judiciosos consideram a chamada conversão de Constantino mais uma causa política que uma sincera aceitação da verdade do cristianismo. O próprio imperador permaneceu como catecúmeno, isto é, como crente não batizado, até pouco antes da sua morte, quando se tornou membro pelo batismo. Mas, fossem quais fossem seus motivos, ele fez do cristianismo a religião do estado, publicando um decreto oficial nesse sentido, em 313. “Fez da cruz o estandarte real; e as legiões romanas agora, pela primeira vez, marchavam sob o emblema do cristianismo”. (Myers).
- 23- Imediatamente após essa mudança, houve grande concorrência para a promoção da Igreja. O ofício de bispo passou ser mais cobiçado que a divisa de um general. O próprio imperador era o chefe geral da Igreja. Tornou-se impopular e decididamente desvantajoso, no sentido material, ser conhecido como não-cristão. Os templos pagãos foram transformados em igrejas, e seus ídolos demolidos. Sabemos que doze mil homens e um número proporcional de mulheres e crianças foram batizados na Igreja de Roma, num só ano. Constantino mudou a capital do império de Roma para Bizâncio, a cuja cidade deu seu nome, Constantinopla. Esta, a atual capital da Turquia, tornou-se a sede da Igreja estatal.
- 24- Quão vazia e vã parece a pretensão de Deocleciano, quando disse que o cristianismo estava extinto para sempre! Entretanto, quão diferente era a Igreja sob a proteção de Constantino, da Igreja estabelecida por Cristo e erguida pelos apóstolos! A julgar pelo padrão de sua constituição original, a Igreja já se tornara apóstata.

NOTAS

CAUSA DA OPOSIÇÃO PAGÃ AO CRISTIANISMO. “Todos os cristãos recusaram-se unanimemente a ter qualquer comunhão com os deuses de Roma, do império e da humanidade. O crente oprimido alegava em vão os inalienáveis direitos da consciência e julgamento pessoal. Ainda que sua atitude pudesse inspirar compaixão, seus argumentos jamais seriam compreensíveis, seja pela parte filosófica ou crente do mundo pagão. Para sua apreensão, não era menos surpreendente que qualquer indivíduo pudesse ter escrúpulos contra a obediência ao modo estabelecido de culto, como se tivessem concebido um ódio súbito às maneiras, vestes ou língua de seu país natal. A surpresa dos pagãos foi logo substituída pelo ressentimento; e os homens mais pios estavam expostos à injusta, mas perigosa imputação de piedade. A malícia e o preconceito concorreram para representar os cristãos como uma sociedade de ateístas que, pelo mais audacioso ataque à constituição religiosa do império, merecia as mais severas censuras do magistrado civil. Eles haviam se separado (e exultavam em confessa-lo) de todo tipo de superstição aceita em qualquer parte do globo pelas várias naturezas de politeísmo; mas não era inteiramente evidente por qual deidade ou forma de adoração haviam substituído os deuses e templos da antiguidade. A idéia pura e sublime que tinham do Ser Supremo escapava à grosseira concepção da multidão pagã, incapaz de conceber a existência de um Deus solitário e espiritual, que não fosse representado por forma corpórea ou símbolo visível, nem adorado com a costumeira pompa de libações e festivais, de altares e sacrifícios”. (Gibbon, “Decline and fall of the Roman Empire”, cap. XVI).

QUANTO AO NÚMERO DE PERSEGUIÇÕES PELOS ROMANOS. “Diz-se que os romanos perseguiram os cristãos com extrema violência nas dez perseguições, mas esse número não foi determinado pela história antiga da Igreja. Pois se, como perseguições, somente aquelas são mencionadas como singularmente severas e gerais através do império, então é certo que o número delas não chega ao acima mencionado. E, se considerarmos as perseguições provinciais e as menos notáveis, elas excederiam esse número em muito. No quinto século, certos cristãos foram levados por algumas passagens das escrituras sagradas e por uma em especial em Apocalipse (Apocalipse 17:14), a imaginar que a igreja estava para sofrer dez calamidades da mais grave natureza. Portanto, eles tentaram, ainda que nem todos o fizessem da mesma forma, acomodar a linguagem da história a essa idéia, mesmo contra o testemunho dos relatos antigos; por isso somente a história pode falar com autoridade”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Séc. I cap 5:4).

Falando sobre o mesmo assunto, Gibbon diz: “Toda vez que se exercia qualquer severidade ocasional nas diferentes partes do império, os primitivos cristãos lamentavam e engrandeciam mesmo seus próprios sofrimentos; mas o celebrado número de dez perseguições foi determinado pelos escritores eclesiásticos do quinto século, que tinham uma visão mais distinta do destino próspero ou adverso da Igreja desde a era de Nero a Deocleciano. O artificioso paralelo com as dez pragas do Egito e os dez chifres do apocalipse sugeriu-lhes primeiramente esse cálculo; e na aplicação de sua fé na profecia à verdade da história, tiveram o cuidado de selecionar os reinados realmente mais hostis à causa cristã”. (Gibbon, “Decline and fall of the Roman Empire”, cap. XVI).

EXTENSÃO DA PERSEGUIÇÃO NERONIANA. “Os entendidos não concordam plenamente quanto à extensão dessa perseguição no reinado de Nero. Alguns a confinam à cidade de Roma, enquanto outros a representam como violenta em todo o império. Esta última opinião, que é também a mais antiga, é, sem dúvida, a mais aceita; porque é certo que as leis contra os cristãos era decretadas contra o corpo inteiro, e não contra certas igrejas e, conseqüentemente, vigoravam nas mais remotas províncias”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Séc. I part.I, 5:14).

CORRESPONDÊNCIA ENTRE PLÍNIO E TRAJANO. A consulta de Plínio, o Moço, governador de Ponto, a Trajano, o imperador de Roma, e a resposta imperial são de tal importância, que merecem reprodução integral. A versão aqui apresentada é a de Milner, como consta de sua “History of the Church of Christ”, edição de 1810, sec II, cap. I

“De Plínio a Trajano, imperador”:

“Saúde. __ É meu costume usual, Senhor, consultar-vos em todas as coisas, das quais tenham alguma dúvida. Pois quem pode melhor orientar em sua hesitação, ou instruir minha mente em sua ignorância? Nunca tive a ventura de estar presente a qualquer inquirição de cristãos, antes de minha vinda a esta província. Estou, portanto, sem saber determinar qual objeto comum quer da inquirição, quer da punição, e a distância a que qualquer um deles deva ser levado. Há também um fator bem problemático, se deve ser feita qualquer distinção entre o jovem e o ancião, o fraco e o forte; se deve ser dado qualquer ensejo ao arrependimento ou se, uma vez determinada a culpa de pertencer ao cristianismo, esta não pode mais ser expiada pela mais inequívoca retratação; se o próprio nome, abstraída qualquer má conduta ou crimes ligados ao nome, é objeto de punição. Até aqui esse sentido tem sido o meu método, com respeito aos trazidos perante mim como cristãos. Perguntava-lhe se eram cristãos; caso se confessassem culpados, eu os interrogava mais duas vezes, com a ameaça de punição capital. Em caso de teimosa perseverança, eu ordenava sua morte. Pois não tinha dúvida alguma de que, qualquer que fosse a natureza de sua religião, a súbita e obstinada inflexibilidade clamava pela vingança do magistrado. Alguns que foram contaminados pela mesma loucura, devido ao seu privilégio de cidadania, reservei para serem submetidos ao vosso tribunal. No curso desse trabalho,

recebendo abundantes informações como é comum quando são encorajados, mais casos apareceram.

Foi apresentado um libelo anônimo, com uma lista de pessoas que, não obstante, declararam não serem cristãs e não terem sido jamais; e elas repetiram, perante mim, uma invocação aos deuses e a vossa imagem, a qual, para esse fim, mandei que fosse trazida juntamente com as imagens das deidades. Executaram os sagrados ritos com vinho e queima de resina aromática, e amaldiçoaram a Cristo — coisas estas, segundo me disseram, a que nenhum verdadeiro cristão jamais poderia ter compelido. Por essa razão, eu os dispensei. Outros, denunciados por um informante, primeiramente confirmaram, mas depois negaram a acusação de cristianismo, declarando que haviam sido cristãos, mas deixando de sê-lo havia três anos, outros há mais tempo, alguns mesmo há vinte anos. Todos veneraram vossa imagem, e as estátuas dos deuses, e também amaldiçoaram a Cristo. Este é o relato que fizeram da natureza da religião que uma vez professaram, quer mereça o nome de crime ou erro: que costumavam reunir-se num dia determinado antes do alvorecer, e repetir entre si um hino a cristo como a um deus, obrigando-se por um juramento a um compromisso de não cometerem nenhuma maldade; pelo contrário, deviam abster-se de pilhagem, roubos e adultério; e também não violar sua promessa ou negar um compromisso; após o que era seu costume separarem-se para novamente se encontrarem numa promíscua e inofensiva ceia, de cuja prática, contudo, desistiram após a publicação de meu édito, pelo qual, segundo vossa ordem, proibi qualquer sociedade desse gênero. Por essa razão, julguei mais necessário descobrir, pela tortura de duas mulheres, tidas como diaconisas, qual era a verdade. Mas nada pude obter, com exceção de uma perversa e excessiva superstição. Adiado, portanto, qualquer outra investigação, decidi consultar-vos. Pois o número de culpados é tão grande, que requer uma séria consulta. Muitas pessoas de todas as idades e de ambos os sexos foram denunciadas; e maior número ainda estará na mesma situação. O contágio da superstição se espalhou não só através das cidades, mas mesmo pelas vilas e campos. Não que eu considere possível detê-la ou corrigi-la. O sucesso de minhas tentativas até agora proíbe tais pensamentos desencorajadores; pois os templos, antes quase ermos, começaram a ser freqüentados, e as solenidades sagradas, há muito interrompidas, voltaram a ser freqüentes; e as vítimas para sacrifícios, que antes raramente encontravam um comprador, são agora vendidas por toda parte. Donde concludo que muitos se emendariam, não fosse a esperança de impunidade, pelo arrependimento, absolutamente confirmada”.

Segue-se a resposta do imperador:

“De Trajano a Plínio”:

“Vós tendes procedido corretamente, meu caro Plínio, no inquérito por vós levado a efeito com respeito aos cristãos. Pois que realmente não se pode estabelecer nenhuma lei geral que se aplique a todos os casos. Essas pessoas não devem ser perseguidas. Se forem trazidas perante vós e condenadas, que sejam punidas com a pena capital; entretanto, com a restrição de que, se qualquer um renunciar ao cristianismo e evidenciar sua sinceridade pela súplica aos nossos deuses, conquanto possa ter sido suspeito no passado, deverá obter o perdão para o futuro pelo arrependimento. Mas a libelos anônimos não se deve dar qualquer atenção; pois o precedente seria da pior espécie, e perfeitamente incompatível com a política de meu governo”.

CAPÍTULO VI

CAUSAS DA APOSTASIA __ CAUSAS INTERNAS

- 1- As cruéis perseguições a que os adeptos do cristianismo e da Igreja como um corpo organizado estiveram sujeitos nos três primeiros séculos de nossa era foram consideradas causas externas, contribuindo, pelo menos indiretamente, para a apostasia geral. Apresentamos com suficiente abundância pormenores da oposição judaíta e pagã, para mostrar que a impopular Igreja teve uma existência atribulada, e que seus membros, que permaneceram fiéis aos dogmas e princípios do evangelho, foram mártires em espírito senão reais.
- 2- Como seria natural, os efeitos imediatos da acirrada perseguição àqueles que professavam crer na divindade do Senhor Jesus eram diversos e variados, realmente iam desde o incontrolável entusiasmo expresso em inflamado clamor pelo martírio, à pronta e abjeta apostasia com ostensiva devoção aos ritos idólatras.
- 3- Muitos dos cristãos devotos criaram um zelo quase que maníaco, e, desconsiderando toda prudência e discrição, gloriavam-se, na perspectiva de obter a coroa de mártir. Alguns que não foram perseguidos sentiam-se até mesmo ofendidos e se tornavam seus próprios acusadores; enquanto outros cometiam abertamente atos de agressão, com o intento de provocar ressentimento. (Ver nota 1 no fim do capítulo). Essas extravagâncias eram, sem dúvida, encorajadas pela excessiva veneração à memória dos restos mortais daqueles que haviam caído como vítimas pela causa. Essa demonstração de reverente respeito transformou-se, mais tarde, no ímpio culto aos mártires.
- 4- Comentando o imprudente entusiasmo dos primeiros cristãos, Gibbon diz: “Algumas vezes os cristãos supriam com sua declaração voluntária a ausência de um acusador, perturbando rudemente os ritos públicos do paganismo, e, acorrendo em massa ao tribunal, imploravam aos magistrados que os pronunciassem culpados e aplicassem a sentença da lei. O comportamento dos cristãos era demasiado notável para fugir à percepção dos filósofos antigos; mas parece que eles recebiam isso com muito menos admiração que surpresa. Incapazes de conceber os motivos que, às vezes, levaram a coragem dos crentes além dos limites da prudência e da razão, eles consideravam essa vontade de morrer um estranho resultado do desespero obstinado, da insensibilidade estúpida e do fanatismo supersticioso”. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XVI).
- 5- Mas há o outro lado da história. Enquanto imprudentes fanáticos chamavam para si perigos dos quais poderiam ter-se livrado, outros, alarmados com a possibilidade de serem incluídos entre as vítimas, abandonavam voluntariamente a Igreja e retornavam ao culto pagão. Milner, falando das condições existentes no terceiro século, e incorporando as palavras de Cipriano, bispo de Cartago, que viveu na época do incidente descrito, diz: “Vasto número reverteu imediatamente à idolatria. Mesmo antes de serem

acusados como cristãos, muitos acorreram ao fórum e ofereceram sacrifícios aos deuses como lhes fora ordenado; e a multidão de apóstatas era tão grande, que os magistrados desejavam transferir muitos deles para o dia seguinte, mas eram importunados pelos suplicantes aflitos, para que os deixassem provar que eram pagãos naquela mesma noite”. (Milner, “Church History”, Sec. III, cap. 8).

- 6- Em conexão com essa apostasia individual de membros da Igreja pressionados pela perseguição, surgiu entre os governadores provinciais a prática de vender certificados ou “libelos”, como eram chamados esses documentos, que “atestavam que as pessoas neles mencionadas se haviam submetido às leis e eram devotas das deidades romanas”. Pela apresentação dessas falsas declarações, os cristãos opulentos e tímidos conseguiam silenciar a maldade de um informante, e conciliar até certo ponto, sua segurança com sua religião. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XVI). Outra modalidade dessa semi-apostasia consistia em obter o testemunho de pessoas de oposição, certificando que os portadores tinham renunciado ao evangelho; esses documentos eram apresentados aos magistrados pagãos, e eles, em troca de uma taxa especificada, consentiam na dispensa dos rituais de devoção aos deuses pagãos. (Milner, “Church History”, Sec. III, cap. 9). Como resultado dessas práticas, pelas quais o rico podia, sob circunstâncias favoráveis, comprar imunidade à perseguição e ao mesmo tempo manter uma aparência de estar nas boas graças da Igreja, houve muita dissensão, tendo-se discutido se aqueles que haviam assim mostrado sua fraqueza deviam ou não ser recebidos novamente em comunhão com a Igreja.
- 7- A perseguição, quando muito, foi apenas uma causa indireta do declínio do cristianismo e da perversão dos princípios salvadores do evangelho de Cristo. Os maiores e mais imediatos perigos que ameaçavam a Igreja devem ser procurados dentro da própria Igreja. Na verdade, as pressões da oposição vinda de fora serviram para conter as fontes borbulhantes da dissensão interna e, de fato, retardaram as mais destrutivas erupções de heresia. (Ver nota 2 no fim do capítulo). Uma revisão geral da história da Igreja até o fim do terceiro século mostra que os períodos de relativa paz foram épocas de fraqueza e declínio na determinação espiritual, e que a volta da perseguição trazia um reavivamento e renovação da fé cristã. Os líderes devotos do povo não hesitavam em declarar que cada novo período de perseguição era um castigo natural e necessário para o pecado e corrupção que haviam progredido dentro da Igreja. (Ver nota 3 no fim do capítulo).
- 8- Com respeito às condições da Igreja em meados do terceiro século, Cipriano, bispo de Cartago, assim se expressou: “Se a causa de nossas misérias for investigada, pode-se encontrar a cura da chaga. O Senhor submetteria sua família à provação. E porque a longa paz corrompeu a disciplina que nos foi revelada pelos poderes divinos, a punição celestial ergueu nossa fé, que estava quase dormente; e quando por nossos pecados mereceríamos sofrer ainda mais, o misericordioso Senhor assim moderou todas as coisas, para que o cenário total mereça antes o nome de provação do que de perseguição. Cada qual estava inclinado a melhorar seu patrimônio, e se esqueciam do que os crentes fizeram na época dos apóstolos, e o que eles deviam sempre fazer. Cultivavam

a arte de acumular riquezas; os pastores e os diáconos se esqueciam de seu dever; as obras de misericórdia foram postergadas, e a disciplina caiu ao mais baixo nível. Prevalciam a luxúria e efeminação; vestes profanas eram usadas; praticavam-se fraudes e mentiras entre os irmãos. Os cristãos podiam unir-se em matrimônio com descrentes; podiam jurar não só sem reverência, como mesmo sem veracidade. Com arrogante aspereza, desdenhavam seus superiores eclesiásticos; zangavam-se uns com os outros com violenta acrimônia e conduziam as desavenças com deliberada malícia; até mesmo muitos bispos, que deviam ser os guias e modelos dos outros, esquecendo-se dos deveres inerentes à sua posição, entregavam-se a ocupações seculares. Abandonavam seus lugares de residência e seus rebanhos: viajavam para províncias distantes a procura de prazer e ganho; não davam qualquer assistência aos irmãos necessitados; e eram insaciáveis em sua sede de dinheiro. Possuíam propriedades conseguidas pela fraude e usura. O que não merecíamos sofrer por tal conduta? Até mesmo a palavra divina nos predisse o que deveríamos esperar: ‘Se seus filhos abandonam minha lei, e não aceitam meu julgamento, eu afligirei suas ofensas com a vara, e seus pecados com açoites’. Essas coisas foram denunciadas e preditas, mas em vão. Nossos pecados levaram nossa situação àquele estado, e por termos desdenhado as instruções do Senhor, fomos obrigados a suportar a correção de nossos múltiplos males e a provação de nossa fé por severos remédios”. (citado por Milner, “Church History”, Sec. III, cap. 8).

- 9- Milner que cita com aprovação a severa denúncia feita à Igreja no terceiro século, como mencionado acima, não pode ser acusado de preconceituoso contra as instituições cristãs, uma vez que seu intento declarado ao apresentar ao mundo uma “História da Igreja de Cristo” adicional, era dar a devida atenção a certos aspectos do assunto desconsiderados ou negligenciados pelos autores do passado, e principalmente dar ênfase à piedade, e não à maldade dos profanos seguidores de Cristo. Esse autor, declaradamente amigo da Igreja e de seus devotos admite a crescente depravação da seita cristã, e declara que até o fim do terceiro século, o efeito da manifestação pentecostal do Espírito Santo se extinguiu, restando pouca prova de qualquer estreita relação entre Cristo e a Igreja.
- 10- Note seu relato das condições: “A era de seu real declínio deve ser datada na parte pacífica do reinado de Deocleciano. Durante esse século, toda a obra de Deus, em pureza e poder, tendeu à decadência. A ligação com os filósofos foi uma das principais causas. A paz externa e influência seculares completaram a corrupção. A disciplina eclesiástica que fora demasiadamente estrita, era agora excessivamente negligenciada; os bispos e o povo encontravam-se em estado de malignidade. Contendas sem fim eram fomentadas entre os partidos em conflito, e a ambição e cobiça tinha ascendência generalizada na Igreja cristã. A própria fé cristã parecia agora um negócio comum e assim terminou, ou quase terminou, tanto quanto parece, a primeira grande efusão do espírito de Deus, que começou no dia de pentecostes. A depravação humana se efetuou através de uma decadência geral da devoção; e uma geração de homens passou com fraquíssimas provas da presença espiritual de Cristo em sua Igreja”. (Milner, “Church History”, Livro VIII, cap. I; Ver nota 4 no fim do capítulo).

- 11- Se outras evidências forem requeridas quanto ao fogo de desafeição latente dentro da Igreja e tão facilmente vivificado em chamas destrutivas, vamos considerar o testemunho de Eusébio com respeito às condições características da segunda metade do terceiro século. E, pesando suas palavras, convém lembrar que ele registrou expressamente a intenção de escrever em defesa da Igreja e apoio de suas instituições. Ele deplora a tranquilidade que precedeu a perseguição de Deocleciano, por causa de seus efeitos danosos tanto sobre os oficiais como sobre os membros da Igreja. São estas suas palavras: “Mas quando por liberdade excessiva, nos aprofundamos na indolência e inércia, invejando e injuriando uns aos outros de diversas maneiras, e estivermos quase que a ponto de pegar em armas uns contra os outros, atacando-nos com palavras, como com dardos e lanças, prelados censurando prelados e o povo se levantando contra o povo, e hipocrisia de dissimulação tendo subido às maiores altitudes da malignidade, então o divino julgamento, que geralmente procede com mão indulgente, enquanto as multidões ainda se aglomeravam na Igreja, começou a afligir seu episcopado com visitas benévolas e brandas, iniciando-se a perseguição com os irmãos que estavam no exército. ... Mas alguns que pareciam ser nossos pastores, abandonando a lei da piedade, inflamaram-se uns contra os outros com dissidências mútuas, acumulando contendas, rivalidades, hostilidade e ódio recíproco, somente ansiosos por estabelecer o governo como uma espécie de soberania para eles próprios”. (Eusébio, *Ecclesiastical History*”, livro VIII, cap. I; Ver nota 4 no fim do capítulo).
- 12- Como mais outra ilustração do declínio do espírito cristão em fins do terceiro século, Milner cita esta observação de Eusébio, testemunha ocular das condições descritas: “A pesada mão do julgamento de Deus começou suavemente, pouco a pouco, a nos visitar segundo sua habitual maneira; ...mas não nos deixamos comover absolutamente por sua mão, nem nos preocupamos em voltar a Deus. Acumulamos pecado sobre pecado, julgando como descuidados epicuristas, que Deus não se incomodava com nossos pecados, nem nunca nos visitaria por causa deles. E nossos pretensos pastores, deixando de lado a regra da devoção, praticavam entre si contendas e divisões”. Ele acrescenta que “as temíveis perseguições de Deocleciano foram então infligidas à Igreja como justa punição e como o mais apropriado castigo para suas iniquidades”. (Milner, “*Church History*”, Sec. III, cap.17).
- 13- Deve ser lembrado que a grande transformação pela qual a Igreja foi elevada a um lugar de honra no estado, ocorreu na primeira parte do quarto século. É erro popular presumir que a decadência da Igreja como instituição espiritual data daquela época. O quadro da Igreja declinando em seu poder espiritual na razão direta de seu aumento de riqueza e influências materiais, tem sido atraente aos retóricos e escritores de histórias sensacionalistas; mas tal quadro não representa a verdade. A Igreja estava saturada com o espírito da apostasia bem antes de Constantino tomá-la sob sua poderosa proteção, concedendo-lhe posição oficial no estado. Em apoio a essa declaração, cito novamente Milner, o declarado amigo da Igreja: “Sei que é comum autores representarem o grande declínio do cristianismo como tendo lugar somente após seu estabelecimento externo sob o reinado de Constantino. Mas a evidência da história compele-me

a discordar dessa visão das coisas. De fato, vimos que, durante uma geração inteira antes da perseguição deocleciana, apareceram poucos sinais de piedade superior. Rara era a centelha de caridade existente; e não é comum em qualquer época que uma grande obra do Espírito de Deus seja exibida apenas pela conduta de alguns grandes santos, pastores e reformadores. Todo esse período, bem como todo o cenário da perseguição, é bem estéril em tais caracteres. As instruções morais, filosóficas e monásticas não efetuarão pelos homens o que é de se esperar da doutrina evangélica. E se a fé em Cristo declinara tanto (e seu estado decadente devia datar do ano 270, aproximadamente), não nos devemos admirar de que cenas como as sugeridas por Eusébio, sem quaisquer minúcias circunstanciais, se tenham verificado no mundo cristão... Ele fala também do espírito ambicioso de muitos, aspirando os cargos da Igreja, das ordenações indevidas e ilegais, das querelas entre os próprios confessores e das contendas insufladas por jovens demagogos nas próprias relíquias da Igreja perseguida, e dos múltiplos males que seus vícios criaram entre os cristãos. Quão triste deve ter sido a decadência do mundo cristão para merecer a própria vara da vingança divina? Entretanto, que não triunfe o mundo infiel ou profano. *Não foi o cristianismo, mas sim o seu abandono, a causa destes males*". (Milner, "Church History", Sec. IV, cap. I. Os itálicos são introduzidos pelo autor deste. Ver nota 5 no fim do capítulo).

14- O exposto compreende apenas algumas das muitas evidências que poderiam ser citadas para demonstrar o fato de que, durante o período imediatamente seguinte ao ministério apostólico, a época coberta pelas perseguições aos cristãos pelas nações pagãs, a Igreja sofreu deterioração interna, e estava num estado de crescente perversão. Entre as causas mais pormenorizadas e específicas desse contínuo abandono do espírito do evangelho de Cristo, dessa apostasia rápida e crescente, poderemos considerar como exemplos importantes:

- (1) A corrupção dos simples princípios do evangelho pela mescla com os pretensos sistemas filosóficos da época.
- (2) Acréscimos não autorizados nas cerimônias da Igreja, e introdução de alterações vitais em ordenanças essenciais.
- (3) Alterações não autorizadas na organização e governo da Igreja.

15- Consideraremos, na devida ordem, cada uma das causas aqui enumeradas. Pode parecer que as condições apresentadas nessas especificações devam ser mais propriamente consideradas efeitos ou resultados, do que causas incidentes à apostasia geral, por terem a natureza de evidências ou provas de um abandono da constituição original da Igreja, e não de causas específicas que propriamente expliquem ou justifiquem a apostasia. Causa e efeito, contudo, estão às vezes intimamente associados, e as condições resultantes podem fornecer a melhor demonstração das causas em epígrafe. Cada uma das condições acima citadas como causa específica da apostasia progressiva, era, a princípio, um declínio da fraqueza existente e uma causa ativa dos resultados mais graves que se seguiram. Cada manifestação sucessiva do espírito de apostasia já era o resultado de desafeição anterior, e a causa de conseqüências posteriores e mais pronunciadas.

NOTAS

O ZELO DESEORDENADO DE ALGUNS ANTIGOS CRISTÃOS: “A sóbria descrição da era presente pode mais prontamente condenar do que admirar, e mais facilmente admirar do que imitar o fervor dos primitivos cristãos; pois que, segundo a viva expressão do Suplício Severo, desejavam o martírio com mais avidez do que seus próprios contemporâneos desejavam o bispado. As epístolas que Inácio compôs enquanto era levado algemado pelas cidades da Ásia exalam os sentimentos mais repugnantes à natureza humana. Avidamente implora aos romanos que, quando fosse exposto no anfiteatro, não o privassem, por sua interferência bondosa mais irrazoável, da coroa de glória; e declara sua resolução de provocar e irritar as feras selvagens que pudessem ser empregadas como instrumento de sua morte. Contam-se histórias de bravura dos mártires que realmente fizeram o que Inácio pretendia: exasperavam a fúria dos leões, solicitavam as carrascos que apressavam seu trabalho, pulavam com alegria nas fogueiras acesas para consumi-los e descobriam uma sensação de prazer em meio às mais estranhas torturas”. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XVI).

DISSENSÕES INTERNAS DURANTE O PERÍODO DE PAZ. Como foi dito no texto, a primeira parte do reinado de Deocleciano, o período imediatamente anterior à última grande perseguição a que os cristãos foram sujeitos, foi um tempo de liberdade relativa da oposição e caracterizado por perturbações internas e dissensões dentro da Igreja. Ilustrando a tolerância mostrada pelo imperador antes de se tornar hostil à Igreja e o subsequente declínio do fervor espiritual entre os próprios cristãos, Gibbon diz: “Deocleciano e seus colegas freqüentemente conferiam os mais importantes cargos aos que se declaravam avessos à adoração dos deuses, mas que tivesse mostrado capacidade própria para o serviço do estado. Os bispos tinham uma honorável posição nas respectivas províncias, e eram tratados com distinção e respeito, não só pelo povo mas pelos próprios magistrados. Quase em todas as cidades, as igrejas antigas eram insuficientes para conter a multidão de prosélitos; e em seu lugar, edifícios majestosos e de grande capacidade foram erguidos para a adoração pública dos fiéis. A corrupção dos costumes e princípios, tão lamentada por Eusébio, pode ser considerada não só uma consequência, como uma prova da liberdade de que os cristãos gozavam e abusavam sob o reinado de Deocleciano. A prosperidade havia relaxado os nervos da disciplina. Fraude, inveja e malícia prevaleciam em cada congregação. Os presbíteros aspiravam os cargos episcopal, que a cada dia se tornava objeto mais digno de sua ambição. Os bispos que contendiam uns com os outros pela preeminência eclesiástica pareciam afirmar por sua conduta, um poder secular tirânico na Igreja; e a fé ativa que ainda distinguia os cristãos dos gentios, era vista muito menos na vida deles do que em seus escritos controversos”. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XVI).

O EFEITO DA PAZ NA IGREJA PRIMITIVA. “Por mais desastrosas que tenham sido as perseguições nos primeiros séculos cristãos, os períodos de tranquilidade intercalados entre as explosões de ira que os incitavam, foram ainda piores para a Igreja. A paz pode ter vitórias não menos célebres que as da guerra; e assim, também, tem a paz suas calamidades, e não menos destrutivas que as da guerra. A guerra pode destruir nações, mas o ódio e o luxo corrompem a humanidade — o corpo e a mente. A paz é particularmente perigosa à Igreja. A prosperidade relaxa as rédeas da disciplina; o povo sente cada vez menos necessidade de uma providência sustentadora; na adversidade porém, o espírito do homem procura a Deus e, conseqüentemente, é mais devotado ao serviço religioso. Os cristãos antigos não constituem exceção a essa influência da calma. Toda vez que havia dissensões internas, quer pela misericórdia ou indiferença dos imperadores, as intrigas de prelados aspirantes e o aparecimento de heresias caracterizaram esses períodos”. (B.H.Roberts, “A New Witness for God”, p. 70).

DISSENSÕES E HERESIAS NA IGREJA PRIMITIVA. Eusébio, cujos escritos datam da primeira parte do quarto século, cita os escritos de Hegesipo, que viveu no primeiro quarto do século dois, como segue: “O mesmo autor (Hegesipo) trata também do começo das heresias que apareceram por volta dessa época, nestas palavras: ‘Mas após Tiago, o justo, ter sofrido o martírio, como sofreu o nosso Senhor pelo mesmo motivo, Simeão, o filho de Cleofas, tio de nosso Senhor, foi nomeado segundo bispo (de Jerusalém), a quem todos propuseram como primo de nosso Senhor. Eles consideravam a Igreja ainda virgem, pois ainda não havia sido corrompida por vãos discursos. Teobuto tentou secretamente começar a corrompê-la, por não haver sido feito bispo. Ele era um daqueles das sete seitas entre o povo judeu. Destes também era Simeão, donde veio a seita dos simonianos; também Cleóbio, de quem vieram os cleobianos; e também Dositeus, o fundador dos dositeanos. Dessas também se originaram os gorteanos, de Gorteus; e também os masboteanos de Masboteu. Deles também descenderam os meandrianos, os marcionitas e os carpocracianos e valentinianos, e os basilidianos e saturnianos, cada qual introduzindo suas próprias e peculiares opiniões, cada uma diferente da outra. Destas seitas surgiram os falsos cristos, os falsos profetas e os falsos apóstolos, que dividiram a unidade da Igreja semeando doutrinas corruptas contra Deus e contra Cristo”. (Eusébio, “Ecclesiastical History”, Livro IV, cap. 22).

PRIMEIRO DECLÍNIO DA IGREJA. Milner, resumindo as condições da Igreja no fim do século dois diz: “É aqui encerramos a visão do segundo século, que, na maior parte, exibiu prova da graça divina, tão fortes, ou quase, como no primeiro. Vimos a mesma firme e simples fé em Jesus, o mesmo amor a Deus e aos irmãos; e aquilo que eles singularmente superavam os cristãos modernos, isto é, o mesmo espírito celestial e vitória sobre o mundo. Mas uma sombra negra encobria essas glórias divinas. O espírito de Deus já está ofendido pelas intromissões ambiciosas dos justos presunçosos, pelos melhoramentos duvidosos e pelo orgulho farisaico; embora seja mais comum representar o início da mais sensível decadência de piedade um século mais tarde, a mim parece já ter começado”. (Milner, “Church History”, Sec. II, cap. 9).

Mosheim, escrevendo das condições presentes nos últimos anos do terceiro séculos, diz: “O antigo método de governo eclesiástico parecia em geral subsistir, conquanto ao mesmo tempo, com passos imperceptíveis, se afastasse da orientação primitiva e degenerasse em direção a uma forma de monarquia religiosa... essa alteração na forma de governo eclesiástico foi logo seguida por uma sucessão de vícios que desonraram o caráter e a autoridade daqueles a quem a administração da Igreja estava confiada. Pois, embora diversos ainda continuasse a exibir ao mundo exemplos ilustrativos da primitiva piedade e virtude cristãs, muitos, entretanto, estavam mergulhados na luxúria e volúpia, ensoberbados pela vaidade, arrogância e ambição, possuídos por um espírito de contenda e discórdia, e entregues a muitos outros vícios que lançam uma desmerecida reprovação sobre a santa religião da qual eram indignos mestres e ministros. Isto é testificado de maneira tão ampla pelas repetidas queixas de muitos dos mais respeitáveis autores daquela era, que a verdade não nos permite estender o véu, que do contrário gostaríamos de lançar sobre esses abusos entre uma ordem tão sagrada. Os bispos assumiam, em muitos lugares, uma autoridade principesca, especialmente aqueles que tinham o maior número de igrejas sob sua jurisdição e presidiam as mais opulentas assembléias. Apropriavam-se, para suas funções evangélicas, das esplêndidas insígnias de majestade temporal. Um trono, rodeado pelos ministros, elevava acima de seus semelhantes, o servo do manso e humilde Jesus; e suntuosas indumentárias ofuscavam os olhos e a mente do povo numa ignorante veneração de sua usurpada autoridade. O exemplo dos bispos era ambiciosamente imitado pelos presbíteros que, negligenciando os sagrados deveres de sua posição, entregavam-se à indolência e ao refinamento de uma vida efeminada e luxuriosa. Os diáconos, vendo os presbíteros abandonando assim suas funções, audaciosamente usurpavam seus direitos e privilégios; e os efeitos de uma corrupta ambição espalharam-se por toda hierarquia da ordem sagrada”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. III, parte II, cap. 2:3, 4).

CAPÍTULO VII

CAUSAS INTERNAS __ CONTINUAÇÃO

- 1- A primeira entre as causas específicas dos distúrbios que operaram dentro da Igreja e contribuíram para a apostasia, é chamada de “*A corrupção dos simples princípios do evangelho pela mescla com os pretensos sistemas filosóficos da época*”.
- 2- A tentada implantação de doutrinas estranhas na verdadeira vinha do evangelho de Cristo foi característica dos primeiros anos do período apostólico. Temos ciência de que o mágico Simão, que professava crer e entrou para a Igreja pelo batismo, era tão destituído do verdadeiro espírito do evangelho, que procurou obter pelo dinheiro a autoridade e o poder do sacerdócio. (Ver Atos 8:9, 13, 18-24). Esse homem, embora admoestado por Pedro e aparentemente pio, continuou a perturbar a Igreja, inculcando heresias e angariando discípulos dentro do rebanho. Seus seguidores se distinguiam como seita ou culto no quarto século; e, escrevendo nesse tempo sobre eles, Eusébio diz: “Estes, segundo a maneira de seu fundador, insinuando-se na Igreja, como uma doença pestilenta e leprosa, infectaram seus membros com a pior das corrupções, nos quais puderam inocular seu veneno secreto, irremediável e destrutivo”. (Eusébio, “*Ecclesiastical History*”, livro II, cap. 1). Esse Simão, conhecido na história como o Mago, é citado pelos primeiros autores cristãos como fundador da heresia, devido a suas tentativas persistentes de combinar o cristianismo com o gnosticismo. É com referência a sua proposição de comprar a autoridade espiritual, que todo o tráfico nos negócios espirituais ficou conhecido como simonia.
- 3- Pela boca de João, o Revelador, o Senhor reprovou certas igrejas pela adoção ou tolerância de doutrinas e práticas estranhas ao evangelho. Este é o caso principalmente dos nicolaítas, e dos seguidores das doutrinas de Balaão. (Ver Apocalipse 2:15, comparar com versículo 6; ver também versículo 20. Ver nota 1 no fim do capítulo).
- 4- A perversão da verdadeira teologia assim desenvolvida dentro da Igreja vem desde a introdução das falácias do judaísmo e dos pagãos (Ver nota 2 no fim do capítulo). Realmente, na abertura da era cristã e durante séculos depois, o judaísmo estava mais ou menos intimamente misturado com a filosofia pagã e contaminado com suas cerimônias. Havia numerosas seitas e partidos, cultos e escolas, cada qual advogando teorias rivais quanto à constituição da alma, à essência do pecado, à natureza da Deidade e uma multidão de outros mistérios. Os cristãos logo se viram envolvidos em controvérsias sem fim, entre si.
- 5- Os judeus conversos ao cristianismo procuraram modificar e adaptar os dogmas da nova fé, para harmoniza-los com seu amor herdado ao judaísmo, com resultado destrutivo para ambos. Nosso Senhor indicou a futilidade de quaisquer tentativas de combinar novos princípios com sistemas antigos, ou remendar preconceitos do passado com fragmentos de doutrina nova.

“Ninguém”, disse ele, “deita remendo de pano novo em vestido velho, porque semelhante remendo rompe o vestido, e faz-se maior a ruptura. Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás, rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam”. (Mateus 9:16, 17). O evangelho veio como uma nova revelação, marcando o cumprimento da lei; não era um mero adendo, nem um simples revigoramento de requisitos passados. Incorporava um novo e eterno convênio. As tentativas de remendar o manto judaísta com a nova fazenda do evangelho não podia resultar em nada que fosse mais bonito que uma horrível ruptura. O novo vinho do convênio não podia ser guardado nos recipientes de couro desgastado das libações mosaicas. O judaísmo era depreciado, e o cristianismo pervertido pela incongruente associação.

- 6- Entre as primeiras e mais perniciosas adulterações da doutrina cristã está a introdução dos ensinamentos dos gnósticos. Estes pretensos filósofos jactavam-se de que eram capaz de guiar a mente humana a uma plena compreensão do Supremo Ser e ao conhecimento da verdadeira relação entre a Deidade e os mortais. Chegaram a dizer que um certo ser existira em toda a eternidade manifestado como uma luz radiante difundida através do espaço e a quem chamavam de *Pleroma*. “A natureza eterna, infinitamente perfeita e infinitamente feliz, tendo habitado eternamente em profunda solidão e em abençoada tranqüilidade, produziu, finalmente, por si mesma, duas mentalidades de sexo diferente que lembravam seu supremo pai na mais perfeita maneira. Da prolífica união desses dois seres, outros apareceram, de modo que, com o correr dos tempos, foi formada uma família celestial no *Pleroma*. Essa divina progênie, imutável em sua natureza e acima do poder mortal, foi chamada pelos filósofos de *Aeon*, termo grego que significa natureza eterna. O número desse Aeons era um ponto muito controvertido entre os sábios orientais”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. I, parte II, 1:7).
- 7- Então um dos Aeons, distintamente chamado de demiurgo, criou este mundo e arrogantemente alegou domínio sobre o mesmo, negando absolutamente a autoridade do supremo pai. A doutrina gnóstica declara ser o homem uma união do corpo que, sendo criação do demiurgo, é essencialmente maléfico, e um espírito que sendo derivado da Deidade, é caracteristicamente bom. Os espíritos assim aprisionados em corpos maus serão finalmente libertos, e então o poder do demiurgo cessará, e a terra será dissolvida no nada.
- 8- Nossa justificação em apresentar aqui esse resumo parcial do gnosticismo é o fato de que houve esforços anteriores para acomodar os dogmas desse sistema às exigências do cristianismo; e que Cristo e o Espírito Santo foram declarados pertencentes à família dos Aeons estabelecida para esse esquema. Isto conduz ao extravagante absurdo de negar que Jesus tinha um corpo, mesmo enquanto viveu como homem; e que sua aparência como um ser material foi um engano dos sentidos, ocasionado pelo seu poder sobrenatural. (Ver nota 2 no fim do capítulo).
- 9- Que as doutrinas dos gnósticos não eram satisfatória, mesmo para os que nela professavam crer, é evidente pelos muitos cultos e partidos que surgiram como subdivisões da seita principal; é interessante notar que, nos tempos modernos,

certos livres-pensadores se orgulhavam em assumir um título que expressava uma idéia totalmente contrária à do nome agnóstico.

- 10- O efeito prático dos princípios do gnosticismo na vida de seus adeptos é estranhamente diverso. Uma divisão da seita seguiu uma vida de austeridade, compreendendo rigoroso sacrifício, tortura corporal, na vã crença de que o corpo maligno podia assim ser subjugado, enquanto ao espírito seria dado aumento de poder e maior liberdade. Outro culto procurou diminuir a diferença fundamental entre o certo e o errado, negando o elemento de moralidade na vida humana; e estes se entregavam sem limites aos impulsos das paixões e das fraquezas de natureza corporal, na presunção de não haver nenhum relacionamento entre o corpo e a alma que causasse dano à última, através da permissividade e dos excessos corporais.
- 11- Outra seita ou escola, cujas doutrinas estavam até certo ponto amalgamadas com as do cristianismo, era a dos neoplatônicos. As antigas seitas dos platônicos estavam aliadas em alguns pontos doutrinários com os epicurianos, e eram rivais, senão oponentes dos estóicos. Os primitivos platônicos sustentavam que a matéria inorganizada existiu em toda eternidade, e que seu organizador, Deus, é semelhantemente eterno. Assim como Deus é eterno, assim sua vontade e inteligência é sem princípio; e essa inteligência eterna que existe por vontade ou intento da Deidade, foi chamada de *Logos*. Tais preceitos ensinados muito antes já da era cristã, influenciaram a filosofia professada por algumas das seitas contendoras entre os judeus, no tempo de Cristo.
- 12- À medida que os princípios do cristianismo foram sendo difundidos, certos líderes das seitas dos platônicos acharam na nova doutrina muito o que estudar e admirar. Nesse tempo, contudo, o próprio platonismo havia sofrido muitas alterações, e os adeptos mais liberais tinham formado uma nova organização e se distinguiam pela designação de neoplatônicos. Estes diziam encontrar em Jesus Cristo a encarnação do Logos, e aceitavam com avidez as palavras de João: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”. (João 1:1, 14). De acordo com a filosofia eclética ou neoplatônica, o “Verbo” citado por João era o “Logos” descrito por Platão.
- 13- O conceito platônico da divindade como consistindo da Deidade e do Logos foi aumentando segundo os dogmas cristãos como constituído de três membros, sendo o Espírito Santo o terceiro. Daí, surgiu amarga e duradoura dissensão quanto ao poder relativo de cada membro da Trindade, especialmente quanto à posição e autoridade do Logos ou filho. As muitas disputas inerentes à mescla da teoria platônica com a doutrina cristã, continuaram através dos séculos, e em certo sentido, pode-se dizer que continuaram perturbando a mente dos homens, mesmo nesta época moderna.
- 14- Está inteiramente além de nosso intuito classificar ou descrever a descendência híbrida resultante da desnatural união da filosofia pagã com a verdade cristã; nem tentaremos seguir em minúcias as dissensões e contendas sobre pontos teológicos e questões da doutrina. Nosso propósito será alcançado quando, pela exposição de fatos e citações de autoridades, for estabelecida a realidade da apostasia. Consideraremos, portanto, somente as mais importantes dissensões que perturbaram a Igreja. (Ver nota 4 no fim do capítulo).

- 15- Em meados do terceiro século, Sibellius, um presbítero ou bispo da Igreja na África, advogou fortemente a doutrina de “três em unidade” como caracterizando a Trindade. Afirmava que a natureza divina de Cristo não era nenhum atributo distinto ou pessoal do homem Jesus, mas simplesmente uma porção da energia divina, emanção do Pai, com a qual o filho foi temporariamente revestido; e que da mesma maneira, o Espírito Santo era uma parte do divino Pai. Estes pontos de vista eram tão vigorosamente rejeitados por uns, quanto defendidos por outros; e o desentendimento prevalecia, quando Constantino repentinamente alterou a posição da Igreja, e trouxe em seu apoio o poder do Estado. No princípio do quarto século, a disputa assumiu um aspecto ameaçador na amarga contenda entre Alexandre, bispo de Alexandria, e Ário, um dos oficiais subordinados da mesma Igreja. Alexandre proclamava que o filho era em todos os pontos igual ao Pai, e também da mesma substância ou essência. Ário insistia em que o filho havia sido criado pelo Pai e, portanto, não podia ser co-eterno com seu Pai divino; e que o filho era o agente através do qual a vontade do Pai era executada, e que, por essa razão, também o filho era inferior ao pai tanto na natureza como na dignidade. Dessa mesma forma, o Espírito Santo era inferior aos outros membros da Divindade.
- 16- O arianismo, como se tornou conhecida a doutrina, era pregado com vigor e denunciado com energia; e a dissensão assim ocasionada ameaçava seccionar a Igreja em seus alicerces. Assim, o Imperador Constantino foi forçado a intervir, num esforço para estabelecer a paz entre seus clérigos contendores. Convocou um conselho dos dignitários da Igreja, que se reuniu no ano de 325 e que ficou conhecido como concílio de Nicéia, devido ao lugar em que se realizou. Este concílio condenou as doutrinas de Ário e pronunciou a sentença de banimento para seu autor. O declarado como doutrina ortodoxa da igreja universal ou católica com respeito à trindade foi promulgado como segue:
- 17- “Cremos num Deus, o Pai, Todo-poderoso, o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor, Jesus Cristo, o filho de Deus, gerado do pai unigênito, (isto é) da substância do pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus e muito Deus; gerado e não feito; da mesma substância do Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas, que estão nos céus e que estão na terra: que por nós homens, e para nossa salvação, desceu e se encarnou, e se tornou homem; sofreu e subiu novamente no terceiro dia, ascendeu aos céus e virá julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo. Mas aqueles que dizem que houve uma época em que ele (o filho) não existia, e que ele não existia antes de ser gerado, e que ele foi feito do nada, ou afirmam que ele não é de nenhuma outra substância ou essência, ou que o filho de Deus foi criado, é mutável ou variável, a Igreja católica os amaldiçoa”.
- 18- Essa é a versão do credo de Nicéia geralmente aceita como sendo a original. Na forma foi um tanto modificado, embora permanecesse praticamente o mesmo quanto à essência no concílio reunido em Constantinopla, meio século depois. O que é considerado como reafirmação do credo de Nicéia é atribuído a Atanásio, um dos principais oponentes do arianismo, embora seus direitos de ser considerado o autor sejam questionados por muitos e negados firmemente por algumas autoridades em história eclesiástica. Não obstante, a citação referida achou lugar na literatura como o “credo de Atanásio”, e certa ou

erroneamente assim chamado, persiste como declaração da crença professada por algumas seitas cristãs de hoje. Ele tem lugar no ritual da igreja Anglicana. O “credo de Atanásio está assim redigido”:

- 19- “Adoramos um Deus na Trindade e a Trindade na unidade, nem confundindo as pessoas, nem dividindo a substância. Porque há uma pessoa do Pai, outra do filho, e uma outra do Espírito Santo. Mas a Divindade do pai, do filho e do Espírito Santo, toda é uma: a glória é igual, a majestade co-eterna. Tal como o Pai é o filho e o Espírito Santo. O Pai não é criado, o filho não é criado, e o Espírito Santo não é criado. O Pai é incompreensível, o filho é incompreensível e o Espírito Santo é incompreensível. O Pai é eterno, o filho é eterno e o Espírito Santo é eterno. E não obstante não há três eternos; mas sim um eterno. Como também não há três incompreensíveis, nem três que não foram criados; mas um que não foi criado e um incompreensível. Assim igualmente o Pai é Todo-Poderoso, o filho é Todo-Poderoso e o Espírito Santo é Todo-Poderoso; não obstante não há três Todo-Poderosos, mas sim um Todo-Poderoso. Assim o Pai é Deus, o filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; não obstante não há três Deuses, mas sim um Deus”.
- 20- O concílio de Nicéia é conhecido na história eclesiástica como uma das mais famosas e mais importantes reuniões realizadas como um corpo oficial relacionado com a administração da Igreja. Não só a disputa ariana foi eliminada, até onde o decreto eclesiástico podia eliminar uma questão que afetava vitalmente a consciência individual, como muitos outros objetos de controvérsia foram igualmente silenciados para o tempo. Assim a disputa tão longamente pendente quanto à época da celebração da páscoa foi decidida por voto, bem como a questão suscitada por Novato e seus seguidores, quanto à propriedade da readmissão dos apóstatas arrependidos à Igreja, e a dissensão causada por Melécio, bispo da África do Norte, que se recusara a reconhecer a autoridade do bispo de Alexandria. Pelo número e pela diversidade das questões levadas ao concílio de Nicéia para julgamento, podemos concluir seguramente que a recém-entronada Igreja não se caracterizava nem pela unidade de propósito, nem pela harmonia da ação. Contudo, comparadas às amargas controvérsias que se seguiram, as discórdias no reinado de Constantino foram apenas o princípio da agitação.
- 21- O efeito moral do potente espírito de apostasia operante nos três primeiros séculos da existência da Igreja e nutrido pelas contribuições da filosofia pagã, provou, como era inevitável, ser altamente pernicioso e mau. É de nosso dever considerar alguns dos mais danosos desses efeitos.
- 22- *Visão pervertida da vida.* Uma das heresias de origem antigo e rápido crescimento na Igreja foi a doutrina do antagonismo entre o corpo e o espírito, pela qual o primeiro era considerado um íncubo e uma maldição. Pelo que foi dito, isto será reconhecido como uma das perversões provenientes da aliança do gnosticismo com o cristianismo. O resultado dessa enxertia de doutrinas pagãs foi o grande crescimento das práticas eremitas, pelas quais os homens procuravam enfraquecer, torturar e subjugar o corpo, para que o espírito ou “alma” pudesse ganhar maior liberdade. Muitos que adotavam essa visão antinatural da existência humana retiravam-se para a solidão do deserto e lá passavam seu tempo em práticas de severa abnegação e atos de autotortura.

- Outros se trancavam voluntariamente como prisioneiros, procurando a glória na privação e sofrimento impostos a si mesmo. Foi essa visão antinatural da vida que deu origem a várias ordens de reclusos, eremitas e monges.
- 23- Não julgueis que o Salvador tinha em mente tais práticas, quando, alertando os discípulos para as falsas alegações de santidade que caracterizariam os tempos que logo viriam, disse: “Portanto, se vos disserem: Eis que ele (Cristo) está no deserto, não saiais; eis que ele está no interior da casa, não acrediteis”. (Mateus 24:26).
- 24- Quando a Igreja começou a ser favorecida pelo estado, no reinado de Constantino, no quarto século, apareceram muitas ordens de reclusos que “afirmavam que a comunhão com Deus devia ser procurada pela mortificação dos sentidos, afastando o pensamento de coisas externas, macerando o corpo pela fome e trabalho, e por uma espécie de indolência sagrada, que confinava toda atividade da alma a uma apática contemplação das coisas espirituais e externas”. Mosheim, o autor agora citado, continua: “A Igreja cristã nunca teria sido degradada por esse entusiasmo cruel e anti-social, nem nunca seria sujeita àqueles agudos tormentos da mente e do corpo aos quais deu origem, não tivesse muitos cristãos sido imprudentemente apanhados pelas aparências ilusórias e pelo impressionante som da antiga máxima filosófica: ‘Que a fim de alcançar a verdadeira felicidade com Deus, era necessário que a alma fosse separado do corpo, mesmo aqui embaixo; e que o corpo fosse macerado e mortificado para esse fim’.” (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. IV, parte II, cap. 3:12, 13).
- 25- O fruto dessa má sementeira foi o crescimento de numerosas ordens de monges e a existência de mosteiros. O celibato era ensinado como uma virtude, e veio a ser uma exigência do clero, como é na Igreja Católica Romana de hoje. Um clérigo solteiro, privado das edificantes influências da vida doméstica, cai em muitos excessos, e a corrupção dos sacerdotes tem sido motivo de reprovação através dos séculos. “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”. (Gênesis 2:18); e mais: “Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á a sua mulher, e serão ambos uma só carne”. (Versículo 24). Seus apóstolos inspirados proclamavam: “Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão no Senhor”. (I Coríntios 11:11, comparar com I Timóteo 4:3). Entretanto, uma igreja apóstata decreta que seus ministros estão proibidos de seguir a lei de Deus.
- 26- *Menosprezo à verdade.* No quarto século, certas doutrinas perniciosas, incorporando o menosprezo à verdade, ganharam aceitação na Igreja. Assim foi ensinado “que era um ato de virtude enganar e mentir, quando por aqueles meios os interesses da Igreja podiam ser promovidos”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. IV, parte II, cap. 3:16). Desnecessário dizer que outros pecados sem ser os da falsidade e de fraude eram justificados nos supostos interesses do progresso da Igreja, e o crime tolerado sob a especial alegação de que o fim justifica os meios. Muitas fábulas e histórias fictícias relacionadas com a vida de Cristo e de seus apóstolos, como também, os falsos relatos de visitantes sobrenaturais e milagrosos, no que a literatura dos primeiros séculos é abundante, têm origem nessa infame doutrina de que as

mentiras são aceitas por Deus, se perpetradas numa causa que o homem considere boa. (Ver nota 5 no fim do capítulo).

NOTAS

OS NICOLAÍTAS. Esta seita é mencionada especificamente na comunicação divina em que João, o Revelador, foi instruído a escrever às Igrejas da Ásia (Apocalipse 2:6, 15); e a passagem prova a abominação que era para o Senhor os ensinamentos e práticas do culto. A tentativa de corromper o cristianismo pela introdução das cerimônias nicolaítas foi um perigo real que ameaçou a Igreja. Este extrato do Dicionário Bíblico de Smith, é elucidativo:

“A própria seita se nos apresenta como a última fase de uma grande controvérsia que um dia ameaçou destruir a unidade da Igreja e mais tarde contaminou sua pureza. A controvérsia em si era inevitável, tão logo os gentios fossem admitidos em grande número na Igreja de Cristo. Deveriam os novos conversos ser submetidos à lei mosaica? Os apóstolos e anciãos de Jerusalém encararam calma e sabiamente a questão. O peso da lei não devia ser imposto aos discípulos gentios. Eles deviam abster-se, entre outras coisas, de oferecer sacrifícios aos “ídolos”, e da “fornicação” (Atos 15:20, 29), e esse decreto foi recebido como o grande termo de liberdade da Igreja. Por estranha que possa ser para nós a estreita união dos mandamentos morais e positivos, não parecia assim ao sínodo em Jerusalém. Os dois pecados estavam intimamente ligados, muitas vezes mesmo na mais estreita proximidade de tempo e lugar. As mensagens às Igrejas da Ásia e as posteriores epístolas apostólicas (II Pedro, e Judas) indicam que dois males apareceram naquele período também em íntima aliança. Os mestres da Igreja os estigmatizaram com um nome que expressava seu verdadeiro caráter. Os homens que faziam e ensinavam tais coisas eram seguidores de Balaão (II Pedro 2:15; Judas 11). Eles, como o falso profeta de Pethor, uniam palavras corajosas com efeito maléficis. Numa época de perseguição, quando comer ou não das coisas sacrificadas aos ídolos era acima de tudo uma prova decisiva de lealdade, eles persuadiram os homens mais que nunca de que aquilo era indiferente. (Apocalipse 2:13, 14). Isto já era bastante ruim, mas havia ainda algo pior. Misturando-se nas orgias dos festins idólatras, traziam as impurezas destes para as reuniões da Igreja cristã. E tudo isso se fazia, é preciso lembrar, não como simples condescendência ao apetite, mas como parte de um sistema sustentado por uma “doutrina” acompanhada de pretensa iluminação profética. (II Pedro 2:1).”

IMITAÇÃO DOS MISTÉRIOS PAGÃOS E O RESULTADO. A adoração de Deus pelos primeiros cristãos era censurada e ridicularizada por causa de sua simplicidade e ausência de cerimônias místicas. É verdade que o ardor dos perseguidores logo tornou necessário um prudente sigilo nos serviços religiosos e reuniões de adoração, mas ao lado dessa necessidade, havia um esforço voluntário de fingir um sigilo não exigido. Sobre esse ponto, diz Gibbon: “As precauções com que os discípulos de Cristo realizavam os ofícios religiosos foram, a princípio, ditadas pelo medo e necessidade; mas continuaram por opção. Imitando o terrível sigilo dos mistérios eleusínios, os cristãos julgavam tornar suas instituições sagradas mais respeitáveis aos olhos do mundo pagão. Mas o resultado, como sempre acontece às operações de sutileza política, decepcionou seus desejos e expectativas. Conclui-se que eles somente escondiam o que tinham vergonha de revelar. Sua prudência equívoca deu aos maliciosos oportunidade de inventar e aos crédulos suspeitosos de acreditar nas horríveis histórias que descreviam os cristãos como os mais ímpios da espécie humana, que praticavam em seus esconderijos toda sorte de abominação que uma fantasia depravada podia sugerir, e que solicitavam o favor de seu Deus desconhecido pelo sacrifício de toda virtude moral. Havia muitos que fingiam

confessar ou relatar as cerimônias dessa sociedade detestada”. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XVI)

EBIONITAS E GNÓSTICOS. “além do desígnio geral de fixar em base perpétua as divinas honras de Cristo, os mais antigos e respeitáveis autores eclesiásticos imputavam ao teólogo evangélico (João) o particular intento de refutar duas heresias oponentes que perturbavam a paz da Igreja primitiva: I. A fé dos ebionitas, talvez dos nazarenos, era grosseira e imperfeita. Veneravam Jesus como o maior dos profetas, dotado de virtude e poder sobrenaturais. Atribuíram à sua pessoa e ao seu futuro reino todas as predições dos oráculos hebreus relacionados ao reino espiritual e eterno do Messias. Alguns deles possivelmente confessavam que ele nasceu de uma virgem; mas obstinadamente, rejeitavam a existência anterior e as divinas perfeições do Logos, ou filho de Deus, tão bem definidas no evangelho de João...II. os gnósticos, conhecidos pelo epíteto de docetes, desviaram-se para o extremo oposto e negavam a natureza humana de Cristo, enquanto afirmavam sua natureza divina. Educados na escola de Platão, acostumados à sublime idéia do Logos, prontamente conceberam que o mais eminente Aeon ou emanção da Deidade poderia assumir a forma exterior e aparência visível de um mortal; pretendiam, porém, inutilmente, que as imperfeições da matéria eram incompatíveis com a pureza de substância celestial. Enquanto o sangue do Cristo ainda se evolava do Monte do Calvário, os docetes inventaram a ímpia e extravagante hipótese de que, em vez de nascer da virgem, ele descera nas margens do Jordão na forma de um homem perfeito; que se havia imposto aos sentimentos de seus inimigos e de seus discípulos e que os ministros de Pilatos haviam desperdiçado sua fúria impotente num fantasma etéreo, que pareceu espirar na cruz, e, após três dias, ressuscitar dos mortos.” (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XXI).

FUSÃO DE DOUTRINAS PAGÃS COM O CRISTIANISMO. Os esclarecimentos a seguir, de modernos autores com respeito ao efeito da “filosofia” pagã sobre a Igreja, são dignos de atenção. Sumariando as condições reinantes na última parte do segundo século, Milner diz: “Até aqui não achamos difícil descobrir dos mestres e escritores do cristianismo, as doutrinas vitais de Cristo. Agora veremos que as mais preciosas verdades do evangelho começam a ser menos consideradas e menos expostas. Até mesmo Justino, o Mártir, antes do período de corrupção eclética decorrente de sua simpatia por Platão, adulterou até certo ponto o evangelho, como observamos especialmente com respeito ao livre arbítrio. Tatiano, seu seguidor, foi mais longe, e mereceu o nome de herético. Ele tratou principalmente dos méritos da temperança e castidade; e estas virtudes, consideradas com excesso extravagante, sob a noção de pureza superior, tornavam-se grandes instrumentos de pretensa retidão e superstição; obscureceram as idéias dos homens com respeito a fé em Cristo, e turbaram toda a face do cristianismo. Sob a mão incentivadora de Amônio e de seus seguidores, essa fictícia santidade dissimulada sob a aparência de eminente santidade, transformou-se num sistema; e logo começou a gerar o pior dos males... A advertência de Paulo contra a filosofia e vão estratagemas foi então, ao que parece, fatalmente negligenciada pelos cristãos. A falsa humildade, o ‘culto dos anjos’, os curiosos e orgulhosos requintes e a austeridade física aliados a grandes pretensões de retidão, negação de Cristo e da verdadeira vida de fé nele, lamentavelmente substituídas por cerimônias e superstições — todas estas coisas são divinamente delineadas no segundo capítulo da epístola aos colossenses; e, até onde as palavras podem fazê-lo, a verdadeira defesa contra elas é poderosamente descrita e reforçada”. (Milner, “Church History”, Sec. II, cap.9).

“As dissensões e comoções que se originaram na Igreja pela mescla da filosofia oriental e egípcia com a religião cristã foram, no segundo século, aumentadas pelos filósofos gregos que abraçaram a doutrina de Cristo. A doutrina cristã, com respeito ao Pai, o filho e o espírito santo, e as duas naturezas unidas em nosso abençoado Salvador, não eram de modo algum reconciliáveis com os dogmas dos sábios e doutores da Grécia, que, portanto, se esforçaram em explicá-las para torná-las compreensíveis. Práxeas, homem intelectual e letrado começou a propagar essas explicações em Roma, sendo severamente perseguido pelos erros que continham. Ele negava qualquer distinção real entre o Pai e o Filho e o Espírito Santo; e

afirmava que o Pai, único criador de todas as coisas, havia unido a si próprio a natureza humana de Cristo. Seus seguidores foram chamados de monarquistas por causa de sua descrença na pluralidade das pessoas da Deidade; e também patropassianos, porque, de acordo com a exposição de Tertuliano, acreditavam que o Pai estava tão intimamente ligado ao homem Cristo, seu filho, que sofreu com ele uma angústia de uma vida aflita e os tormentos de uma morte ignominiosa. Apesar de muitos terem abraçado essa doutrina errônea, aparentemente essa seita não adotou um lugar de culto separado, nem se afastou das reuniões normais dos cristãos”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 5:20).

FALSOS ESCRITOS NO PERÍODO APOSTÓLICO __ “Não muito após a ascensão de Cristo aos céus, várias histórias de sua vida e doutrinas, cheias de fraudes pias e maravilhas fabulosas, foram compostas por pessoas, cujas intenções talvez não fossem más, porém cujos escritos revelam extrema superstição e ignorância. Isso não era tudo; apareceram produções impostas ao mundo por homens fraudulentos, como se fossem escritos dos santos apóstolos. Esses apócrifos e falsos escritos teriam produzido uma triste confusão, tornando tanto a história como a doutrina de Cristo incertas, não tivessem os dirigentes da Igreja usado o máximo cuidado e diligência possíveis para separar os livros verdadeiramente apostólicos e divinos, de todos os apócrifos e falsificados”. (Mosheim, “ecclesiastical History”, Sec. I, part. II, cap. 2:17).

CAPÍTULO VIII

CAUSAS INTERNAS __ (continuação)

- 1- Como uma das principais causas que levaram a apostasia a Igreja Primitiva, já mencionamos os *acréscimos não autorizados na cerimônias da Igreja e introduções de alterações vitais em ordenanças essenciais*.
- 2- Já mencionamos o ridículo com que os pagãos cumularam a Igreja Primitiva, em virtude da simplicidade do culto cristão. Esse motivo de desprezo não era menos salientado pelos críticos judaístas, para quem os rituais e cerimônias, o formalismo e os ritos prescritos eram essenciais à religião. Logo no começo de sua história, a Igreja manifestou certa tendência para substituir a primitiva simplicidade de seu culto por cerimônias elaboradas, pautadas no ritual judaísta e idolatrias pagãs.
- 3- Quanto a essas inovações, diz Mosheim com referência às condições existentes no século dois: “Não existe instituição tão pura e excelente que a corrupção e a estupidez do homem não a altere com o tempo para pior, acrescentando coisas estranhas à sua natureza e desígnios originais. Este, de maneira especial, foi o destino do cristianismo. Nesse século muitos ritos e cerimônias desnecessárias foram acrescentadas ao culto cristão, sendo essas inovações extremamente ofensivas aos homens sábios e bons. Essas alterações, conquanto destruíssem a bela simplicidade do evangelho, eram do agrado das multidões, que se compraziam mais com a pompa e esplendor das instituições visíveis do que com os encantos inerentes à piedade sólida e racional, e que geralmente davam pouca atenção a qualquer objeto que não tocasse seus sentimentos corpóreos”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 4). O autor citado explica que os bispos daqueles dias aumentaram as cerimônias e procuram dar-lhes esplendor, “com o fim de acomoda-las às fraquezas e preconceitos tanto dos judeus como dos pagãos”. (ver nota 1 no fim do capítulo).
- 4- Para reconciliar melhor os requisitos do evangelho com o preconceito judeu, que ainda se apegava à letra da lei de Moisés, os oficiais da Igreja do primeiro e segundo séculos assumiram os antigos títulos; assim os bispos intitulavam-se sacerdotes-chefes, e os diáconos, levitas. “Da mesma forma”, diz Mosheim, “a comparação da oblação cristã com vítima e sacrifício do judaísmo, redundou numa porção de ritos desnecessários, e foi o motivo de se introduzir a noção errônea da eucaristia, que a representa como sacrifício real e não mera comemoração da grande oferenda, feita uma vez sobre a cruz pelos pecados dos mortais”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 4:4).
- 5- No século quarto, encontramos a Igreja ainda mais irremediavelmente entregue ao formalismo e às superstições. O apropriado respeito com que os restos dos primeiros mártires vinham sendo honrados degenerou numa supersticiosa reverência, beirando a adoração. Essa prática foi permitida em deferência ao culto pagão prestados aos heróis endeusados. As peregrinações aos túmulos dos mártires tornaram-se comum como forma visível de devoção religiosa; e as

cinzas dos mártires, bem como o pó e a terra, trazido de lugares tornados supostamente sagrados por alguma ocorrência incomum, eram vendidos como remédios supremos contra doenças e como meio de proteção contra assaltos de espíritos malignos.

- 6- A forma do culto público foi tão alterada durante os séculos dois e três, que pouca semelhança tinha com a simplicidade e fervor das primeiras congregações. Discursos filosóficos tomaram o lugar dos fervorosos testemunhos que se prestavam, e a habilidade do orador retórico e controverso suplantava a verdadeira eloqüência da convicção religiosa. O aplauso era permitido e esperado, como evidência da popularidade do orador. A queima de incenso, a princípio detestada pelas congregações cristãs por causa de sua origem e significado pagã, tornou-se comum na Igreja antes do fim do terceiro século.
- 7- No século quarto, a adoração de imagens, quadros e efígies tomou lugar no pretense culto cristão; e sua prática generalizou-se no século seguinte. Um esforço para impedir os excessos resultantes dessa prática idólatra no século oito, redundou em guerra civil. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. VIII, parte II, cap. 3:9, 10).
- 8- Considerando essas evidências de cerimonial pagão e ritos supersticiosos ocupando o lugar dos procedimentos simples próprios à genuína adoração, característica da Igreja nos dias de sua integridade, quem pode duvidar do solene e chocante fato da real apostasia? (Ver nota 2 no fim do capítulo). Mais importante e significativo ainda que as simples adições ao cerimonial ritualístico, são as perversões e alterações introduzidas nas mais sagradas e essenciais ordenanças da Igreja de Cristo. Como é comum as autoridades eclesiásticas considerarem o batismo e o sacramento da ceia do Senhor como as ordenanças mais essenciais do evangelho originalmente estabelecidas por Cristo e mantidas por seus apóstolos, examinaremos somente estas como exemplos das alterações não autorizadas, agora sob consideração. Restringindo assim os exemplos ilustrativos, não estamos admitindo que o batismo e o sacramento fossem as únicas ordenanças características da Igreja; realmente, há abundante prova em contrário. Assim, a imposição autorizada das mãos para o dom do Espírito Santo no caso de crentes batizados, era tão essencial como o próprio batismo, (Ver Atos 8:5-8, 12, 14-17; também 2:38; Mateus 3:11; e Marcos 1:8) e, certamente, considerada uma ordenança vital desde o princípio. (Ver Mateus 3:11). Além disso, a ordenação ao sacerdócio, pela qual os homens eram comissionados por divina autoridade, era indispensável para a manutenção de uma Igreja organizada. Os exemplos selecionados, contudo, serão suficientes para o fim de nosso atual exame.

ALTERAÇÃO DA ORDENANÇA DO BATISMO

- 9- Primeiramente, quanto ao batismo __ em que consistia a ordenança original, quanto à intenção e modo de administração, e quais as alterações que sofreu no curso da progressiva apostasia pela qual a Igreja passou? Que o batismo é essencial à Salvação não é necessário demonstrar aqui; isto é geralmente defendido pela Igreja cristã tanto antigamente como agora. (Para uma

consideração mais concisa desse assunto, ver “regras de fé” do autor, Capítulo 6:8-29). A intenção do batismo foi e é obter a remissão dos pecados; a obediência a esse requisito tem sido desde o começo o único meio de assegurar admissão à Igreja de Cristo. (Ver Marcos 1:4 e Lucas 3:3, também Atos 2:38; I Pedro 3:21; e Atos 22:16, comparar com 2 Néfi 31:17).

- 10- Na Igreja primitiva, o batismo era administrado mediante a profissão de fé e evidência de arrependimento, e realizado por imersão __ (Ver nota 3 no fim do capítulo) __ pelas mãos de alguém investido com a necessária autoridade do sacerdócio. Não havia delongas na administração da ordenança depois de provada a elegibilidade do candidato. Como exemplos, podemos citar a prontidão com que o batismo foi administrado aos crentes naquele grande dia de Pentecostes (Atos 2:37-41); o batismo administrado por Felipe ao converso etíope, imediatamente após a devida profissão de fé (Atos 8:26-39); o batismo imediato ao devoto Cornélio e sua família (Atos 10:47-48); e a rapidez do batismo do carcereiro convertido por Paulo, seu prisioneiro. (Atos 16:31-33).
- 11- No século dois, contudo, um decreto sacerdotal restringiu a ordenança batismal às épocas de duas festas da Igreja, a páscoa e a festa de Pentecostes, sendo a primeira o aniversário da ressurreição de Cristo, e a segunda a época da celebração pentecostal. Exigia-se do candidato um longo e tedioso curso preparatório antes de sua elegibilidade ser admitida; durante esse tempo, ele era conhecido como *catecúmeno*, ou noviço em treinamento. Segundo algumas autoridades, exigia-se um curso de preparação de três anos em todos os casos, com poucas exceções. (Schlegel, livro VIII, cap. 32).
- 12- Durante o século dois, o simbolismo batismal de um novo nascimento foi salientado por muitos acréscimos à ordenança; assim, os recém-batizados eram tratados como infantes e alimentados com leite e mel, símbolo de sua imaturidade. Como o batismo destinava a ser uma cerimônia de libertação da escravidão de Satanás, certas fórmulas usadas na libertação dos escravos foram adicionadas. A unção com óleo tornou-se também uma parte da cerimônia. No terceiro século, a simples ordenança do batismo foi ainda mais complicada e pervertida pelas administrações de um exorcista. Esse oficial entregava-se a “gritos ameaçadores e horrendos e declamação” pelos quais deveriam ser expulsos os demônios ou espíritos maus que supostamente afligiam os candidatos. “A expulsão desse demônio era agora considerada uma preparação essencial para o batismo, após cuja administração o candidato regressava ao lar com coroas e vestido com indumentária branca, como emblemas sagrados __ o primeiro representado sua vitória sobre o pecado e o mundo; o último, sua pureza e inocência interiores”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. III, parte II, cap. 4:4). Não é difícil de perceber nessa cerimônia supersticiosa a evidência de adulteração pagã da religião cristã. No século quatro, adotou-se a prática de colocar sal na boca do recém-batizado, como símbolo de purificação, e o batismo real era precedido e seguido de uma unção com óleo.
- 13- A forma ou modo do batismo sofreu também uma mudança radical na primeira metade do século três, alteração pela qual seu simbolismo essencial foi destruído. A imersão (ver nota três no fim do capítulo), significando a morte seguida pela ressurreição, deixou de ser considerada uma característica essencial, permitindo-se sua substituição pela aspensão com água. O próprio

Cipriano, bispo erudito de Cartago, defendeu a propriedade da aspersão em lugar da imersão em caso de fraqueza física; e a prática assim iniciada tornou-se mais tarde geral. O primeiro exemplo registrado é o de Novato, herege que pediu o batismo, quando pensou que a morte estava próxima. (Quanto à doutrina do batismo, seu modo de administração e seu simbolismo, ver regras de fé do autor, capítulo 7).

- 14- A forma do rito batismal não só foi radicalmente alterada, como pervertida a aplicação da ordenança. A prática da aplicação do batismo às crianças foi reconhecida como ortodoxa no terceiro século e era, sem dúvida, de origem anterior. Numa prolongada disputa de que se era seguro adiar o batismo das crianças até o oitavo dia depois do nascimento — em deferência ao costume judeu de fazer a circuncisão naquele dia — acabou decidindo que tal demora era perigosa, arriscando, arriscando o futuro bem-estar da criança, caso ela morresse antes de atingir a idade de oito dias, e que o batismo deveria ser administrado tão logo quanto possível após o nascimento. (Ver Milner, “Church History”, sec. III, cap. 13). É difícil imaginar doutrina mais infame que a da condenação das crianças não batizadas, e não é preciso procurar prova mais forte das heresias que invadiram e corromperam a Igreja primitiva. Tal doutrina é estranha ao evangelho e a Igreja de Cristo, e sua adoção como dogma essencial é prova da apostasia. (Para melhor orientação sobre batismo de crianças ver “Regras de Fé”, do autor, Capítulo 6; ver Nota 4 no fim do capítulo).

ALTERAÇÕES NA ORDENANÇA DO SACRAMENTO DA CEIA DO SENHOR

- 15- O sacramento na ceia do Senhor tem sido considerado uma ordenança essencial desde o tempo de seu estabelecimento na Igreja por Jesus Cristo. Entretanto, a desrespeito de sua santidade, sofreu radical alteração em seu simbolismo e propósito. O sacramento, como foi instituído pelo Salvador e administrado nos dias do ministério apostólico, era tão simples quanto sagrado e solene. Acompanhado do verdadeiro espírito do evangelho, sua simplicidade era santificadora; interpretado pelo espírito da apostasia, essa simplicidade tornou-se uma reprovação. Daí encontramos no século três, a prescrição de longas orações sacramentais e a introdução de muita pompa. Vasos de ouro e prata eram usados pelas congregações que deles podiam dispor, e isso com aparatosa exibição. Não-membros e membros “que estavam num estado de penitência”, eram excluídos do ofício sacramental — imitando a exclusividade que acompanhava os mistérios pagãos. Surgiam disputas e discórdias quanto ao momento apropriado da administração do sacramento — pela manhã, meio dia ou à tarde; e quanto à frequência com que a ordenança devia ser celebrada. (Ver nota 5 no fim do capítulo).
- 16- Numa data posterior, foi introduzido a doutrina da *transubstanciação*, como um dogma essencial da Igreja romana. Isto, resumidamente, quer dizer que os elementos, isto é, o pão e o vinho usados no sacramento, perdiam seu caráter se simples pão e vinho transformando-se de fato na carne e sangue de Cristo

- crucificado. A transmutação se verifica, supostamente, de um modo tão místico, que chega a enganar os sentidos; e assim, a despeito do fato de ser carne real e sangue real, os elementos continuam parecendo pão e vinho. Este conceito, tão fortemente defendido e seriamente reverenciado pelos membros ortodoxos da igreja romana, é veementemente atacado por outros como “um dogma absurdo”, (Milner) e uma “monstruosa e irreal doutrina”. (Mosheim).
- 17- Tem havido muita discussão quanto à origem dessa doutrina. (Ver nota 6 no fim do capítulo). Os católicos romanos alegam sua remota antiguidade, enquanto seus oponentes insistem ser uma inovação do oitavo ou do nono século. Segundo Milner, ela foi abertamente ensinada no século nove (Milner, “Church History”, sec. IX, cap. 1); e foi formalmente instituída como um dogma da igreja pelo conselho de Placência, em 1095 ^aD. (O mesmo, sec. XIII, cap. 1), tornando-se um artigo essencial do credo, cuja profissão era exigida de todos pela corte eclesiástica romana, por volta de 1160. (O mesmo, Sec. XIII, cap. 1). Um decreto oficial do papa Inocêncio III confirmou o dogma como doutrina obrigatória e exigência da Igreja em 1215 (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. XIII, parte II, cap. 3:2); e continua praticamente em vigor na Igreja Católica romana de hoje. A doutrina foi adotada pela Igreja grega no século dezessete. (O mesmo, Sec. XVIII, parte II, cap. 2:3).
- 18- Os emblemas consagrados, ou “hóstia”, sendo considerados como a carne e o sangue real de Cristo, eram adorados como se fossem divinos. Assim, “a prática muito perniciosa da idolatria ficou ligada à aceitação dessa doutrina. Os homens ajoelhavam-se perante a hóstia e adoravam-na como se fora Deus; e a novidade, o absurdo e a impiedade dessa abominação chocava demais a mente de todos os homens não insensíveis ao sentimento da verdadeira religião”. (Milner, “Church History”, Sec. XIII, cap. 1). A elevação da “hóstia”, isto é, a apresentação dos emblemas consagrados perante o povo, para a adoração, é uma característica do moderno ritual de adoração na Igreja católica romana. A celebração da missa, é ensinado como sendo um real, embora místico sacrifício, no qual o filho de Deus volta ser oferecido todos os dias como uma constantemente repetida expiação dos pecados presentes dos adoradores reunidos. O sacramento foi mais deturpado ainda com a administração só do pão, em vez de ambos, pão e vinho, como exigido originalmente.
- 19- Assim o singelo propósito e eficácia assegurada do sacramento foram ocultos sob uma nuvem de mistério e exibição cerimonial. Isto contrasta com a solene simplicidade da ordenança instituída pelo Senhor. Tomando do pão e vinho, abençoou-os e deu aos discípulos dizendo: “fazei isto em memória de mim”. (Lucas 22:19-20; comparar com Mateus 26:27, 28). Do pão, ele disse: “isto é meu corpo”; do vinho: “Este é meu sangue”. Todavia naquele momento, seu corpo ainda não havia sido ferido, nem seu sangue derramado. Os discípulos comeram do pão, não da carne de um homem vivente, e beberam do vinho, não de seu sangue; e isto foram instruídos a fazer em memória de Cristo. (Para um estudo melhor e geral do sacramento da ceia do Senhor, ver “regras de Fé”, do autor, cap. 9). A deturpação do sacramento é evidência do afastamento do espírito do evangelho de Cristo; e quando se torna dogma essencial de uma igreja, é prova da condição apóstata dessa Igreja.

- 20- Eis que “*eles transgridem as leis, mudam os estatutos e quebram a aliança eterna*”. (Isaías 24:4-6).

NOTAS

CERIMÔNIAS ACRESCENTADAS COMO CONCESSÃO. “Tanto os judeus como os pagãos estavam acostumados a uma grande variedade de cerimônias pomposas e magníficas em seus ofícios religiosos. E conquanto considerassem esses ritos como parte essencial da religião, era natural que vissem com indiferença e mesmo com desdém, a simplicidade da adoração cristã, destituídas de vãs cerimônias que tornavam seu culto tão rebuscado e grandioso. Para remover então, de algum modo, esse preconceito contra o cristianismo, os bispos julgavam necessário aumentar o número de ritos e cerimônias, tornando, assim, o culto público mais atraente aos sentidos físicos. Esse acréscimo de ritos visíveis era também destinado a remover as calúnias ignominiosas que os sacerdotes judeus e pagãos lançavam sobre os cristãos, em virtude da simplicidade do seu culto, estimando poucos melhores que os ateus, porque não tinham templos, altares, vítimas, sacerdotes, nem nada daquela pompa externa em que o público está inclinado a colocar a essência da religião. Os dirigentes da Igreja adotaram, portanto, certas cerimônias visíveis, para que assim pudessem cativar os sentidos da plebe, e refutar as reprovações de seus adversários”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 4:2, 3).

Uma nota apenas à citação precedente pelo tradutor, Dr. Archibald Maclaine, diz:

“Uma passagem memorável na vida de Gregório, o taumaturgo, isto é, o operador de maravilhas, ilustrará esse ponto de maneira mais clara. A passagem é: ‘Quando Gregório percebeu que a multidão ignorante persistia nas idolatrias, em virtude dos prazeres e gozos sensuais que usufruíam nos festivais pagãos, deu-lhes permissão para desfrutarem prazeres semelhantes nas celebrações em memória dos santos mártires, na esperança de que, com o tempo, voltassem por sua própria iniciativa a um modo de vida mais regular e virtuoso’. Não há qualquer dúvida de que, com essa permissão, Gregório consentiu em que os cristãos dançassem, se divertissem e festejassem junto ao túmulo dos mártires nos respectivos festivais e fizessem tudo o que os pagãos estavam acostumados a fazer em seus templos, durante as festas celebradas em honra de seus deuses”.

O Gregório citado nessa nota viveu em meados do século três; adquiriu o título de taumaturgo por sua fama como operador de milagres, cuja autenticidade é posta em dúvida por muitas autoridades. Ele era bispo de Neocesarea e homem de grande influência na Igreja. Sua aprovação das cerimônias, segundo os ritos pagãos, foi sem dúvida de grande alcance.

O CERIMONIAL DA IGREJA NO QUINTO SÉCULO. “A sublime e simples teologia dos primitivos cristãos foi gradualmente corrompida, e a monarquia do céu, já obscurecida pelas sutilezas metafísicas, degradada pela introdução de uma mitologia popular, que tendia a restaurar o reino do politeísmo. Com os propósitos da religião gradualmente reduzidos aos padrões da imaginação, introduziram-se os ritos e cerimônias que parecessem afetar mais profundamente os sentidos da plebe. Se, no começo do século cinco, Tertuliano ou Lactânio tivessem sido repentinamente ressuscitados para assistirem aos festejos em honra de algum santo ou mártir popular, teriam olhado com surpresa e indignação o espetáculo profano que substituíra o puro e espiritual culto de uma congregação cristã. Tão logo as portas da Igreja fossem abertas, ter-se-iam ofendido com o fumo de incenso, o perfume das flores e o brilhar das lâmpadas e velas que difundiam, ao meio dia, uma vivaz, supérflua, e, em sua opinião,

sacrílega luz. Para aproximar-se da balaustrada do altar, teriam de atravessar a multidão prostrada, consistindo, na maioria, de estrangeiros e peregrinos, que chegavam à cidade na véspera da festa; e que já sentiam a forte intoxicação do fanatismo, e talvez do vinho. Seus beijos devotos eram estampados nas paredes e pavimentos do edifício sagrado; e suas preces fervorosas eram dirigidas, fosse qual fosse a língua de sua Igreja, aos ossos, ao sangue, ou às cinzas dos santos, geralmente ocultos por um véu de linho ou seda aos olhos da plebe. Os cristãos freqüentavam os túmulos dos mártires, na esperança de obter, por sua poderosa intercessão, toda espécie de bênçãos espirituais e mais especialmente bênçãos temporais... O mesmo espírito uniforme e original da superstição poderia sugerir, nas mais distantes eras e países, os mesmos métodos de ludibriar a credulidade e de influenciar a devoção da humanidade; mas deve-se confessar com sinceridade que os ministros da Igreja católica imitaram o padrão profano que estavam impacientes por destruir. Os bispos mais respeitáveis se convenceram de que os rústicos e ignorantes renunciariam mais alegremente as superstições do paganismo, se encontrassem alguma semelhança, alguma compensação, no seio da cristandade. A religião de Constantino alcançou, em menos de um século, a conquista final do império romano; mas os próprios vencedores estavam insensivelmente subjugados pelas artes de seus rivais derrotados”. (Gibbon, “Decline and Fall of the Roman Empire”, cap. XXVIII).

FORMA PRIMITIVA DO BATISMO CRISTÃO. A história fornece indiscutível prova de que, no século um, após a morte de Cristo, o batismo era administrado somente por imersão, Tertuliano assim se refere a cerimônia da imersão, comum em seus dias: “Não há qualquer diferença se alguém é levado no mar ou no poço, num rio ou numa fonte, num lago ou num canal, nem há qualquer diferença entre aqueles que João imergiu no Jordão, e os que Pedro imergiu no Tibre... somos imergidos na água”.

Justino, o mártir, descreve a cerimônia como foi praticada por ele próprio. Depois de descrever o exame preparatório do candidato, ele prossegue: “Após o que, eles são conduzidos por nós para onde há água, e são nascido novamente naquela espécie de novo nascimento pelo qual nós próprios nascemos outra vez. Pois a imersão na água é feita em nome de Deus, o Pai e Senhor de todos, e de Jesus Cristo nosso Salvador, e do Espírito Santo; porque Cristo também disse: ‘Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus’”. Diz o bispo Bennet com respeito às práticas dos primeiros cristãos: “Eles os conduziam para a água e os deitavam na água como um homem é deitado na sepultura; e então proferiam estas palavras: “eu te batizo (ou lavo) em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo”; então os levantavam novamente, e lhes vestiam vestes limpas; daí vieram as frases de ser batizados na morte de Cristo, ser enterrado com ele pelo batismo na morte, de ressurgirmos com Cristo e assumirmos o Senhor Jesus Cristo, de nos despirmos do homem velho e assumirmos o novo”.

“Que os apóstolos imergiam os que batizavam, não há dúvidas. ...E que a antiga Igreja seguia seu exemplo, está claramente comprovado pelos inumeráveis testemunho dos pais apostólicos”. (Vossius).

“A imersão era o método usual pelo qual o batismo era administrado na Igreja primitiva... A imersão era, sem dúvida, um modo comum de administrar o batismo, e não foi interrompida quando o batismo de crianças prevaleceu... A aspensão tomou gradualmente o lugar da imersão sem qualquer renúncia formal desta”. (Cânon Farrar).

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE O BATISMO DE CRIANÇAS. “O batismo de criancinhas era algo completamente desconhecido nos primeiros dois séculos depois de Cristo... O costume de batizar criancinhas foi iniciado perto do terceiro século do nascimento de Cristo. Não existem vestígios desse ato em épocas anteriores; foi introduzido sem o mandamento de Cristo”. (Curcullaesus).

“É certo que Cristo não ordenou o batismo de criancinhas... Não podemos comprovar que os apóstolos instituíram o batismo de criancinhas. Não podemos chagar a tal conclusão pelas passagens que mencionam o batismo de uma família inteira (como em Atos 16:33; I Coríntios

1:16) Porque falta investigar se nessas famílias havia criancinhas sem idade suficiente para receber inteligentemente o cristianismo; pois este é o único ponto no qual se baseia o assunto... Como o batismo se relaciona estreitamente com a entrada na confraternização cristã fê e batismo estiveram intimamente ligados, de maneira que existe a maior probabilidade de que se efetuasse o batismo somente quando existiam ambas as coisas e que a prática de batizar crianças pequenas não era conhecida nesse período (o apostólico)... O fato é que só em época posterior á de Irineu (certo que não foi antes), aparecem sinais do batismo de criancinhas; e que foi primeiramente reconhecido como tradição apostólica no decorrer do terceiro século, constitui evidência mais contra do que a favor de sua origem apostólica”. (Johann Neander, teólogo alemão que viveu na primeira metade do século dezenove).

“Que venham portanto, quando tenham crescido; quando puderem entender, quando se lhes tenha ensinado para o que devem vir. Que se façam cristão quando puderem conhecer a Cristo”. Tertuliano, um dos primeiros padres cristãos latinos, viveu de 150 a 220 anos depois de Cristo). Neander cita a quase violenta oposição de Tertuliano à prática do batismo de crianças pequenas como “evidência de que naqueles dias não era considerada uma ordenança apostólica; pois, neste caso, dificilmente teria ousado falar tão veementemente contra ela”.

Martinho Lutero declarou por escrito, em princípios do século XVI: “não se pode provar pelas escrituras sagradas que Cristo instituiu o batismo de crianças, nem que este foi iniciado pelos primeiros Cristãos depois dos apóstolos”.

Por *tekna*, o apóstolo entende não crianças pequenas, mas sim posteridade; com este significado a palavra encontra-se em vários lugares no Novo Testamento (entre outros João 8:39); pelo que parece, o argumento comumente tirado dessa passagem a favor do batismo de crianças pequenas carece de força e de nada serve”. (Limborch, renomado teólogo, natural da Holanda, viveu de 1633 a 1712).

ERROS A RESPEITO DO SACRAMENTO. “Durante os primeiros séculos da era cristã, multiplicaram-se rapidamente os conceitos errôneos referentes ao sacramento, seu significado e maneira de administração. Tão logo se perdeu o poder do sacerdócio, surgiram muitas disputas sobre as ordenanças e se perverteu a observância do sacramento. Os mestres de teologia procuraram propagar a idéia de que aquele rito, naturalmente simples e muitíssimo impressionante, devia ser acompanhado de muito mistério; que todos aqueles que não gozavam de plena confraternidade com a Igreja deveriam ser excluídos, não só da participação da ordenança, o que era justificável, mas também do privilégio de presenciar o serviço, para que não profanassem o rito místico com sua presença ímpia. Nasceu então a heresia da transubstanciação, que ensina perderem os símbolos sacramentais seu caráter natural de simples pão e vinho pela cerimônia da consagração, convertendo-se em carne e sangue reais, verdadeiras partes do corpo crucificado de Cristo. Não há necessidade de apresentar argumentos contra esses dogmas. Logo surgiu a adoração dos emblemas por parte do povo; o pão e o vinho considerados parte do corpo de Cristo, são elevados durante a missa, para que recebam a adoração do povo; mais tarde se iniciou o costume de suprimir a metade do sacramento. De conformidade com esta inovação, administrava-se somente o pão, com a afirmativa dogmática de que tanto o corpo como o sangue se acham representados de certo modo místico num dos elementos. O certo é que Cristo mandou que seus discípulos comessem e bebessem em memória dele”. (O autor, em “Regras de Fé”, cap. 9 nota 4).

QUANTO A ANTIGUIDADE DA DOUTRINA DA TRANSUBSTANCIAÇÃO. Como foi citada no texto, a data da origem da doutrina católica da transubstanciação já foi debatida. O resumo a seguir é bastante instrutivo: “Os protestantes que combatiam a idéia católica da presença real da carne e do sangue na eucaristia __ transubstanciação__ tentaram provar que essa doutrina não era de origem anterior ao século oito. Nisto, contudo, a evidência está contra eles. Inácio, bispo de Antioquia, escrevendo no início do século dois, diz a respeito de certo supostos hereges: ‘eles não admitem a eucaristia e oblações, porque não crêem que a eucaristia seja a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, que sofreu por nossos pecados’”. (Epístola de

Inácio aos esmirneanos). Assim se expressa Justino, o Mártir, escrevendo igualmente na primeira parte do século dois: 'Não os recebemos (pão e vinho) como alimento ou bebida comuns. Mas sim como pela palavra de Deus, Jesus Cristo, nosso Salvador, foi feito carne e tomou sobre si carne e sangue por nossa salvação, assim também o alimento, que foi abençoado pela oração da palavra que dele procedeu, e da qual nossa carne e sangue, pela transmutação, recebem nutrição, é, como nos ensinam, a carne e sangue daquele Jesus que foi feito carne'. (Apologia do Justino ao imperador Antonino). Após o período de Justino, o testemunho dos padres é abundante. Não há qualquer dúvida quanto a antiguidade da idéia da presença real do corpo e sangue de Jesus na eucaristia; mas isso prova ___ como dissemos do batismo de criancinhas ___ não que a doutrina seja verdadeira, mas que tão logo os apóstolos desapareceram, a simplicidade do evangelho foi corrompida ou então inteiramente abandonada". (B.H. Roberts, "Outlines of Ecclesiastical History", p. 133).

CAPÍTULO IX

CAUSAS INTERNAS __ (continuação)

- 1- Entre as principais causas que conduziram à apostasia geral da Igreja, especificamos como a terceira nesta série: *alterações não autorizadas na organização e governo da Igreja.*
- 2- Uma comparação entre o plano de organização da Igreja Primitiva e o sistema eclesiástico que tomou seu lugar, fornecerá valiosa evidência quanto à condição verdadeira ou apóstata da Igreja moderna. Na Igreja Primitiva, quem oficiava eram os apóstolos, pastores, sumo sacerdotes, setenta, anciãos, bispos, sacerdotes, mestres e diáconos. (Ver Lucas 6:13 e Marcos 3:14; Éfésios 4:11; Hebreus 5:1-5; Lucas 10:1-11; Atos 14:23; 15:6; I Pedro 5:1; I Timóteo 3:1; Tito 1:7; Apocalipse 1:6; Atos 13:1; I Timóteo 3:8-12). Não temos qualquer evidência de que o conselho presidente da Igreja, compreendendo os doze apóstolos, tenha continuado depois do ministério terrestre dos ordenados àquele santo chamado durante a vida de Cristo ou logo após sua ascensão. Tampouco há registro de qualquer ordenação de pessoas ao apostolado, independente de filiação ao conselho dos doze, além daqueles cujo chamado e ministério estão historiados no Novo Testamento que, como registro histórico, termina no primeiro século.
- 3- A história eclesiástica, além das escrituras sagradas nos informa, contudo, que onde quer que uma ramo, ou Igreja, fosse organizado, um bispo ou ancião (presbítero) era colocado na direção. Não há dúvida de que, enquanto os apóstolos viviam, eles eram reconhecidos e respeitados como autoridades presidentes da Igreja. Quando estabeleciam ramos ou Igrejas, escolhiam os bispos e submetiam sua nomeação ao voto dos membros. Como já foi dito, o princípio de autogoverno, ou consenso era respeitado nos dias apostólicos com um cuidado que era mais um dever sagrado. Temos ciência de que os bispos eram assistidos em sua administração local por presbíteros e diáconos.
- 4- Após a morte dos apóstolos, os bispos e outros oficiais eram nomeados pela autoridades existentes, ou a seu pedido. Os negócios da Igreja ou ramo eram dirigidos e regulados pelos oficiais locais, de maneira que existia uma igualdade marcante entre as várias Igrejas, e nenhuma reclamava ou exercia supremacia, com exceção das deferências voluntárias prestadas às Igrejas que haviam sido organizadas pelo ministério pessoal dos apóstolos. Durante todo o primeiro século e a maior parte do segundo, “as Igrejas cristãs eram independentes uma das outras; nem mesmo eram ligadas por associação, confederação, ou outros laços quaisquer além dos da caridade. Cada congregação cristã era um pequeno estado, governado por suas próprias leis, que eram promulgadas, ou pelo menos, aprovadas pela sociedade” (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 2:2).
- 5- Assim como com as igrejas, acontecia com os bispos __ havia uma reconhecida igualdade entre eles. No fim do século dois e no decorrer do terceiro, contudo, acentuadas distinções e reconhecimento de posição surgiram entre eles, e os

- bispos das grandes e poderosas cidades atribuíram a si mesmos autoridade e dignidade superior às dos bispos provincianos. Os bispos das grandes cidades ou províncias assumiam o distinto título de metropolitanos, arrogando-se poder de presidência sobre os bispos de jurisdição mais limitada. (Ver Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 2:3; também Sec. IV, cap. 2:14).
- 6- O século dois foi marcado pelo costume de reunir sínodos ou conselhos da Igreja. A prática originou-se entre as igrejas da Grécia, e depois se generalizou. Esses conselhos cresceram rapidamente em poder, de modo que, no século três, vamos encontra-los legislando pelas Igrejas e dirigindo por édito e mandamento matérias que antes ficavam a critério do voto do povo. Desnecessário dizer que, com tais usurpações de autoridade, entraram a arrogância e tirania no governo da Igreja. Ao passo que a forma de governo da igreja mudava mais e mais, apareciam muitas ordens menores de clérigos ou oficiais da igreja; assim, no terceiro século, apareceram os subdiáconos, acólitos, hostiários, leitores, exorcistas e copiates. Como exemplo do orgulho de ofício, note-se que um subdiácono, era proibido de sentar-se na presença de um diácono sem o consentimento expreso deste.
 - 7- Roma, há tanto “soberana do mundo” em assuntos seculares, reclamava para si preeminência nos negócios da Igreja, e o bispo de Roma arrogava-se tal supremacia. É, sem dúvida, verdade que a Igreja em Roma foi organizada por Pedro e Paulo. A tradição, alicerçada em erro, diz que o apóstolo Pedro foi o primeiro bispo de Roma; e aqueles que sucessivamente foram reconhecidos como bispos da metrópole diziam ser, de fato, sucessores diretos do apóstolo presidente. A Igreja Católica faz até hoje a alta mas não menos falsa reivindicação de que o papa atual é o último sucessor linear não só do bispado como do apostolado.
 - 8- A legitimidade da supremacia dos bispos de Roma, ou pontífices romanos, como se tornaram conhecidos, foi logo questionada; e quando Constantino declarou Bizâncio, ou Constantinopla, a capital do império, o bispo de Constantinopla reivindicou igualdade. A disputa dividiu a Igreja, e durante quinhentos anos, a dissensão aumentou, até que, no século nove (855 D.C.), terminou em total rompimento, em consequência do qual o bispo de Constantinopla, conhecido distintamente como patriarca, passou a negar toda e qualquer lealdade ao bispo de Roma, conhecido como pontífice romano. Esse rompimento é marcado ainda hoje pela distinção entre os católicos romanos e católicos gregos.
 - 9- A eleição do pontífice, ou bispo de Roma, foi por muito tempo deixada ao voto do povo e do clero; mais tarde, a função eleitoral foi atribuída somente ao clero; e no século onze, esse poder passou ao colégio dos cardeais, com o qual permanece ainda hoje. Os pontífices romanos se esforçaram com ardor perseverante em adquirir autoridade tanto temporal como espiritual; e sua influência tornou-se tão grande, que, no século onze, vamos encontra-lo reclamando o direito de dirigir príncipes, reis e imperadores nos negócios de várias nações. Foi nesse primeiro período de maior poder temporal, que os pontífices assumiram o título de Papa, significando literalmente Pai, e aplicando no sentido de pai universal. O poder dos papas aumentou durante o século doze, e pode-se dizer que alcançou o auge no século treze.

- 10- Não contentes com a supremacia assumida em todos os negócios da Igreja, os papas “levaram suas insolentes pretensões a ponto de se proclamarem senhores do universo, árbitros dos destinos de reinos e impérios, e supremos governantes dos reis e príncipes da terra”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. II, parte II, cap. 2:2). Eles reclamavam o direito de autorizar e dirigir os negócios internos das nações e de tornar legal a rebelião dos súditos contra seus governantes, se esses não conservassem as boas graças do poder papal.
- 11- Compare essa igreja arrogante e tirana do mundo com a Igreja de Cristo. A Pilatos o Senhor declarou: “O meu reino não é deste mundo” (João 18:36) e, numa ocasião anterior, quando o povo queria proclamá-lo rei do domínio terrestre (João 6:15), ele se afastou deles. Entretanto, a Igreja que proclama sua origem divina, como tendo sido fundada por Cristo que não quis ser rei, eleva-se acima de todos os reis e governadores, e se considera o supremo poder nos negócios das nações.
- 12- No século IV, a Igreja promulgou o que desde aí vem sendo considerado uma infâmia, isto é, que “os erros na religião, quando mantidos e seguidos após a devida admoestação, eram puníveis com sanções civis e torturas corporais”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. IV, parte II, cap. 3:16). O efeito dessa injusta lei mostrou-se cada vez mais brutal com a passagem dos anos, de modo que, no século onze e mesmo mais tarde, encontramos a Igreja impondo a pena de multa, prisão, tortura corporal e até à morte, como castigo para a infração dos regulamentos da Igreja, e, mais infame ainda, permitindo a mitigação ou cancelamento de tais sentenças pelo resgate em dinheiro. Isto levou à chocante venda de indulgências ou perdão, costume que chegou posteriormente ao terrível extremo da sua emissão antes de cometida uma ofensa específica. Oferecia-se literalmente, assim, a venda de licenças para pecar, com garantia de imunidade temporal e promessa de imunidades espirituais.
- 13- A concessão das indulgências como isenção de castigos temporais foi primeiramente confinada aos bispos e seus agentes, e essa prática existe como tráfico organizado desde os meados do século doze. Contudo, continuou com os papas, que chegaram ao extremo ultrajante de pretender perdoar penalidades do além-mundo, mediante o pagamento de quantias estipuladas. Sua fingida justificativa da ímpia presunção era tão horrível quanto o próprio ato, e constitui a terrível *doutrina da supererrogação*.
- 14- Essa doutrina, conforme dói estabelecida no século treze, determinava; “Que realmente existia um imenso tesouro de mérito, composto de feitos pios e ações virtuosas que os santos haviam realizado *além do necessário para sua própria salvação*, e que eram, portanto, aplicáveis em benefício de outros; que o guardião e administrador desse precioso tesouro era o pontífice romano, e que, em consequência disso, estava autorizado a dar àqueles que julgasse apropriado, uma parte dessa inexaurível fonte de méritos, adequados às respectivas culpas e suficientes para libertá-los da punição devida a seus crimes”. (Citado por Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. XII, parte II, cap. 3:4).
- 15- A doutrina da supererrogação é tão absurda quanto inverídica, e sem nenhuma base escriturística. A responsabilidade individual do homem por seus atos é tão certa quanto seu arbítrio para agir por si próprio. Ele será salvo pelos seus

méritos e pelo sacrifício expiatório de nosso Senhor e Redentor; e reivindicar a salvação depende estritamente de submeter-se aos princípios e ordenanças do evangelho como foi estabelecido por Jesus Cristo. A remissão dos pecados e a eventual salvação da alma humana acham-se ao alcance do homem; mas esses dons de Deus não são comprados com dinheiro. Compare os terríveis erros da supererrogação e a prática ultrajante de pretender remir os pecados de um homem em consideração aos méritos de outro, com as declarações do Salvador da humanidade: “Mas eu vos digo que, de toda a palavra ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo”. (Mateus 12:36). Seu inspirado apóstolo, vendo em profética visão o dia da terrível certeza, testifica solenemente: “E vi os mortos; grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida, e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas, *segundo as suas obras*. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo suas obras”. (Apocalipse 20:12-13; grifo nosso).

- 16- As escrituras proclamam a natureza eterna da responsabilidade individual; (Para um melhor entendimento da doutrina da responsabilidade do homem, ver “Regras de Fé”, do autor, capítulo 3). A Igreja, nos dias de sua degeneração, declara que o mérito de alguém pode ser comprado por outrem e pago em moeda terrena. Pode tal Igreja ser, em qualquer medida, a Igreja de Cristo?
- 17- Como ilustração das indulgências como foram negociadas na Alemanha, no século dezesseis, temos os registros dos atos de John Tetzel discursar com incrível sobre o poder ilimitado do Papa e a eficácia das indulgências. O povo acreditava que, no momento em que qualquer pessoa pagasse o preço da indulgência, ela assegurava sua salvação; e que as almas para as quais as indulgências eram compradas, imediatamente se libertavam do purgatório... John Tetzel se vangloriava de haver salvo mais almas do inferno com suas indulgências, do que Pedro convertera ao cristianismo com suas pregações. Ele assegurava aos compradores que seus crimes, por piores que fossem, seriam perdoados; daí torna-se quase desnecessário ele pedir-lhes que se libertasse de temores quanto à sua salvação. Pois, sendo a remissão dos pecados completa, que dúvida podia haver de sua salvação?”. (Milner, “History of the Church”, Sec. XVI, Cap. 2).
- 18- A cópia de uma indulgência escrita por Tetzel, o vendedor do perdão Papal, nos foi preservada como segue: “Que o Senhor Jesus Cristo tenha misericórdia de ti e te absolva pelos méritos de sua mais santa paixão. E eu, por sua autoridade, a mesma de seus apóstolos Pedro e Paulo, e do mais santo Papa, a mim confiada nestas partes, absolvo-te primeiramente das censuras eclesiásticas, em qualquer forma em que tenham sido incorridas; e depois de todos os pecados, transgressões e excessos, por enorme que possam ser, até mesmo dos reservados para conhecimento do santo trono; e até onde as santas chaves da Igreja se estendem, eu te perdô de todas as punições que mereces no purgatório por causa deles; e te restauro aos santos sacramentos da Igreja, à unidade da fé, e aquela inocência e pureza que possuíste do batismo; para que, quando morreres, as portas da punição estejam fechadas, e as portas do paraíso e do gozo estejam abertas; e se não morreres já, esta graça permanecerá em

- pleno vigor quando estiveres no momento da morte. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. (Milner, “History of the Church”, Sec. XVI, Cap. 2).
- 19- À de escusa ou defesa, alega-se que a Igreja Católica Romana exigia uma profissão de contrição ou arrependimento de cada candidato à indulgência, e que o perdão era concebido baseado nessa penitência, e não primariamente por dinheiro ou seus equivalentes; mas esses recebedores de indulgências faziam, a princípio voluntariamente, e mais tarde em observância ao costume estabelecido, uma oferta material ou donativo à Igreja. Consta, ainda, que alguns abusos associados à venda de indulgências foram desaprovados pelo conselho de Trento, em meados do século dezesseis. Não, obstante, permanece o terrível fato de que, por quatrocentos anos, a Igreja reclamou para seu Papa o poder de remir todos os pecados, e ter sido a promessa de remissão vendida e comprada. (Ver nota 1 no fim do capítulo).
- 20- O horrível pecado da blasfêmia consiste em arrogar-se prerrogativas e poderes divinos. Aqui encontramos o papa de Roma, chefe da única igreja reconhecida naquela época, pretendendo remir o castigo devido no mundo vindouro pelos pecados cometidos na mortalidade. Um papa pretendendo sentar-se em julgamento como o próprio Deus! Não é isto um cumprimento das temíveis condições de apostasia previstas e preditas como antecedentes ao segundo advento de Cristo? Vejam por si mesmos: “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição: *O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.*” (II Tessalonicenses 2: 3-4; grifo nosso. Ver nota 4 no fim do capítulo).
- 21- Outro abuso perpetrado pelos conselhos através de cujas assembléias os supremos pontífices exerciam seus poderes autocráticos é visto nas restrições quanto à leitura e interpretação das escrituras. O mesmo conselho de Trento, que repudiava a autoridade ou culpava os atos dos oficiais da Igreja em relação ao escandaloso tráfico de indulgências, prescreveu um regulamento mais rígido, proibindo a leitura das escrituras pelo povo. Assim, “uma lei severa e intolerável foi decretada com respeito a todos os intérpretes e expositores das escrituras, pela qual eram proibido de explicar o sentido desses livros divinos, em matéria de fé e prática, para não falarem uma língua diferente daquela da Igreja e dos antigos doutores. A mesma lei ainda declarava que só a Igreja (isto é, seu dirigente, o pontífice romano) tinha o direito de determinar o verdadeiro sentido ou significado da escritura. Para completar a medida desses procedimentos tiranos e iníquos, a Igreja de Roma persistia obstinadamente em afirmar, ainda que nem sempre com a mesma imprudência e clareza, *que as escrituras sagradas não foram feitas para as multidões, mas só para o uso de seus mestres espirituais*; e, em consequência, ordenou que esses relatos divinos fossem tirados do povo em todos os lugares onde fosse permitido executar seus mandos imperiosos”. (Mosheim, “Ecclesiastical History”, Sec. XVI, parte I cap. 1:25; grifo nosso).
- 22- É possível que uma Igreja que ensina tais heresias, seja a estabelecida por Cristo? O Senhor Jesus ordena a todos: “*Examinai as escrituras*, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”. (João 5:39;

comparar com o versículo 46; e também Isaías 8:20; Lucas 16:29; e Atos 17:11)

- 23- Por certo um pálio de trevas caíra sobre a terra. A Igreja de Cristo, havia muito, deixara de existir. No lugar de um sacerdócio conferido por autoridade divina, um papado criado pelo homem governava com a mão férrea da tirania e sem considerar a restrição moral. Numa obra douda, o DR.J.W. Draper apresenta uma lista de pontífices que dirigiram a Igreja desde os meados do século oito até meados do século onze, cada qual com uma nota bibliográfica. (ver nota 3 no fim do capítulo). E que quadro está ali esboçado! Para ganhar a coroa papal, nenhum crime era demasiado grande. Durante um período de séculos, as imoralidades de muitos papas e seus subordinados foram tão chocantes, que seria difícil descreve-las minuciosamente. Pode se alegar que o autor citado por último, e cujas palavras são apresentadas a seguir, era um declarado oponente da Igreja Católica Romana, e que, portanto, seu julgamento é parcial; em réplica, alegamos que os fatos historicamente comprovados o apóiam. Comentando-os diz o Dr. Draper:
- 24- “Mais de mil anos havia passado desde o nascimento do Salvador, e tal era a situação de Roma. Bem pode o historiador fechar os anais daqueles tempos desgostosamente. Bem pode a alma do cristão contristar-se perante esse catálogo de crimes hediondos. Bem podemos perguntar: erma esses os vicegerentes de Deus na terra, esses que tinham em verdade atingindo a meta que o último esforço da iniquidade humana não pode ultrapassar? Não foi senão vários séculos depois desses acontecimentos que a opinião pública chegou à verdadeira e filosófica conclusão — a rejeição total das reivindicações do papado. Durante algum tempo, os males foram atribuídos à maneira da eleição pontifical, como se pudesse de alguma forma influenciar a descida de um poder que se dizia sobrenatural e sob o cuidado imediato de Deus... Ninguém consegue estudar o desenvolvimento do poder eclesiástico italiano sem descobrir quão completamente dependia do arbítrio humano, e demasiadas vezes da paixão e intriga humanas; e quão destituído era de qualquer sinal de elaboração e cuidados divinos — produto do homem, não de Deus e, por conseguinte, trazendo em si os traços das paixões humanas, virtudes humanas e pecados humanos”. (Draper, *Intellectual Development of Europe*, vol. 1, p. 382).
- 25- Pelas crescentes mudanças e alterações não autorizadas na organização e governo, o estabelecimento terreno conhecido como “a Igreja”, com papas, cardeais, abades, frades, monges, exorcistas etc., perdeu toda a semelhança com a Igreja estabelecida por Cristo e mantida pelos apóstolos. O argumento católico de que não houve interrupção na sucessão da autoridade do sacerdócio desde o apóstolo Pedro até o atual ocupante do trono papal, é insustentável à luz da história, e desarrazoado sob a luz dos fatos. A autoridade para falar e agir em nome de Deus, o poder para officiar nas ordenanças salvadoras do evangelho de Cristo, o alto privilégio de servir como embaixador da corte celeste devidamente comissionado, não devem ser recebidos como dádivas de príncipes, nem compradas como dinheiro, nem pode ser ganhos como troféu de espadas sangrentas. A história do papado é a condenação da Igreja de Roma. (Ver notas 2 e 3 no fim do capítulo).

NOTAS

A IGREJA ROMANA RESPOSÁVEL PELO TRÁFICO DE “INDULGÊNCIAS”. Em vista da afirmativa de alguns defensores da igreja de Roma, de que o vergonhoso tráfico de indulgências não foi sancionado pela igreja, e que não pode ser responsabilizada pelos excessos que seus subordinados possam praticar nos alegados atos oficiais, estas notas de Milner, autoridade judiciosa em história da igreja (Século XVI, cap. 2), podem ser de interesse: “Não parece que os governadores da hierarquia jamais encontrassem a menor falta em Tetzl como excedendo sua comissão, até surgir uma oposição aberta à prática de indulgências. Isto evidencia que os protestantes não censuraram injustamente a corrupção da corte de Roma nesse respeito... as indulgências eram concedidas aos que faziam as maiores ofertas, e os responsáveis empregavam auxiliares para continuarem com o tráfico da forma que julgassem mais conveniente aos fins lucrativos. Os oficiais inferiores ligados a esse comércio eram diariamente vistos em casas públicas, divertindo-se em orgias e volúpia (Maimbourg, p. 11). Enfim, o que quer que fosse que o maior inimigo do papado pudesse ter desejado, foi exibido naquela época com a mais indisfarçada afronta e arrojo, como que com o intento de infamar aquele iníquo sistema eclesiástico perante toda a humanidade”.

O autor prossegue, comentando os preços graduados pelos quais essas indulgências eram colocadas ao alcance pecuniário de todas as classes, e vê no tráfico em geral prova de profunda ignorância e tremenda superstição, e depois aponta a necessidade de uma nova dispensação do evangelho como segue: “Esta, contudo, era a própria situação das coisas que abriam o caminho para a recepção do evangelho. Mas quem iria proclamar o evangelho em sua beleza e simplicidade original? Os príncipes, bispos e sábios da época viram todo esse escandaloso tráfico com respeito ao perdão dos pecados; mas não se encontrou ninguém que possuísse o conhecimento, coragem e honestidade necessários para desmascarar a fraude e revelar à humanidade a verdadeira doutrina da salvação pela remissão dos pecados através de Jesus Cristo”. Milner encontra a inauguração de uma nova era na “Reforma” durante o século dezesseis. É suficiente para o nosso propósito saber que ele reconheceu a necessidade da pregação pela qual o caminho seria aberto “para o recebimento do evangelho”. (Milner, “Church History”, Sec. XVI, cap. 2).

TRÊS PAPAS A UM SÓ TEMPO. “Um dos mais severos golpes sofridos pela autoridade temporal e espiritual dos papas, foi a remoção, em 1309, por influência do Rei francês, Felipe, o Belo, da cadeira papal de Roma para Avignon, na Provença, próximo à fronteira da França. Ali permaneceu por quase setenta anos, época conhecida na história da igreja como “Cativeiro Babilônico”. Enquanto ficou ali estabelecida, todos os papas eram franceses e, logicamente, sua política formulada e controlada pelos reis franceses... O descontentamento despertado pelos italianos pela situação da corte papal, finalmente resultou no rompimento declarado entre eles e o partido francês. Em 1378, as facções oponentes elegeram cada uma seu papa, e assim eram dois os chefes da igreja, um em Avignon e outro em Roma. O espetáculo dos dois papas rivais, cada qual alegando ser o verdadeiro sucessor de Pedro, e o único e infalível chefe da igreja, levou muito naturalmente os homens a dúvida da alegada infalibilidade de ambos. Foi um rude choque contra a reverência que o mundo em geral tinha para com a “santa sé romana”. Finalmente, em 1409, um concílio geral da igreja reuniu-se em Pisa, com o intuito de por fim a vergonhosa disputa. O concílio depôs ambos os papas, e elegeu Alexandre V como chefe supremo da igreja. Mas as coisas em vez de melhorarem, ficaram piores; pois nenhum dos dois pontífices depostos declinou de sua autoridade em obediência aos mandos do concílio e, conseqüentemente, havia agora três papas em vez de dois. Em 1414, foi convocado outro concílio, em Constança, para resolver a crescente disputa. Dois dos reivindicadores foram depostos, e o outro renunciou. Um novo papa foi eleito — Martinho V. Na pessoa dele o mundo católico estava novamente unido sob um único chefe espiritual. O cisma estava exteriormente curado, mas o ferimento fora profundo demais para não deixar cicatrizes

permanentes na igreja”. (P. V. N. Myers, “General History”, pp. 457, 458. Itálicos acrescentados).

O rompimento entre as facções francesa e italiana mencionadas por Myers na citação acima, é conhecido na história como o “Grande Cisma”, e pode ser considerado como o princípio decisivo do declínio do poder temporal dos papas.

O PAPADO SE CONDENA. A linha de sucessão do papado durante um limitado período, mencionada no texto, é apresentada por Draper como segue:

“para alguns, poderia parecer, considerando tão somente os interesses da religião, desejável omitir todas as referências biográficas dos papas; mas isso não pode ser feito como justiça ao assunto. O princípio essencial do papado, de que o pontífice romano é o vigário de Cristo na terra, interfere necessariamente em suas relações pessoais conosco. Como poderemos entender sua fé, a menos que a vejamos ilustrada em sua vida? Realmente, o caráter infeliz dessas relações foi a causa iniciante dos movimentos na Alemanha, França e Inglaterra, finalizando com a extinção do papado como uma verdadeira força política, movimentos esses que só podem ser entendidos através de um conhecimento suficiente através da vida particular e opiniões dos papas. Convém, na medida do possível, deixar de culpar os sistemas pelas imperfeições dos indivíduos. Neste caso, eles estão inseparavelmente entrelaçados. O sinal peculiar do papado é que, embora sua história possa ser importante, sua biografia é infamante. Contudo, abster-me-ei de falar deste último aspecto além do necessário; passarei em silêncio alguns daqueles casos que chocariam profundamente meu leitor religioso, e restringir-me-ei, portanto, às épocas entre os meados do século oito e do século onze, desculpando-me perante o crítico imparcial pela justificativa de que estas são as épocas com que me preocupei mais neste capítulo.

“Com a morte do papa Paulo I, que chegara ao pontificado no ano de 757 D.C., o Duque de Nepi compeliu alguns bispos a consagrarem Constantino, um de seus irmãos, como papa; porém, subseqüentemente, eleitores mais legítimos, escolheram em 768 D.C. a Estevão IV, punindo severamente o usurpador e seus adeptos; os olhos de Constantino foram arrancados; a língua do bispo Teodoro foi cortada, e ele deixado num calabouço para morrer nas agonias da sede. Os sobrinhos do papa Adriano prenderam na rua seu sucessor, o papa Leão III, em 795 D.C., forçaram-no a entrar numa igreja da vizinhança, tentaram tirar-lhe os olhos e cortar sua língua; num período subseqüente, esse pontífice, tentando suprimir uma conspiração para depô-lo, transformou Roma num cenário de rebeliões, assassinato e conflagração. Seu sucessor, Estevão V, foi ignominiosamente expulso da cidade no ano de 816 D.C. e seu sucessor, Pascoal I, foi acusado de matar e cegar dois eclesiásticos no palácio de Latrão; foi necessário que comissários imperiais investigassem o assunto; mas o papa morreu, depois de isentar-se da culpa pelo juramento perante trinta bispos. João VIII, no ano de 872 D.C. incapaz de resistir aos maometanos, foi compelido a pagar-lhes tributo; o bispo de Nápoles, mantendo uma aliança secreta com eles, recebia sua parte na pilhagem que conseguiam. João excomungou-o e não o absolveria, a menos que traísse os chefes dos maometanos e assassinasse os outros. Houve uma conspiração eclesiástica para assassinar o papa; alguns dos tesouros da Igreja foram apreendidos; e a porta de São Pancrácio foi aberta com chaves falsas, para deixarem os sarracenos entrarem na cidade. Formosus, que estava envolvido nessas transações, e fora excomungado como conspirador pelo assassinio de João, foi subseqüentemente eleito papa no ano 891 D.C.; foi sucedido por Bonifácio VI, em 896 D.C., que fora deposto do cargo de diácono, e também do sacerdócio, por sua vida imoral e obscena. Estevão VII, que o seguiu, mandou retirar o corpo de Formosus da sepultura, vesti-lo com as vestes papais, senta-lo numa cadeira e julga-lo perante o conselho. A cena indecente e grotesca culminou com o corte de três dedos do cadáver e seu lançamento no Tibre; mas o próprio Estevão estava destinado a exemplificar a que ponto descera o papado; foi atirado numa prisão e estrangulado. No decurso de cinco anos, de 896 a 900 D.C., cinco papas foram consagrados, Leão V que sucedeu em 904 D.C., foi em menos de dois meses lançado na prisão por Cristóvão, um de seus capelães, que

usurpou seu lugar, e por sua vez logo foi expulso de Roma por Sérgio III, que, com o auxílio de uma força militar, apoderou-se do pontificado em 905 D.C.. Este homem de acordo com o testemunho da época, vivia em criminoso convívio com a célebre prostituta Teodora, que, com suas filhas Marózia e Teodora, também prostitutas, exerciam extraordinário domínio sobre ele. O amor de Teodora era também partilhado por João X; ela lhe deu primeiro o arcebispado de Ravena, e depois no ano de 915 D.C. transferiu-o para Roma como papa. João estava a altura da época; organizou uma confederação que talvez tenha evitado que Roma fosse capturada pelos sarracenos, e o mundo ficou surpreso e encorajado pelo aparecimento desse pontífice guerreiro no comando de suas tropas. Pelo amor de Teodora, dizem, ele se manteve no papado durante quatorze anos; pelas intrigas e ódio de Marózia, filha de Teodora, ele foi deposto. Ela o surpreendeu no palácio de Latrão; matou seu irmão Pedro diante dele; atirou-o na prisão, onde logo morreu sufocado, como se afirmou, com um travesseiro. Após curto intervalo, Marózia fez seu próprio filho papa, como João XI, em 931 D.C. muitos afirmam que o papa Sérgio era seu pai, mas ele dizia ser filho de seu marido Alberico, cujo irmão Guido ela desposou subsequentemente. Outro filho dela, Alberico, assim chamado por causa de seu suposto pai,, tendo ciúmes de seu irmão, João, lançou-o na prisão junto com sua mãe Marozia. Após certo tempo, o filho de Alberico foi eleito papa, em 956 D.C., com o título de João XII; assim a amorosa Marózia deu um filho e um neto ao papado. João tinha somente dezenove anos, quando se tornou chefe do cristianismo. Seu reinado caracterizou-se pelas mais chocantes imoralidades, a ponto de o Imperador Otho I ser forçado pelo clero alemão a interferir. Convocou-se um sínodo, para julga-lo na igreja de São Pedro, perante o qual se verificou que João havia recebido subornos para a consagração de bispos; que ordenara um que tinha apenas dez anos e realizava essa cerimônia com mais outro num estábulo; foi acusado de incesto com uma das concubinas de seu pai, e tantos adultérios, que o palácio de Latrão se tornara um bordel; arrancara os olhos de um eclesiástico, castrara um outro e ambos morreram em consequência dos ferimentos; era dado à embriaguez, ao jogo e à invocação de Júpiter e Vênus. Quando convocado para comparecer perante o conselho, mandou dizer que tinha ido caçar; e aos padres que o reprovavam, lembrava ameaçadoramente que ‘Judas e outros discípulos receberam do Mestre o poder de ligar e desligar, mas que tão logo se verificou ser ele um traidor da causa comum, o único poder que ele reteve foi o de ligar seu próprio pescoço’. Em vista disso foi deposto, e Leão VII, eleito em seu lugar, no ano de 963 D.C.; posteriormente porém, reconquistando o poder, ele prendeu seus antagonistas, cortou a mão de um, e o nariz, e dedos e língua de outros. Sua vida terminou pela vingança de um homem, cuja a esposa havia seduzido.

“Após esses pormenores, é quase inútil aludir aos anais dos papas sucessores, para relatar que João XIII foi estrangulado na prisão; que Bonifácio VII aprisionou Benedito VII e o matou pela fome; que João XIV foi executado secretamente nas masmorras do castelo de Santo Ângelo; que o corpo de Bonifácio foi arrastado pela população através das ruas. O sentimento de reverência para com o soberano pontífice e até mesmo o respeito haviam-se extinguido em Roma; por toda a Europa, o clero estava tão chocado com o estado das coisas que, em sua indignação, começou a encarar, com a aprovação do Imperador Otho, o intento de tirar dos italianos seu privilégio de indicar o sucessor de Pedro, e confina-lo à sua própria família. Mas seu parente Gregório V, a quem colocou no trono papal, foi logo compelido pelos romanos a fugir; suas excomunhões de denúncias religiosas foram por ele ridicularizadas; estavam bem familiarizados com a verdadeira natureza desses horrores, pois eles viviam nos bastidores. Uma terrível punição esperava o anti-papa João XVI. Otho retornou à Itália, prendeu-o, arrancou-lhe os olhos, cortou seu nariz e a língua, e fê-lo andar pelas ruas montado num asno, com a face voltada para o rabo, e um odre na cabeça. Parecia impossível que as coisas pudessem piorar. Entretanto, Roma teria ainda de ver Benedito IX, um menino de menos de doze anos, elevado ao trono apostólico em 1033 D.C. Desse pontífice um de seus sucessores, Victor III, declarou que sua vida foi tão vergonhosa, tão profana, tão execrável, que tremia ao descreve-la. Ele governou mais como um chefe de bandidos do que como prelado. Finalmente o povo, incapaz de suportar seus adultérios, homicídios e abominações por mais tempo, levantou-se contra ele. Sem esperança de manter sua posição, ele colocou o papado em leilão. Foi comprado por um

presbítero chamado João, que se tornou Gregório VI, em 1045 D.C.” (J. W. Draper, “Intellectual Development of Europe”, vol. I, cap. XII, pp. 378-381).

COMENTÁRIOS SOBRE A PASSAGEM DE II TESSALONISSENSES 2:3, 4. convém lembrar que a aplicação das declarações de Paulo quanto à feitas no texto, é aquela costumeiramente apresentada pelos teólogos das denominações protestantes. Não é de forma alguma peculiar a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Leiamos novamente a passagem: “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim (o dia do prometido advento de Cristo) sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus”.

Em Bible Comentary, diz o Dr. Adam Clarke, sobre essa passagem: “os escritores protestantes, em geral, entendem o todo como referindo-se aos papas e à Igreja de Roma, ou a todo o sistema do papado. O bispo Newton examinou a profecia inteira com sua habitual competência e discernimento... A maior parte dos comentaristas modernos segue seus passos. Ele aplica o todo à Igreja romana; a apostasia, sua deserção das puras doutrinas do cristianismo, e o homem do pecado, etc., a sucessão geral dos papas de Roma”. Um resumo da interpretação do bispo Newton é então acrescentado e diz, em parte:

“Porque não será assim sem que antes etc. — O dia de Cristo não virá sem que antes venha a apostasia. A apostasia aqui descrita evidentemente não é de natureza civil, mas religiosa; não uma revolta de governo, mas o abandono da verdadeira religião e culto...”

“De sorte que se assentará, como Deus, no templo etc. — Como ‘templo de Deus’, o apóstolo não podia estar se referindo ao templo de Jerusalém, porque esse, ele sabia, seria destruído dentro de poucos anos. Após a morte de Cristo, o templo de Jerusalém nunca mais foi chamado de templo de Deus, refere-se à igreja em geral ou todo crente em particular. Qualquer pessoa que consultar I Coríntios 3:16, 17; II Coríntios 6:16; I Timóteo 3:15; Apocalipse 3:12, não precisará de mais nenhum exemplo para provar que, na dispensação do evangelho, o templo de Deus é a Igreja de Cristo; e o homem do pecado assentado nele, refere-se ao seu governo e presidência...”

“Diante dessa pesquisa, não há margem para duvidar do sentido e significado geral da passagem. Os tessalonicenses (como vimos em algumas expressões na epístola anterior) estavam alarmados como se o fim do mundo estivesse próximo. Para corrigir esse engano e dissipar seus temores, o apóstolo assegura-lhes que uma grande apostasia ou defecção dos cristãos da verdadeira fé e devoção deveria acontecer antes da vinda de Cristo. Essa apostasia, todos os sinais e características concorrentes nos justificam a imputar à Igreja de Roma. A verdadeira devoção cristã é a adoração do único e verdadeiro Deus, através do único mediador, o homem Jesus Cristo; e dessa adoração, a Igreja de Roma afastou-se de forma notória, substituindo-o por outros mediadores, e invocando e adorando santos e anjos; nada será apostasia, se a idolatria não o for... Se a apostasia é corretamente atribuída à igreja de Roma, segue-se que o ‘homem do pecado’ é o papa, não implicando em qualquer papa em particular, mas o papa em geral, como o principal cabeça e patrocinador dessa apostasia”.

A opinião do Dr. Macknight é também citada por Clarke com aprovação. Em sua obra “Comentary and Notes” (Vol. III, p. 100 etc.), Macknight diz: “como foi dito, o homem do pecado estava para ser revelado em sua época; há pouca dúvida de que a idade média (época do obscurantismo), na qual todo o conhecimento foi subvertido pela irrupção dos bárbaros do norte, era o tempo determinado para a revelação do homem do pecado. Pelo que sabemos, nessa era, a corrupção da cristandade e as usurpações do clero atingiram seu mais alto grau. Em suma, os anais do mundo não conseguem produzir pessoas e acontecimentos aos quais as coisas escritas nessa passagem possam ser aplicadas com tanta propriedade quanto os bispos de Roma”.

CAPÍTULO X

RESULTADOS DA APOSTASIA __ SUAS CONSEQUÊNCIAS

- 1- A condição profundamente apóstata e totalmente corrupta da Igreja de Roma, como se vê em sua história até o fim do século quinze (ver nota 1 no fim do capítulo) foi necessariamente acompanhada da ausência de toda santidade e poder espiritual, quaisquer que tenham sido as arrogantes pretensões da Igreja quanto à autoridade nos assuntos espirituais, não faltaram revoltas contra a Igreja, quer como rebelião contra sua tirania, quer como protesto contra suas heresias. As mais significativas dessas agitações contra a Igreja deram-se em conexão com o despertar das atividades intelectuais que tiveram início na última parte do século quinze. O período entre o século dez e a época desse despertar intelectual, passou a ser conhecido como época do obscurantismo, caracterizada pela estagnação do processo das artes e ciências úteis, bem como das belas-artes e letras, e por uma condição geral de analfabetismo e ignorância entre as massas.
- 2- A ignorância é um solo fértil para o desenvolvimento de males; e o governo despótico e as falácias doutrinárias da Igreja durante esse período de obscurantismo eram nutridos pela ignorância da época. Com a transformação conhecida na história como “o renascer do conhecimento”, veio a luta pela libertação da tirania da Igreja.
- 3- Uma das principais revoltas contra o despotismo temporal e espiritual da igreja papal foi a dos albigenses, na França, no século treze. Esse levante foi sufocado pela autocracia papal com muita crueldade e derramamento de sangue. A revolta seguinte, notável, foi a de John Wickliffe, professor na universidade de Oxford, na Inglaterra no século XIV. Intrepidamente, ele atacou o poder sempre crescente e muitíssimo abusivo dos monges, e denunciou a corrupção da Igreja e o predomínio dos erros doutrinários. Foi particularmente vigoroso nas restrições às papais quanto ao estudo popular das escrituras, e deu ao mundo uma versão inglesa da Bíblia Sagrada traduzida da Vulgata. A despeito da perseguição e sentença, morreu de morte natural; um ano mais tarde, porém, insistindo na vingança, a Igreja fez exumar seus ossos, queima-los e espalhar suas cinzas ao vento.
- 4- No continente europeu, a agitação contra a Igreja foi conduzida por John Huss e Jerônimo de Praga, sendo que ambos colheram o martírio como resultado de seu justo zelo. Estes exemplos são citados para mostrar que, apesar da longa e total apostasia da Igreja, ainda havia homens prontos a sacrificar a vida pelo que julgavam ser a causa da verdade.
- 5- As condições existentes no começo do século dezesseis foram concisamente resumidas por um historiador moderno, como segue: “Antes do começo do século dezesseis, houve comparativamente poucos __ embora existissem alguns como os albigenses, no sul da França, os Wicklifitas, na Inglaterra, e os hussitas, na Boêmia __ que negavam a suprema e infalível autoridade do bispo

de Roma em todos os assuntos que diziam respeito à religião. Falando de maneira geral, seria correto dizer que, no fim do século quinze, todas as nações da Europa ocidental professavam a fé da Igreja Católica Romana ou latina e prestavam obediência ao trono papal”. (Myers, “General History”, p. 520).

A REFORMA

- 6- A próxima notável revolta contra a Igreja papal ocorreu no século dezesseis, e assumiu tais proporções, que a designaram de Reforma. O movimento começou na Alemanha, por volta de 1517, quando Martinho Lutero, monge da ordem agostiniana e instrutor da universidade de Wittenberg, publicamente se opôs e denunciou com grande energia a Tetzl, o único agente das indulgências papais. Lutero estava consciente e convicto de que todo sistema de penitências e indulgências da Igreja eram contrário às escrituras, à razão e ao direito. De acordo com o costume acadêmico da época __ provocar discussões e debates sobre questões controversas __ Lutero escreveu suas famosas noventa e cinco teses contra a concessão de indulgências, e pregou uma cópia delas na porta da igreja de Wittenberg, provocando a crítica de todos os eruditos. A notícia se espalhou e as teses foram discutidas em todos os centros escolásticos da Europa. A seguir, Lutero atacou outras práticas e doutrinas da Igreja romana, e o papa Leão X expediu um édito ou decreto papal contra ele, exigindo um retratamento incondicional, sob pena de excomunhão da Igreja. Lutero queimou em público o documento do papa, declarando abertamente sua revolta. A sentença de excomunhão foi pronunciada.
- 7- Não podemos seguir aqui em minúcias os efeitos desse intrépido reformador. É suficiente dizer que não ficou por muito tempo lutando sozinho. Entre os seus capazes cooperadores, estava Phillip Melancthon, professor em Wittenberg. Lutero foi intimado a comparecer perante um concílio ou “dieta” em Worms, em 1521. ali, defendeu abertamente a liberdade individual de consciência. Em suas palavras havia inspiração: “Não posso submeter minha fé nem ao papa nem ao concílio, porque claro está como o dia que eles têm errado frequentemente e se contradizem uns aos outros. A menos, portanto, que me convençam pelo testemunho das escrituras ou por um raciocínio mais claro __ a menos que me persuadam por meio das passagens que citei, __ e a menos que assim conquistem minha consciência pela palavra de Deus, não posso retratar-me e não me retratarei, pois é inseguro para um cristão falar contra sua consciência. *Aqui estou, nada mais posso fazer, e que Deus me auxilie! Amém!*”
- 8- A controvérsia religiosa se espalhou por toda a Europa. Na segunda Dieta de Spire (1529), foi expedido um édito contra os reformadores; diante disso, os representantes de sete principados alemães e outros delegados apresentaram um protesto formal, em consequência do que os reformadores, desde aí, ficaram conhecidos como protestantes. João, eleitor da Saxônia, apoiava Lutero em sua posição à autoridade papal, e propô-se a estabelecer uma Igreja independente, cuja constituição e plano foram preparados a seu pedido por Lutero e Melancthon. Lutero morreu em 1546, mas o trabalho de revolução, senão de

reforma, continuou a crescer. Os protestantes, contudo, logo se dividiram e separaram-se em muitas seitas contendoras.

- 9- Na Suíça, Ulrich Zwingli liderou o movimento de reforma. Foi acusado de heresia e, ao ser julgado, defendeu-se baseado na autoridade da Bíblia contra o édito papal, e teve sucesso na ocasião. A luta foi amarga e, em 1531, os católicos e protestantes da região se empenharam em batalha real, na qual Zwingli foi morto, e seu corpo brutalmente mutilado.
- 10- João Calvino aparece em seguida como líder dos reformadores suíços, embora fosse um oponente de muitas das doutrinas de Zwingli. Exerceu influência como mestre e é conhecido como extremista em doutrina. Advogou e defendeu veementemente o dogma de predestinação absoluta, negando, assim, o livre arbítrio do homem. Na França, Suécia, Dinamarca e Holanda apareceram líderes, e os protestantes se tornaram fortes em sua oposição à Igreja Romana, embora as várias divisões fossem antagônicas em muitos pontos de doutrina.
- 11- Um dos efeitos dessa revolta protestante foi a Igreja Romana despertar para a necessidade de reforma interna. Tentou-se, então, restabelecer autoritariamente os princípios católicos. Esse movimento foi em grande parte realizado através do famoso concílio de Trento (1545-1563), que desaprovou as “indulgências” e negou responsabilidade por muitas arbitrariedades de que a igreja era acusada. Mas, com a tentativa de reforma, veio a exigência de se obedecer mais implicitamente aos requisitos da Igreja.
- 12- Próximo ao fim do século quinze, no reinado de Fernando e Isabel, estabeleceu-se na Espanha o tribunal da Inquisição, então conhecido como o Santo Ofício. O principal escopo desse tribunal era a descoberta e punição da heresia. Dessa ignominiosa instituição que operava na Espanha, Myers diz: “O santo Ofício, como denominavam o tribunal, tornou-se, assim, o instrumento da mais incrível crueldade. Milhares foram queimados na fogueira, e dezenas de milhares condenados a suportar penas das mais terríveis. A Rainha Isabel, ao dar seu consentimento para se estabelecer o tribunal em seus domínios, foi, sem dúvida, levada pelo mais puro ardor religioso, pois acreditava sinceramente que, suprimindo a heresia, estava cumprindo um simples dever e prestando a Deus um bom serviço. ‘Pelo amor de Cristo e sua Virgem Mãe’, diz ela, ‘causei grandes misérias. Despovoei cidades e distritos, províncias e reinos.’” (Myers, “General History”, p. 500).
- 13- Ora, no século dezesseis, em conexão com a tentada reforma das doutrinas do catolicismo, a terrível Inquisição “assumiu novo vigor e atividade, e a heresia era tratada severamente”. Consideraremos o seguinte para esclarecer as condições daquela época: “Nesse ponto, em ligação com as perseguições da Inquisição, não devemos deixar de recordar que, no século dezesseis, uma recusa a se conformar com o culto estabelecido era considerada por todos, tanto pelos protestantes como pelos católicos, como uma espécie de traição à sociedade e tratada de acordo. Assim vemos Calvino, em Genebra, consentindo na queima de Servetus (1553) por haver publicado pareceres que os calvinistas julgavam heréticos; e na Inglaterra, vemos os protestantes anglicanos desfechando as mais cruéis, amargas e persistentes perseguições, não só contra os católicos, mas também contra todos os protestantes que se recusavam a aceitar a Igreja estabelecida”. (Myers, “General History”, p. 527).

- 14- O que dizer de uma Igreja que procura propagar a fé por semelhantes métodos? Serão fogo e espada as armas com que luta a verdade? Tortura e morte são argumentos do evangelho? Por mais terríveis que fossem as perseguições que a Igreja sofreu nas mãos de inimigos pagãos, as perseguições desfechadas pela Igreja apóstata eram bem piores. Pode tal Igreja ter a possibilidade de ser a igreja de Cristo? Não, absolutamente não.
- 15- Nas revoltas que notamos contra a Igreja de Roma, notadamente na Reforma, o ardor dos reformadores os levou a muitos erros nas doutrinas que advogavam. O próprio Lutero proclamou a doutrina da predestinação absoluta e a justificação somente pela fé, anulando, assim, a crença nos divinos direitos do livre arbítrio, e desprezando a importância do esforço individual. (Ver Regras de fé, do autor, capítulo 5). Calvino e outros foram menos extremistas. Não obstante, seus ministérios contribuíram para despertar a consciência individual e auxiliaram na conquista de certa liberdade religiosa da qual o mundo esteve privado por muito tempo. (Ver Nota 2 no fim do capítulo).
- 16- Na ocasião da revolta de Martinho Lutero contra a Igreja Romana, Henrique VII reinava na Inglaterra. Como todos os outros países da Europa Ocidental, a Grã-Bretanha foi profundamente agitada pelo movimento da reforma. O rei defendeu abertamente a Igreja Católica e publicou um livro, rebatendo as alegações de Lutero. Isto agradou tanto ao papa Leão X, que conferiu ao Rei Henrique o distinto título de “defensor da fé”. Tal se deu por volta de 1522, e desde aquela época até a presente, os soberanos britânicos conservam com orgulho esse título.
- 17- Poucos anos depois de receber esse título, encontramos o Rei Henrique entre os mais implacáveis inimigos da Igreja Romana. A mudança aconteceu dessa maneira: Henrique queria divorciar-se da esposa, a Rainha Catarina, para casar-se com Ana Bolena. O papa hesitou em conceder o divórcio, e Henrique impacientou-se e, sem levar em conta a autoridade papal, casou-se secretamente com Ana Bolena. O papa excomungou o Rei da Igreja. O parlamento inglês, seguindo instruções do Rei, aprovou o célebre ato de supremacia, em 1534. Esse estatuto declarava o fim absoluto de toda fidelidade à autoridade papal, e proclamava o Rei como chefe supremo da Igreja na Grã-Bretanha. Assim, surgiu a Igreja Anglicana, sem alegar autoridade divina, e sem qualquer semelhança de sucessão no sacerdócio.
- 18- A princípio houve pouca inovação na doutrina ou ritual da recém-formada Igreja. E isso originou uma revolta. Mais tarde, foram adotados um credo e um plano de organização, dando à Igreja Anglicana algumas características próprias. Durante os reinados de Eduardo VI, da Rainha Mary e da Rainha Elizabeth, as perseguições entre católicos e protestantes foram extensas e violentas. Apareceram várias seitas não conformistas, entre elas os puritanos e os separatistas. Estes eram tão perseguidos, que muitos fugiram para Holanda como exilados. Dentre estes, apareceu a notável colônia dos Pais Peregrinos, que viajaram no “Mayflower” para o litoral no recém-descoberto continente e se estabeleceram na América.
- 19- O estudante arguto não pode deixar de ver no progresso da grande apostasia e seus resultados, a existência de um poder dominante, operando no sentido do bem, por mais misteriosos que sejam seus métodos. As dolorosas perseguições

a que os santos estiveram sujeitos nos primeiros séculos de nossa era, os tormentos, as torturas, o derramamento de sangue em defesa do testemunho de Cristo, o surgimento de uma Igreja apóstata, cegando o intelecto e conduzindo cativas as almas dos homens __ todas essas terríveis cenas foram previstas pelo Senhor. Conquanto não possamos dizer ou crer que tais exhibições de depravação humana e impiedade do coração estivessem de acordo com a vontade divina, certamente Deus quis permitir a manifestação do livre arbítrio do homem, no exercício no qual ganharam a coroa de mártir, e outros fizeram transbordar a taça de sua iniquidade.

- 20- Não menos evidente é a divina permissão das revoltas e rebeliões, das revoluções e reformas, desencadeadas em oposição à tenebrosa influência as Igreja apóstata. Wycliffe e Huss, Lutero e Melanchthon, Zwingli e Calvino, Henrique VII e sua arrogante presunção de autoridade sacerdotal, John Knox na Escócia, Roger Williams na América __ estes e muitos outros construíram melhor do que podiam e com seus esforços assentaram, em parte, o alicerce da estrutura da liberdade religiosa e liberdade de consciência __ e isto em preparação para ser restaurado o evangelho, como fora divinamente predito.
- 21- Do século dezesseis até a época atual, as seitas professamente fundamentadas nos dogmas do cristianismo se multiplicaram com rapidez. Elas agora podem ser contadas às centenas. De cada lado ouve-se o clamor: “Eis aqui Cristo”, ou “Eis ali Cristo”. Existem igrejas designadas segundo seu lugar de origem __ como a Igreja Anglicana; outras seitas foram denominadas em honra aos seus famosos organizadores __ como os luteranos, calvinistas, wesleyanos; outras são conhecidas por alguma peculiaridade do credo ou doutrina __ como os metodistas, presbiterianos, e batistas; mas até princípios do século dezenove não havia nenhuma igreja sequer com o nome ou título de igreja de Cristo. A única igreja existente naquele tempo que se aventurava a afirmar autoridade por sucessão era a Igreja católica, que, conforme vimos, se encontrava totalmente sem sacerdócio ou comissão divina.
- 22- Se a “Madre Igreja” não tem autoridade divina ou força espiritual, como podem suas filhas herdar dela o direito de officiar nas coisas de Deus? Quem ousa afirmar o absurdo de que o homem pode originar para si próprio um sacerdócio que será honrado e respeitado por Deus? Suponhamos que os homens possam criar entre eles sociedades, associações, seitas e igrejas, se quiserem designar assim suas organizações religiosas; suponhamos que possam formular leis, prescrever regras, e elaborar minuciosos planos de organização e governo, e que todas essas leis, regras e planos de administração sejam obrigatórios aos que voluntariamente se tornam membros __ garantindo todos esses poderes e direitos __ de onde poderão essas criaturas humanas derivar a autoridade do santo sacerdócio, sem a qual não pode existir nenhuma de Cristo? Se o poder e autoridade fossem, porventura, de origem humana, nunca teria havido uma Igreja de Cristo na terra, e as alegadas ordenanças salvadoras do evangelho não teriam passado de cerimônias vazias.
- 23- Nossa análise da “Grande Apostasia”, como é apresentada neste tratado, não exige qualquer estudo crítico, pormenorizado ou detalhado da Igreja Católica Romana existentes nos dias de hoje, nem de quaisquer das numerosas denominações protestantes que surgiram como filhas da chamada “madre

igreja”. A apostasia estava completa no que concerne à perda real do sacerdócio e do poder espiritual da Igreja, bem antes da revolta do século dezesseis, conhecida na história como a Reforma. É instrutivo observar, contudo, que a fraqueza das seitas protestantes quanto a quaisquer alegações de designação e autoridade divina é reconhecida por elas próprias. A Igreja Anglicana que, como vimos, se originou da revolta contra a Igreja católica e seu papa, não tem base para reclamar autoridade divina em suas ordens sacerdotais, a menos realmente, que ouse assegurar o absurdo de que reis e parlamentos podem criar e arrogar-se autoridade celestial por determinação de leis terrenas.

- 24- A Igreja Católica Romana é pelo menos consistente em sua alegação de uma linha sucessória contínua no sacerdócio, desde a era apostólica até a presente, embora essa assertiva seja insustentável à luz de uma interpretação racional da história. Mas o fato é que a Igreja Católica é a única organização que se aventura a reclamar a posse atual do santo sacerdócio pela ininterrupta descendência desde os apóstolos do Senhor. A Igreja Anglicana, principal entre as seitas protestantes, e todas as igrejas dissidentes, são por sua própria admissão e pelas circunstâncias de sua origem, instituições do homem, sem pretender possuir os poderes e autoridade do santo sacerdócio.
- 25- Ainda em 1896, a questão da validade das ordens sacerdotais na Igreja Anglicana era oficial e abertamente discutida e considerada, tanto na Inglaterra como em Roma. Lord Halifax, presidente da União da Igreja Anglicana, conferenciou com autoridades do vaticano para verificar a possibilidade de uma aproximação maior entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Anglicana pelo papa e pela Igreja de Roma. O movimento, favorável aos interesses da unidade e da paz, tinha o apoio do premier, Mr. Gladstone. O papa Leão XIII finalmente publicou um decreto, recusando a reconhecer em qualquer grau a autoridade das ordens Anglicana, declarando expressamente que todas as alegações de autoridade sacerdotal da Igreja Anglicana eram absolutamente inválidas.
- 26- Indiscutivelmente, a Igreja de Roma não podia agir de outra forma, e ainda manter a consistência de sua própria alegação de posse exclusiva do sacerdócio pela sucessão. A Igreja Anglicana não teria certamente, procurado qualquer reconhecimento da condição de seu sacerdócio pela Igreja de Roma, tivesse ela qualquer pretensão independente do poder e autoridade do sacerdócio. A Igreja Católica Romana declara que todas as denominações protestantes são organizações apóstatas ou instituições de criação humana, sem o mais remoto elo com a igreja que alega a sucessão no sacerdócio. Em resumo, a “Madre Igreja” apóstata proclama agressivamente a perfídia de seu rebento.

ADMITIDA A APOSTASIA

- 27- A veracidade da grande apostasia é admitida. Muitos teólogos que professam crença no cristianismo declaram o fato. Assim lemos: “não devemos esperar

ver a Igreja de Cristo em sua perfeição na terra. Ela não será encontrada assim perfeita, quer nos fragmentos reunidos no reino cristão ou ainda menos em quaisquer desses fragmentos”. (Smith, “Dictionary of the Bible”).

- 28- John Wesley, que viveu de 1703 a 1791 D.C. e que se destaca entre os fundadores do metodismo, comenta como segue a apostasia da igreja cristã evidenciado pelo precoce declínio do poder espiritual e cessação dos dons e graças do Espírito de Deus dentro da Igreja: “Não parece que esses extraordinários dons do Espírito Santo (Ver I Coríntios, cap. 12) fossem comuns na Igreja por mais de dois ou três séculos. Raramente ouvimos falar deles após aquele período fatal, em que o imperador Constantino se denominou a si próprio de cristão, na vã idéia de favorecer a causa cristã, e assim acumular riquezas, poder e honra sobre os cristãos em geral, mas em particular sobre o clero cristão. Dessa época em diante, eles quase que cessaram totalmente, sendo encontrados bem poucos exemplos da espécie. A causa disso não era, como foi suposto, por não haver mais ocasião para eles, já que todo o mundo se tornara cristão. Isto é um infeliz engano; nem uma vigésima parte dele era então nominalmente cristã. A causa real foi que o amor de muitos, quase todos pretensos cristãos, esfriara. Os cristãos não tinham mais do Espírito de Cristo que os outros pagãos. O filho do homem, quando veio examinar a sua igreja, dificilmente pode encontrar fé na terra. Esta foi a causa real de não mais se encontrarem na igreja cristã os extraordinários dons do Espírito Santo — porque os cristãos estavam se tornando novamente pagãos, restando apenas uma aparência de devoção”. (Obras de John Wesley, vol. II, 89:26-27; ver nota três no fim do capítulo).
- 29- A Igreja Anglicana declara oficialmente a degeneração e perda da autoridade divina nestas palavras: “Leigos e clero, intelectuais e não-intelectuais, todas as idades, seitas e posições mergulharam na abominável idolatria mais detestada por Deus e maldita ao homem, durante oitocentos anos ou mais”. (Igreja Anglicana, “Homily on Perils of Idolatry”, p, 3). O “livro das Homilias”, no qual a Igreja anglicana faz tal declaração, data dos meados do século dezesseis. Segundo essa exposição oficial, portanto o mundo religioso fora totalmente apóstata durante oito séculos antes do estabelecimento da Igreja Anglicana. O fato da apostasia universal foi amplamente proclamado, porquanto as homilias das quais a precedente citação é tomada, eram “destinadas a serem lidas nas igrejas”, em lugar de sermões, sob condições específicas.
- 30- *A grande apostasia foi divinamente predita; seu cumprimento é atestado pelas escrituras sagradas como pela história secular.*
- 31- O santo dos últimos dias fiel encontrará uma prova concludente da apostasia universal e da absoluta necessidade de uma restauração do sacerdócio dos céus na resposta divina à pergunta do menino Joseph Smith, sobre a qual de todas as seitas estava certa: “Foi-me respondido que não me filiasse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas; e o personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à sua vista; e que todos aqueles mestres eram corruptos, que eles se chegam a mim com os lábios, porém, seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o meu poder”. (Pérola de Grande Valor, Joseph Smith 2:19).

A CONSEQUÊNCIA

- 32- A consequência da grande apostasia é a restauração do evangelho, marcando a inauguração da Dispensação da Plenitude dos Tempos. Este memorável acontecimento ocorreu na primeira parte do século dezenove, quando o Pai e o Filho se manifestaram ao homem, e o santo sacerdócio, com todos os seus poderes e autoridade, foi outra vez trazido à terra.
- 33- A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias proclama ao mundo essa gloriosa restauração, — ao mesmo tempo a consumação da obra de Deus através das eras e a preparação para o segundo advento de Jesus, o Cristo. A Igreja afirma que, após a longa noite de escuridão espiritual, voltou a luz do céu; e que a igreja de Cristo foi autorizadamente estabelecida. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias está sozinha na declaração de que o santo sacerdócio opera na terra, não como uma herança através da continuação terrena desde a era apostólica, mas como a dotação de uma nova dispensação, trazida à terra por ministrações celestiais. Nessa restauração, divinamente predita e divinamente realizada, foi testemunhada a realização da visão do Revelador:

“ e vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra,, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo; dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora de seu juízo. E adorai aquela que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. (Apocalipse 14:6,7 para um estudo da restauração do evangelho, ver “Regras de Fé”, do autor, Capítulo 11. ver notas 4 e 5 no fim do capítulo).

NOTAS

TESTEMUNHO PAPISTA DA CORRUPÇÃO DA IGREJA. “O estudante judicioso da história eclesiástica observará que tento constantemente tirar minhas provas das fontes mais verídicas. Por exemplo: Para provar os estado corrupto do clero, e as práticas abomináveis da Sé Romana, apresentarei a evidência de George da Saxônia, o mais fanático papista, a quem os católicos romanos consideram entre os mais sinceros e ativos dos santos defensores de sua religião. Mas, como com eles, as afirmações de Lutero e outros reformadores nada mais são do que exageros, deturpações ou falsidades, que pelo menos ouçam esse duque, seu constante amigo e defensor, que, geralmente, em assuntos religiosos, era contrário ao seu parente, o eleitor da Saxônia, e que aprovou inteiramente a condenação de Lutero, em Worms. Esse George da Saxônia apresentou à dieta doze tópicos de queixas que clamavam alto por reforma. Duas destas são brevemente comentadas como segue: 1. Indulgências, que deveriam ser obtidas por orações, jejuns, benevolência para com nosso vizinho e outras boas obras, são vendidas por dinheiro. Seu valor ultrapassa toda decência. O único objetivo é ganhar muito

dinheiro. Por isso, os pregadores que deveriam pregar a verdade, não ensinam aos homens nada mais que mentiras e fraudes. Não só lhes é permitido continuar assim, como são bem pagos por suas arengas fraudulentas. A razão é que. Quanto maior convicção conseguirem produzir entre seus ouvintes, tanto mais dinheiro fluirá para as arcas. Rios de escandalosos procedimentos resultam dessa fonte corrupta. Os oficiais dos bispos são igualmente ativos em ajuntar dinheiro. Atormentam o pobre com censuras pelos grandes crimes como prostituição, adultério, blasfêmia; mas poupam os ricos. O clero comete esses mesmos crimes e ninguém o censura. As faltas que deviam ser expiadas com orações e jejuns são remidas pelo dinheiro, para que os oficiais possam pagar grandes somas aos seus respectivos bispos e reter parte do ganho para si próprios. Nem quando uma multa é imposta, isto é feito de modo que impeça o cometimento da mesma falta no futuro, mas para que o delinqüente entenda que pode repetir a mesma coisa, contanto que esteja pronto a pagar. Conseqüentemente, todos os sacramentos são vendidos por dinheiro; e onde isso é impossível, são totalmente negligenciados. 2. Outra queixa apresentada por esse duque zeloso: a escandalosa conduta do clero é uma frutífera fonte de destruição das almas dos pobres. É necessária uma reforma universal; e isso não poderia ser feito melhor senão por um concílio geral. Portanto, é o mais ardente desejo de todos nós que tal medida seja adotada”. (Milner, “Church History”, Sec. XVI, Cap. 6, rodapé).

INCIDENTES EXTERNOS DA REFORMA. “Quais eram as constantes reprovações aplicadas à Reforma por seus inimigos? Que resultado lhes jogam em rosto, como se fossem irresponsáveis? As duas principais são: primeiro, a multiplicidade das seitas, a excessiva liberdade de pensamento, a destruição de toda autoridade espiritual e a total dissolução da sociedade religiosa; segundo, tirania e perseguição. ‘Vocês provocam a imoralidade’, diziam aos reformadores; ‘vocês a criaram; e após serem a causa dela, desejam restringi-la, reprimindo-a e como querem reprimi-la? Pelos meios mais severos e violentos. Vocês também se arrogam punir a heresia, e isso em virtude de uma autoridade ilegítima’. __ Guizot.

“O dogma sectário da justificação somente pela fé exerceu uma influência maléfica desde os primeiros dias da cristandade. O conceito sobre o qual se fundamentou essa perniciosa doutrina, estava a princípio associado à predestinação absoluta, pela qual o homem era predestinado à destruição ou a uma salvação inteiramente desmerecida. Assim Lutero ensinava: ‘A excelente, infalível e única preparação para a graça é a eleição e predestinação eterna de Deus’. Desde a queda do homem, o livre arbítrio é apenas uma palavra inútil’. ‘O homem que imagina alcançar a graça fazendo tudo o que é capaz de fazer, acrescenta pecado a pecado e é duplamente culpado’. ‘O homem que realiza muitas obras não é justificado; mas sim aquele que sem obras tem muita fé em Cristo’. (Para estas e outras doutrinas da Reforma, ver “History of the Reformation”, de D’Aubigne, vol. I, pp. 82, 83, 119, 122). Em “Church History”, de Milner, vol. IV, p. 514, lemos: ‘O ponto com que o reformador Lutero mais se importava em todos os trabalhos, debates e perigos, era a justificação somente pela fé’. Melancthon cita a doutrina de Lutero nestes termos: ‘A justificação do homem perante Deus procede somente da fé. Esta fé entra no coração do homem somente pela graça de Deus’; e ainda: ‘como todas as coisas que acontecem, elas ocorrem necessariamente de acordo com a divina predestinação; não existe essa chamada liberdade em nossas vontades’. (D’Aubigne, vol. III, p. 340). É verdade que Lutero denunciava com vigor e repudiou com veemência a responsabilidade pelos excessos a que esse ensinamento deu origem; no entanto, não foi menos vigoroso em proclamar a doutrina. Vejamos suas palavras: ‘Eu, Dr. Martinho Lutero, indigno arauto da doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo, confesso esta regra, de que somente a fé sem obras justifica perante Deus; e declaro que ela resistirá e permanecerá para sempre, a despeito do imperador dos romanos, do imperador dos turcos e do imperador dos persas __ a despeito do papa e de todos os cardeais, com os bispos, sacerdotes, monges e freiras __ a despeito dos reis, príncipes e nobres, e a despeito de todo o mundo e dos próprios demônios; e que, se eles tentarem lutar contra esta verdade, atrairão sobre sua cabeça as chamas do inferno. Este é o verdadeiro e santo evangelho,, e eu, Martinho Lutero, o declaro, de acordo com os ensinamentos do Espírito Santo”’. (ver “Regras de Fé”, do autor, cap. 5, nota 2).

DIVERSOS PONTOS DE VISTA COM RESPEITO À CONTINUAÇÃO OU DECLÍNIO DOS DONS ESPIRITUAIS. “Os escritores protestantes insistem em que a época dos milagres terminou com o quarto ou quinto século, e que depois deles não mais se devem procurar os extraordinários dons do Espírito. Os escritores católicos, por outro lado, insistem em o poder de fazer milagres sempre continuou na Igreja; entretanto, as manifestações espirituais que descrevem após o quarto ou quinto séculos, têm sabor de invenção por parte dos sacerdotes, e de credulidade infantil por parte do povo; ou então, o que era aclamado como miraculoso, carecia do poder e dignidade das manifestações espirituais que a Igreja Primitiva estava acostumada a presenciar. As virtudes e os prodígios, atribuídos aos ossos e outras relíquias dos mártires e santos, são pueris em comparação com as curas pela unção com óleo e a imposição das mãos, o dom das línguas, interpretação, profecias, revelações, expulsão de demônios em nome de Jesus Cristo; sem falar dos dons da fé, sabedoria, conhecimento, discernimentos de espíritos etc. __ Comuns na Igreja nos dias dos apóstolos (I Coríntios 12:8-10). Nem existe nada nas escrituras ou na razão que leve alguém a acreditar que deviam ser interrompidos. Alegam ainda os cristãos modernos __ explicando a ausência desses poderes espirituais entre eles __ que os extraordinários dons do Espírito se destinavam unicamente a acompanhar a proclamação do evangelho durante os primeiros séculos, até que a Igreja estivesse apta a prosseguir sem eles, e depois seriam eliminados. É suficiente comentar sobre isso, que é pura e simples presunção e continua sem justificativa quer da escritura ou da razão; e prova que os homens modificaram tanto a religião de Jesus Cristo, que se tornou uma forma de religiosidade sem o poder desta”. (B.H.Roberts, “Outlines of Ecclesiastical History”, parte II, Sec. V, 6-8).

COMENTÁRIO DA VISÃO DA RESTAURAÇÃO PELO REVELADOR. É instrutivo averiguar a interpretação dada pelos estudiosos da Bíblia à profecia citada por João, o Revelador, predizendo o advento do anjo que “tinha o evangelho eterno”. O DR. Clarke oferece essas reflexões sobre a passagem: “*E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno*”. Se esse anjo significava mais que uma especial dispensação de providência e graça, pela qual o evangelho será rapidamente enviado através do mundo inteiro; ou se significava algum mensageiro especial, ordem de pregadores, povos ou sociedades cristãs, cujo objetivo declarado era enviar o evangelho do reino através da terra, não sabemos. Mas a visão parece verdadeiramente descritiva de uma instituição extinta, intitulada “Sociedade da Bíblia Inglesa e Estrangeira”, cujo objetivo era imprimir e fazer circular as escrituras do Novo e do Velho Testamentos por todo o mundo habitável, e em todas as línguas faladas na terra. (Clarke, “Bible Commentary”, Apocalipse 14:6).

O ilustre comentarista deve ser elogiado por sua franca admissão de incerteza com respeito à exata interpretação dessa escritura, e pela maneira provisória e especulativa com que indica uma possível aplicação à larga distribuição da Sagrada Bíblia através dos esforços de uma sociedade muito digna e influente. Deve-se notar que o Dr. Clarke escreveu seu famoso comentário da Bíblia pouco antes da real restauração do evangelho pela ministração Angélica, que resultou no estabelecimento de A igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sua pesquisa do cumprimento da predição foi necessariamente insatisfatória e, realmente, sem sucesso, uma vez que o cumprimento não havia ocorrido. A louvável obra da sociedade da Bíblia era uma preparação para o cumprimento da importante profecia, mas não o próprio cumprimento em si.

A RESTAURAÇÃO DA IGREJA. “Nos primeiros dez séculos imediatamente subseqüentes ao ministério de Cristo, a autoridade do evangelho foi tirada dos homens, e nenhum ser humano podia restaura-la. Mas o Senhor em sua misericórdia proveu o restabelecimento de sua Igreja nos últimos dias, e pela última vez; e profetas antigos previram essa era de renovada luz, e cantam em tons jubilosos essa sua vinda”. (ver Daniel 2:44, 45; 7:27; Mateus 24:14; Apocalipse 14:6-8) “Essa restauração foi efetuada pelo Senhor através do Profeta Joseph Smith, que, juntamente com Oliver Cowdery, em 1829, recebeu o sacerdócio Aarônico das mãos de João Batista, e mais tarde o sacerdócio de Melquisedeque das mãos dos apóstolos dos primeiros dias, Pedro, Tiago e João. Pela autoridade assim concedida, a Igreja foi novamente organizada com toda a sua primitiva perfeição, e a humanidade mais uma vez se regozija nos

privilégios inestimáveis dos conselhos de Deus. Os santos dos últimos dias declaram possuir a verdadeira organização da igreja, similar nas coisas essenciais à organização efetuada por Cristo entre os judeus; estes povos dos últimos dias professam ter o sacerdócio do Todo-Poderoso, o poder de agir em nome de Deus, cujo poder ordena o respeito na terra e no céu”. (“Regras de Fé”, do autor, Capítulo 11:12)

FIM

“ESTE TRABALHO FOI ESCRITO NA ESPERANÇA DE QUE SEJA ÚTIL AOS ÉLDERES NO CAMPO MISSIONÁRIO, ÀS CLASSES E AOS QUORUNS EMPENHADOS NO ESTUDO DE ASSUNTOS TEOLÓGICOS EM CASA, E PARA OS PESQUISADORES SINCEROS DOS ENSINAMENTOS E AFIRMAÇÕES DA IGREJA RESTAURADA DE JESUS CRISTO”.

(JAMES E. TALMAGE)